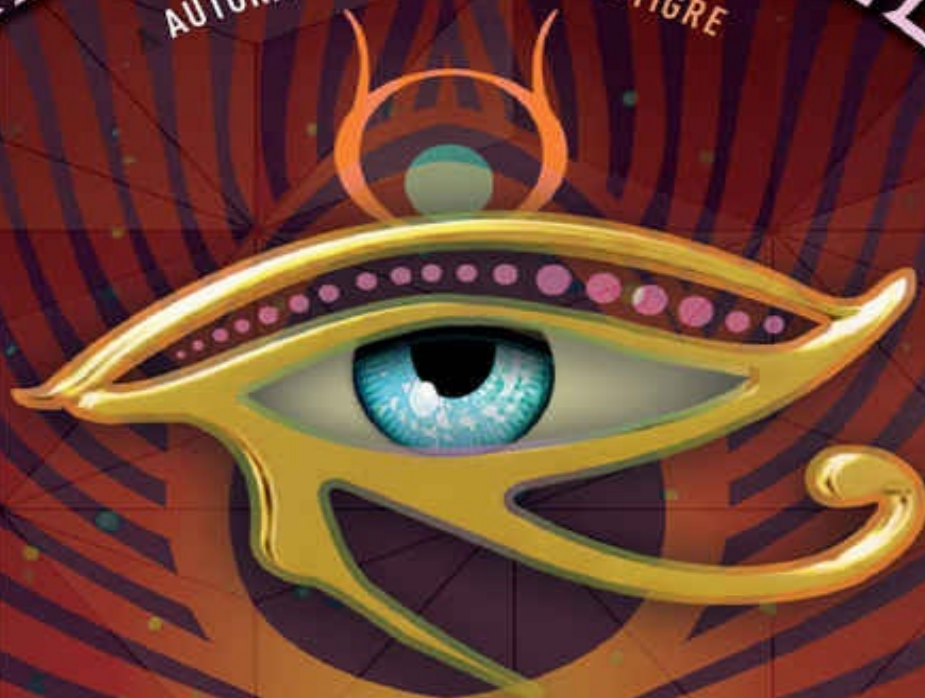


PRECURSOR DA SÉRIE DEUSES DO EGITO

COLLEEN HOOVER

AUTORA DE A MALDIÇÃO DO TIGRE



O DUELO DOS IMORTAIS



ARQUEIRO





O DUELO DOS IMORTAIS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

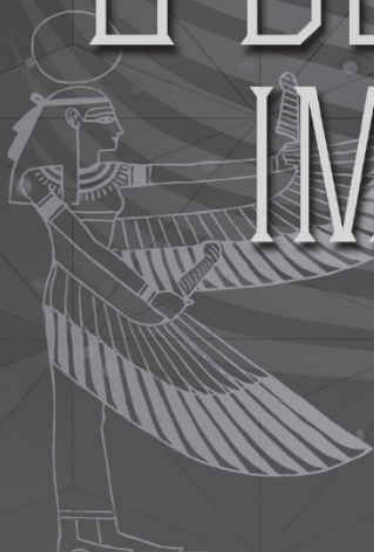
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

COLLEEN HOOVER



O DUELO DOS
IMORTAIS



ARQUEIRO



Título original: *Reignited*

Copyright © 2017 por Colleen Houck
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Ban

preparo de originais: Raquel Zampil

revisão: Juliana Souza e Luis Américo

diagramação: Laura Arbex | Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Chris Saunders

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: Olho de Hórus: andegro4ka / istockphoto;

Padrões geométricos: Belausava Volha / Shutterstock;

Mulher alada: Hoika Mikhail / Shutterstock

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H831d

Houck, Colleen

O duelo dos imortais [recurso eletrônico] / Colleen Houck; tradução de Ana Ban.
São Paulo: Arqueiro, 2017.

recurso digital (Deuses do Egito; 0)

Tradução de: *Reignited*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-8041-722-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Ban, Ana. II. Título. III. Série.

17-40937

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Becca, Sam e Josh,
que me ensinaram a amar *Doctors*

A pretensão do amor

Antigo poema de amor egípcio

Com a fraqueza e a exaustão da mazela
Todo o dia na cama passarei;
Meus amigos virão para trelas
E entre eles ela eu verei.
Ela fará sentir vergonha aos médicos,
Eles que estarão sobre mim a ponderar,
Porque só ela, a minha amada,
Conhece bem o meu mal-estar.

A canção da pomba

Antigo poema de amor egípcio

Ouçó a tua voz, ó rolinha...
Enquanto a alvorada se ilumina...
Exausta estou de amor, de amor.
Ó, para onde minh'alma caminha?
Não deve, ó formoso pássaro,
A alegria ser negada...
Pois encontrei meu amado, meu amor;
E estou por ele acompanhada.
Avançamos os dois, de mãos dadas
Caminhando por veredas floridas...
Sou da terra de todas a mais bela,
Porque ele assim me fez definida.

(Poemas extraídos de *Egyptian Myths and Legends* [Mitos e lendas egípcias], por Donald Mackenzie – tradução livre.)

PRÓLOGO

Amadurecimento

Seth se agachou para dar uma olhada no rosto da mortal que tremia a seus pés. Tinha sido um acidente – um acidente maravilhoso, terrível, incrível. A euforia e o horror se retorciam em seu interior a ponto de ele se sentir quase fisicamente doente com o turbilhão emocional causado pelo que tinha feito. Pelo que ele... era.

Séculos tinham se passado sem nenhum sinal de que Seth algum dia iria dominar os próprios poderes. Osíris – alto e bonito, com o maxilar bem talhado e o sorriso fácil, o herói preferido de todos – ostentava suas habilidades desde garotinho. Ísis – a irmã linda, gloriosa e distante de Seth – era em todos os aspectos a deusa perfeita e intocável. Se Seth tivesse uma fração que fosse de sua capacidade de lançar feitiços e manipular a magia, agradeceria às estrelas e ficaria satisfeito com a parte que lhe cabia.

Até Néftis, por mais discretos que fossem seus poderes, tinha desenvolvido certo talento como vidente e a capacidade de traduzir as mensagens das estrelas muito antes dele.

Não era justo.

Seth ficou ali parado com os punhos cerrados ante esse pensamento, ignorando a mulher que se contorcia prostrada à sua frente.

Ele era o último filho. O mais novo. Não era culpa sua que as Águas do Caos já estivessem quase vazias quando nasceu; no entanto, era ele quem pagava o preço. Enquanto seus irmãos aprenderam a aperfeiçoar suas habilidades desde crianças e passavam as noites se exibindo uns para os

outros, tudo que lhe restava era ficar observando, cheio de inveja, com o peito apertado e os dentes cerrados, imaginando quando, ou mesmo se um dia, encontraria seu lugar no universo.

Durante a adolescência desejeitada – que para os deuses era éons mais longa do que para os mortais, visto que seu ciclo de vida está mais para o das estrelas – ele havia treinado com determinação ao longo de dias e semanas seguidas, sem nunca parar para se alimentar nem descansar, até desabar de exaustão e se afundar no vale do peito do pai em busca de uma trégua. Ele tinha esperança de que o pai pelo menos reconhecesse seus esforços, talvez notasse o suor pungente que lhe escorria pela nuca e pelo rosto vermelho acalorado. Mas o deus da terra não ligava para essas coisas e, na realidade, considerava a dolorosa ausência de progresso do filho caçula algo bem menos do que digno de um deus.

Quando Seth reclamava e implorava por uma audiência, seu pai, Geb, respondia com um mero tremor de terra, isso quando se dava ao trabalho de responder. Aos poucos, Seth parou de procurar sua orientação.

Em seguida, voltou os olhos para os céus e implorou para a mãe, que olhou lá de cima para ele, as nuvens de seu cabelo se agitando. Não havia nada que ela pudesse fazer para confortá-lo, a não ser oferecer suas lágrimas. Gotas salgadas caíam e ele logo se via no meio de uma poça do pesar dela. Não. Geb e Nut não iriam ajudá-lo.

Uma vez, ele procurou o avô em busca de conselhos. Mas Shu, o deus do ar, só lhe disse que parasse de reclamar e se transformasse logo no deus que era. Se não conseguia fazer isso, devia se espelhar no comportamento do irmão mais velho, Osíris. E, para completar suas observações, Shu mandou uma ventania forte para secar as lágrimas do jovem Seth; no entanto, o vento quente o carregou até o outro lado da Terra antes que ele conseguisse reunir força suficiente para resistir ao poderoso empurrão de seu ancestral.

Não demorou muito para que parasse de procurar qualquer ajuda. Com o tempo, Seth deixou de buscar a companhia de seus parentes mais velhos e passou a ignorar os chamados deles para que participasse das arrastadas reuniões do recém-organizado Ennead.

Que importância tinham para ele as dificuldades dos mortais ou o governo do cosmos? O que esse mesmo cosmos tinha feito por ele? Além do mais, ele

não suportava os olhares de pena das irmãs ou, pior, a expressão alvoroçada de prazer de ambas sempre que Osíris agraciava os salões de Heliópolis com sua presença.

Aliás, Seth só tinha visitado Heliópolis nos últimos cem anos para observar Ísis. Seth havia passado muitas e longas noites recostado entre as folhas dos galhos da árvore que roçava a janela dela. Ela quase sempre estava fora, dando conta de uma ou outra tarefa que o senhor de todos os deuses, Amon-Rá, lhe atribuía. Quando era assim, Seth abandonava a árvore, decepcionado, com um torcicolo desagradável que não deveria incomodar nenhum deus que se prezasse. Mas, de vez em quando, sua paciência era recompensada e ele conseguia avistar a princesa de gelo sem empecilhos enquanto ela se preparava para dormir.

No começo, ele a espiava para tentar aprender seus segredos, memorizar os feitiços que ela criava e treinava antes de ir para a cama. Mas logo descobriu que, independentemente de quanto fosse meticoloso ou da precisão com que copiasse o feitiço, ele simplesmente não conseguia praticar a magia do mesmo jeito que ela. Ainda assim, ele se sentia atraído pela princesa e se via diante da janela dela com frequência.

Ísis era fria, linda e extraordinária. Seth a considerava a mais bem dotada entre os irmãos. Ali, acomodado sem conforto, noite após noite, ele imaginava que pudesse tomar as habilidades dela para si. Distorceria a magia dela e a adequaria aos próprios fins. Então ninguém mais o olharia com pena nem faria caretas ao ver suas tentativas frustradas de manipular a matéria. Não se ele tivesse os dons de Ísis à sua disposição.

No começo, Seth imaginava tomar o poder de Ísis. Depois, à medida que o tempo foi passando e ele se tornou adulto, suas fantasias se distorceram. Ele passou a alimentar sua obsessão claramente doentia e anormal por Ísis, a ponto de ignorar as próprias necessidades físicas. Passar fome era doloroso, mas isso não iria matá-lo, e os outros ou não se incomodavam com isso ou nem reparavam nas manchas escuras sob seus olhos ou nos cabelos ralos. E, de qualquer forma, ninguém prestava a menor atenção nele quando Osíris estava por perto.

Empoleirado nas sombras de sua árvore, observando-a escovar os cabelos, ele convocou uma levíssima brisa – algo tão insignificante que nem chegava a

ser considerado um talento, mas que, no entanto, exigia muita energia dele – para lhe trazer o perfume do delicado pescoço dela. A fragrância disparou na direção de sua mão e ele a capturou e a manteve perto do rosto até que se dissipasse, horas mais tarde.

Então, entregando-se ao objeto que mantinha escondido durante o dia, Seth pegava a pena que tinha tirado da banheira dela e a acariciava, passando o polegar pela pluma macia em movimentos contínuos e vagarosos enquanto pensava na dona da pena. Quando Ísis finalmente caía no sono, ele se acomodava o mais confortável possível e continuava em sua vigília silenciosa, permitindo que seus pensamentos secretos e obscuros tomassem forma e fincassem raízes vacilantes na própria mente.

Se ele tivesse mais segurança, teria feito algo a respeito de seus sentimentos anos antes. Teria confrontado Ísis, mostrando que Osíris não era digno da atenção que ela lhe dedicava. Que o desejo verdadeiro era bem mais que um sorriso charmoso e ombros largos.

Não.

O desejo verdadeiro era o tremor que ele, Seth, sentia nas pernas quando olhava para ela, a necessidade de absorvê-la completamente. De criar um mundo onde só existissem os dois, em que pudessem ocupar seu lugar apropriado de rei e rainha do cosmos e ter todos os outros ajoelhados a seus pés, adorando-os. Era isso que ele imaginava quando olhava para Ísis. Não havia mais nenhuma mulher que fosse digna dele.

Principalmente agora que ele tinha domado seu poder. Apesar de toda a exaustão, da ansiedade e do medo que o paralisavam por ter demorado tanto tempo a domá-lo, Seth percebeu que todo o esforço tinha valido a pena. Porque sua habilidade era a mais terrível e mais fantástica de todas: ele tinha o poder de desfazer.

Isso foi comprovado pela forma como a mulher se contorcia no chão. Seth tinha se irritado com os choringos histéricos dela. Ele havia atado fogo na plantação de trigo da mulher, sobretudo porque sabia que Osíris estivera ali no último ano e ficara falando a todos sobre a necessidade de cultivar e colher o próprio alimento.

Ver a evidência das pequenas e maduras habilidades de Osíris com as plantas – na opinião de Seth, tristes, ridículas e inúteis – o deixara irritado, por

isso ele resolvera queimar a plantação. Talvez tenha sido por mesquinhez, talvez por inveja. De todo modo, aquilo iria magoar o garoto de ouro favorito de Amon-Rá. Além disso, Seth também gostava de ver os animais correndo na tentativa de fugir da fumaça e das chamas. Gostava de saber que as subcriaturas temiam a ele e ao seu poder. E usar sua recém-descoberta habilidade para atrapalhar o irmão fazia com que se sentisse bem, superior.

Foi então que a mulher apareceu. Ela veio correndo de sua casinha e se jogou aos pés de Seth, envolvendo-lhe as pernas com os braços grossos. O rosto redondo dela estava vermelho e inchado e ela implorava por misericórdia, pedindo ao “deus poderoso” que salvasse seu marido, que naquele momento fazia a colheita na plantação.

Quando Seth a ignorou e a empurrou para longe com um gesto brusco, ela exclamou que ele devia ser aquele de quem tinha ouvido falar, o “deus impotente”. Ela elevou a voz aos céus, lamentando-se e clamando para que Osíris a ajudasse.

O fato de uma mortal ter a ousadia de chamá-lo de impotente deixou Seth chocado e, ironicamente, imóvel. Mas rapidamente foi tomado por uma fúria que cresceu dentro de si. Qualquer compaixão que pudesse ter sentido antes pela mulher, por mais improvável que fosse, derreteu-se no calor de sua ira. Seth normalmente não sentia nada pelas criaturas mortais sobre as quais Amon-Rá e os outros estavam sempre falando.

Com o nome de Osíris ainda nos lábios da mulher, Seth a agarrou pelo pescoço, ergueu-a do chão e a sacudiu.

– Você vai parar com essa lamúria imediatamente! – Como ela não parou, ele a jogou no chão e gritou: – Pelos deuses, eu queria que os céus apagassem o seu rosto da minha visão!

Os gritos dela logo cessaram e a única coisa que se escutava eram os balidos dos animais e o crepitar do trigo que queimava. A mulher tinha se encolhido, ficando de quatro. Seu corpo todo se sacudia, mas nenhum som vinha dela.

Enfiando a ponta da bota sob o seu corpanzil, ele a empurrou para o lado, fazendo-a rolar. Seth então arquejou. No lugar onde antes havia um nariz adunco, lábios pálidos e finos e olhos muito próximos, ele agora só via uma

forma oval vazia. Uma pele lisa feito a casca de um pêssego maduro se estendia no lugar onde devia haver um rosto.

As mãos da mulher se lançaram àquela pele onde antes ficavam a boca e o nariz, arranhando. Mas, como se um interruptor tivesse sido acionado, seu corpo se sacudiu e então ela desabou, morta. Sem boca nem nariz, não tinha como respirar. Seth ergueu a cabeça, chocado, fascinado e nauseado. *Será que ele tinha feito aquilo?*

Só para ter certeza, ergueu a mão e a estendeu sobre o pé da mulher, desejando que desaparecesse.

De repente, o pé, incluindo a bota enlameada que ela estava usando, evaporou no ar, deixando apenas um cotoco na ponta da perna. Em rápida sucessão, Seth desfez uma cobra que se esgueirava do meio do trigo em chamas. Em seguida, vários ratos desapareceram. Então ele saiu correndo, desfazendo animais, tanto por inteiro quanto em partes.

Fez pedras e árvores desaparecerem com um gesto da mão. E, quando deparou com a forma moribunda do camponês queimado, o marido da mulher que agora estava morta e sem rosto, Seth o desfez, pedacinho por pedacinho. Resolveu deixar apenas o torso e a cabeça do homem para saber exatamente quanto podia tirar de um mortal prolongando sua vida cheia de dor.

Agora ele estava pronto. Agora estava completo. Seu poder finalmente tinha chegado. E era maior do que jamais esperara.

Nada.

Ninguém.

Poderia desafiá-lo agora.

O mundo, o cosmos, estava pronto para ser saqueado, e sua primeira parada era a beleza que o assombrava.

Ísis era uma fruta madura pendurada em um galho baixo – suculenta, carnuda, implorando para ser consumida. E Seth nunca tivera tanta fome.



Desabrochar

Uma trombeta soou, seu eco percorrendo as colinas e os vales que circundavam Heliópolis. Ísis, que estava usando a roca de fiar, levantou-se depressa, o que fez com que a banqueta em que estava sentada tombasse para trás. O novelo de lã cinzenta em seu colo caiu no chão. As mortais em volta da deusa riram e estalaram a língua em fingida reprovação ao recolherem o material macio e sacudi-lo para tirar o pó.

– Vá, vá – exortaram elas, apressando-a. – Volte quando puder. Enquanto isso, vamos nos revezar treinando o que nos ensinou.

Ísis lançou-lhes um sorriso gracioso e tentou agir como uma deusa ao deixar o vilarejo, cumprimentando as pessoas na rua com acenos e passando a mão na cabeça das crianças que sempre corriam para ela, mas sua mente estava em outro lugar. O resultado foi que suas respostas saíram mais secas e distraídas do que o normal. No momento em que passou pelo muro de pedra que demarcava os limites da cidade, estendeu as asas poderosas e ganhou o céu.

A energia foi tomando conta do seu corpo à medida que os raios dourados do sol se refletiam em suas asas, aquecendo-a até o ponto de ela conseguir sentir também o rubor nas faces. Tocou o próprio rosto e se admirou com a empolgação que estava sentindo simplesmente porque *ele* tinha voltado. A sombra dela lá embaixo deslizava pelas montanhas e pelos vales por que passava, subindo e descendo como as emoções tempestuosas que tomavam conta de sua mente.

Ela continuou a se elevar no céu, o azul dando lugar ao negro, e ouviu os sussurros fugidios das estrelas que lhe davam as boas-vindas no regresso ao lar. Ao atravessar a barreira que separava o mundo mortal do domínio dos deuses, disparando pelo espaço feito um cometa ofuscante, a escuridão fechou-se em torno dela, capturando sua forma, transportando-a para outra dimensão. Tudo era silêncio naquele espaço e, durante a transição, ela se entregou a suas reflexões.

Eram... inadequados os sentimentos que brotavam dentro dela. Ísis sabia disso, mas não podia lutar contra eles. E, no entanto, reprimir a maneira como seu coração batia de alegria só de pensar nele também parecia errado. Ainda assim, ela havia tentado agir como deusa ao ignorar a afeição que desabrochava durante o ano que passaram separados, desde que ele tinha partido para cumprir uma missão em outro lugar. Mas, agora que ele voltara, ela estava sentindo o alvoroço no coração mais uma vez e percebeu que não tinha conseguido arrancá-lo dali completamente.

Apesar de Ísis ter sempre gostado de seu trabalho – ensinar as mortais a tecer, a moer o milho e a usar plantas e ervas para a cura –, aquela outra coisa, aquele outro *alguém* em sua vida ultimamente vinha ocupando seus pensamentos a ponto de deixá-la distraída. Ela sempre se pegava sonhando acordada ou com o olhar perdido, imaginando onde ele estaria naquele momento e se estava pensando nela do mesmo jeito que ela pensava nele.

À noite, quando ia para a cama, as asas pesadas envolvendo seu corpo, Ísis se pegava desejando que as penas macias fossem na verdade os braços do deus. Ele sempre fazia isso quando eram mais novos. Segurava as asas junto ao corpo dela quando brincavam de pega-pega, sem nunca machucá-la, mas impedindo que fugisse até que ela admitisse que ele a havia capturado. Ultimamente ela se pegava imaginando aquelas caçadas, mas agora *queria* que ele a capturasse. A ideia do que poderia acontecer depois sempre a deixava sem fôlego, e com isso o sono ia embora.

Homens mortais costumavam cair a seus pés, implorando por sua atenção e prometendo devoção eterna. Alguns até tinham coragem de estender as mãos para tocar em suas asas sensíveis. Mas bastava um só olhar dela para que baixassem as mãos, com medo.

Apesar de relacionamentos com mortais serem tecnicamente permitidos, Ísis nunca tinha conhecido nenhum homem interessante o bastante para ser considerado. Além do mais, o tempo de vida de um mortal era como um piscar de olhos para uma deusa. Se ela se permitisse gostar de um mortal, iria vê-lo envelhecer e sofrer com doenças ou mesmo com as intempéries.

Ísis achava que seria cruel se apegar a um mortal. Ela tinha visto Seth brincar com as emoções dos humanos, e aquilo nunca acabava bem para eles. Os com sorte ficavam ansiando por ele durante anos enquanto ele ficava desaparecido. E os sem sorte... bom... ela não queria pensar nisso. Seth tinha... pavio curto. Não. Ísis sempre seria o que era – uma deusa. E o amor de uma deusa era suficiente para enlouquecer um homem mortal.

Além do mais, havia o fato de que a figura de Ísis era intimidadora, por mais que seu coração fosse bondoso. Mais alta do que qualquer mulher humana que já vira, era também mais alta do que quase todos os homens. Mas seus olhos tempestuosos e sua silhueta eram uma tentação para qualquer mortal. Muitos deles procuravam cair em suas graças com oferendas de bugigangas entalhadas ou joias. Ela aceitava com ares de deusa e em troca prometia cuidar do vilarejo ou dos entes queridos deles.

Mas nunca encorajava seus sutis avanços amorosos. E qualquer homem que se mostrasse ousado a ponto de precisar ser dissuadido era mandado embora. As mulheres que a serviam se asseguravam de que tais homens fossem banidos de sua presença e que nunca mais fizessem propostas. Ísis não dava nenhum sinal de que se sentia solitária e de que estava à procura de um companheiro, mas, mesmo assim, à medida que os longos anos se estendiam à sua frente, foi percebendo que, nos recessos mais secretos de seu coração, era o que de fato desejava.

Certa vez, confessou esse anseio a sua irmã de fala macia, Néftis, a única pessoa que ela sentia que a conhecia de verdade. Néftis não só tinha um comportamento diferente, sendo muito mais acessível do que Ísis, como a aparência das duas também era completamente distinta, apesar de terem os mesmos pais.

Não que Néftis fosse feia. Longe disso. Ela só era pequena e quieta, e tão discreta que geralmente era relegada a segundo plano. Mas Néftis continuava sendo uma deusa em todos os sentidos. Os cabelos louros e compridos

sussurravam ao vento como um campo de trigo e caíam em cascata até quase chegar a seus pés. Asas delicadas com pontas sutis de prata se dobravam em suas costas tão perfeitamente que eram quase invisíveis, e os olhos tão azuis quanto ovos de tordo eram lindos.

Era reconfortante estar perto dela, porque ela amava absoluta e completamente. Nunca era invejosa, cruel ou condescendente. A irmã caçula enxergava o bem em tudo e em todos. Ninguém era capaz de escutar e se solidarizar tão bem quanto Néftis. Para Ísis, ela era a deusa perfeita, que nunca permitia que emoções conflituosas a distraíssem de suas obrigações e, portanto, era muito mais competente do que Ísis sentia ser.

Muitos mortais também desprezavam Néftis, achando que ela não tinha poderes, mas Ísis considerava as habilidades invisíveis da irmã as mais poderosas de todas. Quando foi conversar com ela a respeito de seus anseios por um companheiro de verdade, sem mencionar uma pessoa específica, Néftis a escutou. Segurou a mão de Ísis, os olhos azuis bem abertos e compreensivos, a atenção totalmente voltada para a irmã. Néftis confessou que ela também tinha esse desejo. E então disse algo chocante, que desde então Ísis não esquecera.

Néftis se inclinou para a frente e falou, quase em um sussurro:

– As estrelas me dizem que existe alguém destinado a você.

– Será verdade? – Ísis segurou a mão da irmã com força. – Você viu isso?

– Vi – Néftis respondeu com um sorriso terno. – Há muita felicidade no seu futuro. – Então o sorriso empalideceu um pouco.

– E para você? – Ísis perguntou, imaginando o que a irmã teria enxergado para deixá-la triste. – Você vai ser feliz?

Néftis soltou um suspiro fraco.

– Vou, sim. No fim. Infelizmente, há provações pela frente para nós duas.

– Mas, onde há amor, as provações podem ser suportadas.

– Você é sábia, irmã.

– Assim como você – Ísis concluiu.

Néftis assentiu, acanhada, aceitando o elogio ao abraçar a irmã com força, fazendo as asas de ambas se agitarem.

Ísis deu o braço para a irmã, se levantou, e as duas deusas saíram caminhando pelo jardim, com Ísis implorando a Néftis que lhe desse detalhes.

– Então, fale mais a respeito desse homem que vai ser meu amor verdadeiro.

Néftis riu e replicou:

– Você sabe que não funciona assim com as estrelas. Eu não consigo enxergar tudo.

– Ah, mas com certeza pode me dizer algo. Ele é bonito? Tem olhos bondosos? Por favor, diga que não é mais baixo do que eu. Por acaso ele é... mortal?

– Não. Não é mortal – respondeu a irmã em tom evasivo.

As duas dividiram seus desejos e sonhos secretos até que Ísis suspirou e se deteve, a testa se franzindo. Ela segurou o ombro de Néftis.

– Chega de ficar fantasiando, irmã – disse baixinho. – Por mais que eu queira que seja verdade, não é possível que aconteça o que você diz.

– Estou dizendo que *vai* acontecer.

– Mas há o édito. Como uma coisa dessas pode ser possível? Para nós duas?

Néftis ergueu a cabeça, fechou os olhos e respirou fundo. Ísis sabia que ela estava buscando respostas que ainda não existiam. Quando tornou a abri-los, disse:

– Não sei. Mas as estrelas não mentem. O que eu vi vai acontecer. – Com um sorrisinho maroto, completou: – Confie nas estrelas, minha linda irmã.

E assim Ísis fez. Continuou com seu trabalho, a princípio com fé absoluta nas coisas que a irmã tinha dito. Décadas se passaram, cheias de anseio e esperança. Mas quanto mais homens ela conhecia, mais hesitante ficava. Nenhum deles (mortal ou imortal) chamava sua atenção ou fazia seu coração bater mais forte. Ísis começou a se desesperar, pensando que o presságio da irmã estava errado. Que as estrelas tinham enganado Néftis ou que, no mínimo, ela não havia compreendido bem os sinais.

Então, numa noite de verão, as trombetas soaram anunciando que era chegado o momento de o Ennead se reunir, o tempo de todos os deuses se encontrarem. Fazia mais de uma década que ela não o via, mas algo tinha mudado entre eles durante o período em que ficaram afastados. Quando ele a pegou no colo e beijou-lhe ambas as faces, foi... diferente de antes. O calor do

corpo dele pareceu demorar-se nela, apesar de ele a ter soltado para abraçar Néftis.

Ela se viu a buscá-lo com os olhos a noite toda e tentou se sentar ao lado dele. Quando viu que o lugar já estava ocupado, ficou olhando-o de longe, tentando entender o que poderia ter acontecido com ele, que mudanças teriam ocorrido para que ela tivesse a sensação de vê-lo pela primeira vez.

Seria o comprimento de seu cabelo? O brilho de sua pele bronzeada pelo sol? Quando ele sorria, ela se sentia especial, como se ele estivesse lhe contando um segredo, algo destinado somente a ela. Enquanto ele contava histórias sobre suas aventuras, ela ficou imaginando se ele não estaria olhando mais na direção dela do que na dos outros. Quando as festividades da noite terminaram, Ísis já sabia que as estrelas tinham lhe dado o presente prometido, aquele que ela esperava havia tanto tempo.

O conselho foi suspenso por aquela noite e aquele cuja atenção ela buscava alongou o corpo e se levantou para se retirar. Bem rápido, Ísis também se levantou e perguntou se podia acompanhá-lo. Ele assentiu, os olhos brilhando ao lhe oferecer o braço. Juntos, caminharam pelos longos corredores de Heliópolis, ele fazendo apenas perguntas educadas, mas a única coisa em que ela conseguia se concentrar era na maneira como seu coração se acelerava. Ísis se perguntava se ele estava sentindo sua pulsação no lugar em que o punho dela tocava seu braço musculoso, de tão forte que batia o coração dela.

Ao chegarem à ala que lhe era reservada quando estava hospedada no palácio de Amon-Rá, ele fez uma pausa e tocou a face dela de leve com o dedo.

– O que foi, Pequenina? – perguntou ele.

Ela deu um sorriso nervoso ao ouvi-lo chamá-la pelo apelido que ele tinha lhe dado. Ela fora mais alta do que ele durante toda a adolescência e “Pequenina” tinha sido o jeito dele de provocá-la, mas agora sua altura superava a dela em mais de 10 centímetros, o que não era pouco, até mesmo para um imortal. Ísis sempre se irritava quando ele a chamava assim, mas agora o nome causou uma sensação diferente. Soou mais como um termo afetuoso.

– Eu... – ela começou a dizer enquanto erguia os olhos para os dele. Uma agitação deixou seus nervos à flor da pele e suas asas se ajeitaram em um

movimento suave atrás dela. – Senti saudade de você – finalmente conseguiu dizer.

Ele riu, gentil.

– Também senti saudade de você.

Ela assentiu e baixou o olhar.

Ele afastou a cabeça e tentou avaliar a expressão dela.

– Tem algo mais, não tem?

– Tem. – Uma pausa, e então: – Não. – Ísis retorceu as mãos e com a língua umedeceu os lábios, que de repente ficaram secos.

Ele tomou as mãos dela e as sacudiu levemente.

– Algo deve estar perturbando você de verdade. Nunca imaginei que a deusa Ísis pudesse agir de maneira tão confusa.

Ísis abriu a boca, mas não conseguiu falar nada.

Ele estreitou os olhos.

– Alguém magoou você, Pequenina?

– Não. Pelo menos, não exatamente.

– Sei. E quem *não exatamente* está magoando você?

Os olhos dele ficaram frios e duros; o corpo, rígido. Raiva irradiava dele.

– Não é uma pessoa. – retrucou ela. – É mais uma ideia.

Isso fez com que ele parasse para pensar.

– Como assim?

Ísis soltou um leve suspiro e ficou imaginando como explicaria seus sentimentos. Será que ele iria rejeitá-la ali mesmo? Será que ficaria chocado com sua ousadia? Ou será que ele, talvez, quisesse o mesmo que ela?

– Ando pensando nas leis que nos governam – começou ela. – E considero uma delas especialmente difícil de seguir.

– Qual exatamente?

– A que diz que não temos permissão para nos unir, como Nut e Geb fizeram.

– Ah... – Ele largou as mãos de Ísis e lhe deu as costas. Com a postura ereta e rígida, perguntou: – Então você achou alguém para amar?

– Acho que sim. Na verdade, já faz muitos anos que eu o amo.

Sentindo-se corajosa, Ísis se aproximou dele, abriu as asas e o envolveu com uma delas enquanto ficavam ali lado a lado. Quando eram crianças, ela

costumava escondê-lo embaixo das penas reluzentes para que pudessem planejar suas travessuras em segredo. Agora o gesto parecia diferente, novo, como se ela estivesse abrindo outro capítulo em sua vida.

Ele suspirou e se voltou para ela, o rosto oculto na sombra de sua asa.

– Você sabe que a lei só se aplica aos imortais, Ísis. Por isso, não deve se preocupar em relação ao seu amor recém-encontrado. Diga-me, então, a que mortal eu devo dar os parabéns?

– Não estou apaixonada por um mortal – disse Ísis.

Ele deixou a cabeça pender para o lado e buscou esclarecer:

– Então ele é imortal?

– É. Mas é complicado.

– Eu diria que sim, apesar de os limites da lei serem incertos em relação a certos imortais. Seu amor talvez seja possível.

– Tem mais uma coisa. Ele ainda não sabe o que eu sinto por ele...

– Não sabe se ele corresponde ao seu afeto? – Ele correu a mão pelos cabelos e balbuciou: – Essa foi uma pergunta idiota. Claro que ele corresponde ao seu afeto. – Erguendo os olhos até os dela, tocou-lhe o maxilar com a ponta dos dedos. – Como poderia não corresponder? – Ele lhe deu um breve sorriso e baixou a mão. Então suspirou. – Imagino que ele seja bonito.

– Incrivelmente bonito.

– Ele é gentil com você?

– Sempre foi.

– E é digno de você?

– Não consigo pensar em ninguém que seja mais digno.

– Então, por que ele não sabe?

Ísis pousou a palma da mão no ombro dele e a deslizou pelo seu peito até cobrir-lhe o coração.

– Porque ele passou muito tempo longe – falou Ísis baixinho.

A testa dele se franziu e então a perplexidade alisou as rugas de sua confusão.

– Ísis... você não pode estar falando sério.

– E se estiver?

Depois de tomar a mão dela, ele acrescentou, com um sibilo quase desesperado:

– Isso é proibido.

– Achei que já tínhamos conversado sobre esse aspecto.

– É, mas... isto é diferente. Pense nas consequências.

– E quais são as consequências de uma vida sem amor?

Com cuidado, ele tirou a mão dela de seu peito e a apertou entre as suas.

– Não pode estar falando sério, Ísis. Você não compreende.

– Eu compreendo a solidão e o anseio. – Ela fechou a outra asa em torno dos dois, envolvendo-os completamente. – Compreendo agora que sempre foi você. – Ele engoliu em seco, e quando ela viu a expressão de pânico no rosto dele, deu um passo para trás. – Então você... você não sente nem um pouquinho de afeição por mim?

Nas sombras criadas pelas asas dela, ele a segurou pelos ombros e fez com que se afastasse dele.

– Ísis... Ísis, olhe para mim.

Quando ela finalmente o fitou, ele disse:

– A última coisa que quero é magoar você, mas não podemos. Eu não posso. Não importa o que eu sinta. Não importa a força da nossa conexão. Não é permitido.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

– Então você... você não sente.

Ele segurou o rosto dela entre as mãos e usou os polegares para enxugar as lágrimas dela enquanto praguejava entre dentes.

– Sinto muito. Você não sabe como eu queria... Olhe, você não vai ficar sozinha. Eu sempre vou estar com você. Prometo.

– Não vai ser a mesma coisa.

– Não, não vai.

– Eu não sabia como isso doeria.

– Então vou parar de falar sobre o que não pode ser e dizer o que pode, está bem?

Ísis assentiu de leve, as lágrimas ainda escorrendo pelo rosto.

– Posso ser seu amigo – disse ele, correndo os dedos por uma mecha do cabelo dela. – Posso ser seu protetor. – Ele a envolveu em um abraço apertado e sussurrou em seu ouvido: – Vou ser seu confidente e guardar os seus

segredos. – Beijou a bochecha molhada dela. – Vou ser seu aliado. – Passando para a outra bochecha, acrescentou: – Vou ser seu defensor.

Ele tocou na testa dela com a sua e estava para dizer mais alguma coisa quando ela interrompeu:

– Mas não vai ser o meu amor.

Ele ficou paralisado e em seguida recuou um passo. Ela ergueu os olhos tempestuosos para ele, imobilizando-o.

– Não vamos compartilhar momentos no seu jardim nem rir juntos de lembranças que apenas nós dois dividimos. Não vamos desabar um nos braços do outro enquanto rolamos colina abaixo. Não vamos descobrir juntos o que realmente significa se dedicar por inteiro ao bem-estar do outro. Nem compreender um amor tão poderoso que faça com que a gente se agarre a ele com as pontas dos dedos, como Geb e Nut. Você não vai me acalmar com beijos nem com carícias reconfortantes quando eu estiver triste ou cansada. Eu não vou saber que você procura o meu rosto entre todos os outros. Nem poderei dizer que você é meu. Mas, pior de tudo, você não vai me tomar nos braços todas as noites quando nos recolhermos depois de um longo dia, uma longa década ou um longo século de trabalho. Está destinando a mim... a nós... uma vida muito longa e de potencial limitado, de não saber, de não descobrir. Então pergunto mais uma vez, meu amor: tem certeza de que essa meia vida é o que você quer?

Ísis fitou os olhos perturbados dele e deslizou as mãos por seus ombros largos até entrelaçar os dedos atrás de sua nuca. Nunca na vida ela havia desejado tanto uma coisa. Estar prestes a consegui-la e saber que a qualquer momento poderia perdê-la para sempre era uma experiência arrebatadora e apavorante – algo que ela nunca tinha vivido antes – e que não trocaria por nada.

Sacudindo a cabeça de leve, ele começou:

– Ísis, eu quero... – mas se interrompeu e só ficou olhando para ela.

O que Ísis viu nas profundezas dos olhos dele fez seu coração se acelerar. Os corpos dos dois estavam unidos, os lábios dele tentadoramente próximos dos seus.

Mantido cativo pela leve pressão das asas dela em suas costas e pela tentação de seus lábios, ele baixou a cabeça na direção da dela e tocou sua

orelha com o nariz, tentando desesperadamente convencer-se de que poderia parar a qualquer momento. Que ainda não tinha avançado o suficiente para não conseguir mais parar. Mas, quando sentiu o cheiro dos cabelos dela, acariciou a maciez de sua pele e sentiu a extensão flexível do corpo dela contra o seu, viu que estava perdido.

Seus lábios marcaram uma trilha de fogo da têmpora dela até a curva do maxilar. Ísis gemeu baixinho e colou-se ainda mais a ele enquanto jogava a cabeça para trás a fim de lhe dar acesso ao seu pescoço, fechando os olhos para saborear a sensação dos lábios dele em sua pele. Era isso que ela havia desejado. Era o que ela ansiava. Um homem que a amasse integral e completamente. Que fosse seu companheiro para sempre. Um homem que compartilharia seus pesares, assim como suas alegrias.

Lenta e dolorosamente, ele fez o caminho inverso do pescoço dela até a lateral do rosto, e justamente quando ela antecipava o beijo, se afastou. As mãos que a seguravam tremeram. O maxilar dele estava contraído, a boca traçava uma linha de infelicidade.

Finalmente ele abriu os olhos. Estavam cheios de dor e arrependimento.

– Sinto muito, Pequenina. Você não sabe quanto eu sinto.

Com isso, ele deu meia-volta e desapareceu, deixando um vazio gelado no lugar onde antes estava seu corpo.

Ísis fechou as asas em volta de si mesma, tentando conter o calor daquele momento passionai, mas esse foi escapando devagarzinho até não sobrar nada além de uma sensação de perda.

Na manhã seguinte, ele já havia partido.

Um ano se passou sem que ela o visse, um período curto para o padrão dos deuses, mas ela sentira cada dia de separação como um minúsculo machucado entalhado em sua alma. E agora ele tinha voltado e, apesar de tudo que havia acontecido, Ísis tinha mais certeza do que nunca de que o amor que ela sentia era real e verdadeiro. Era um presente das estrelas que não devia ser recusado nem desperdiçado.

Ísis aterrisou de leve no mármore da sacada e fechou as asas atrás de si. Saiu em disparada pelos corredores e pórticos, procurando sem encontrar, até que finalmente o achou. Estava em uma sala, sozinho, as costas voltadas para

ela enquanto examinava a lista mais recente de preocupações e deveres de Amon-Rá.

A visão dele a encheu de uma estranha vertigem combinada com ansiedade. Ela havia esperado por ele um ano inteiro – o mais longo em sua memória. E nesse momento, esse reencontro, não lhe seria negado. Ísis tinha abafado as chamas de seu amor até que elas ardessem devagar, em silêncio, como brasas. Mas vê-lo outra vez atçou o fogo, reacendendo-o e fazendo-o voltar a queimar forte em seu peito, ameaçando incinerar qualquer coisa que ousasse se colocar em seu caminho.

Ele não devia tê-la ouvido chegar, porque não se virou, não até que ela dissesse seu nome, o nome que tinha sussurrado em seus sonhos.

Osíris.



Cultivo

Osíris se virou para ela. O papiro que estava lendo estalou em sua mão com a pressão dos dedos que o apertaram.

– Ísis – disse ele simplesmente.

Ela deu um passo em sua direção, mas ele recuou.

As longas pernas do deus bateram na mesa, fazendo com que esta se deslocasse ruidosamente, o som áspero agindo como reflexo da expressão levemente dolorosa que cruzou o seu rosto.

O brilho de alegria que tinha surgido naturalmente quando ela o vira derreteu-se devagar, junto com a esperança. Ísis limpou a garganta e disse:

– Você voltou. Vai ficar muito tempo em casa?

– Não – respondeu ele, afastando-se dela e alisando os papiros amassados na mesa. – Minha intenção é partir assim que Amon-Rá aprovar os novos planos que tracei.

– Posso ver? – pediu Ísis, interessada, apesar de ele parecer pouco à vontade na sua presença.

– Tenho certeza de que a grande deusa Ísis tem coisa melhor a fazer do que se meter nos assuntos dos mortais.

Ísis se retesou e suas asas farfalharam em reação à sua irritação.

– E o que exatamente você acha que eu faço com o meu tempo?

Osíris inclinou a cabeça, analisando-a, e então respondeu com expressão impassível:

– Não sei. Deixa o cabelo crescer só para ficar cortando? Encera as asas, quem sabe? Voá até as nuvens e faz um arco-íris?

Ela ficou boquiaberta, mas então reparou no brilho divertido nos olhos dele, e a tensão que sentira um momento antes amenizou. Ele estava só provocando. Do mesmo jeito que fazia quando eram crianças. Era bom saber que ela não tinha perdido aquela parte dele. Se não podia ter Osíris da maneira que ansiava, pelo menos existia a chance de poder mantê-lo como amigo próximo.

Ísis socou o braço dele. Era um gesto que tinha feito milhares de vezes quando eram mais jovens.

– Moleque – disse ela, a expressão de carinho ainda marcada pela tristeza.
– Você me conhece muito bem.

– Ai! – respondeu ele, esfregando o bíceps com exagero, ambos sabendo que seria necessário bem mais do que um soco daqueles para machucá-lo.

– Além do mais – acrescentou Ísis, querendo manter o clima ameno entre os dois –, o meu cabelo está perfeito assim.

Osíris deu uma risada fugaz e segurou uma mecha do cabelo dela entre os dedos.

– Está mesmo – concordou, a voz grave e cheia de ternura quando seus olhos pousaram no rosto dela. Por um brevíssimo instante, ela se refestelou no calor daquele olhar, mas a sensação logo se desfez quando ele limpou a garganta. – Bom, se você tem mesmo certeza de que quer olhar, fique à vontade.

Depois de estender os documentos na mesa, ele se afastou para que ela tivesse acesso a eles e tentou ignorar quando a asa dela roçou seu braço. Osíris sabia que teria sido mais inteligente dar um passo para trás, manter a tentação fora de alcance, mas ele gostava demais de sentir o toque das asas dela para se forçar a se afastar. Quando ela reagiu, empolgada, ao ver seus desenhos, ele se aproximou mais, apesar de suas reservas, espiando por cima do ombro de Ísis de modo a ver para o que ela estava apontando.

– Como isso se chama? – perguntou ela.

– Estou pensando em chamá-lo de aqueduto. É uma maneira de os mortais levarem água dos lagos e dos rios para os vilarejos. Se usarem um desses, os aldeões poderão construir mais longe dos rios para não correrem o risco de ter suas casas destruídas durante a estação das cheias. Também vão poder irrigar plantações distantes. Está vendo aqui?

Ele se inclinou sobre a mesa, apreciando a sensação do corpo quente dela ao lado do seu, e apontou uma seção do diagrama.

– Isto aqui abre e fecha para que eles possam usar a água quando quiserem, e deste lado – Osíris pegou mais um desenho no topo da pilha – podem adicionar mais seções ou mudá-las de lugar dependendo do uso que precisem fazer da água. O que você acha? – perguntou ele, aprumando-se.

– O que eu acho? Acho que é brilhante, Osíris. – Ela inclinou a cabeça de lado para olhar o rosto bonito dele e provocou: – Tem certeza de que a ideia foi sua?

Ele riu enquanto ela se virava mais uma vez para os desenhos dele e corria o dedo sobre as linhas.

– E se você adicionasse um sifão? – perguntou ela, tamborilando os dedos no documento. – Se a água ganhasse velocidade suficiente, poderia subir colinas, quem sabe até montanhas.

– Um sifão? Eu não tinha pensado nisso.

Osíris fez algumas anotações rápidas. A ideia tinha potencial. Muito potencial.

– Os seus mortais vão ficar contentes – disse Ísis ao endireitar o corpo e pousar a mão no braço dele.

Osíris voltou-se para ela e todos os pensamentos sobre sua nova invenção desapareceram de sua mente. Ele sentiu algo quase tangível passar entre eles, algo que não sabia nomear. Subia e descia no espaço que os separava, empurrando-o com gentileza, mas também com insistência, para a frente. Ele recuou, afastando-se dela, tentando assumir o controle sobre seus sentidos mais uma vez, e a mão dela escorregou para longe. Apesar de ter sido um momento fugidio, ele reconheceu uma sugestão de dúvida e pesar nos olhos dela. Uma emoção assim não tinha lugar no rosto de alguém tão adorável e poderosa quanto Ísis. Ele pousou as mãos nos ombros dela.

– Obrigado pela sugestão. Até a reunião do conselho.

Com isso, Osíris apertou levemente os ombros dela, recolheu os desenhos e saiu tão rápido quanto sua dignidade lhe permitia.



Seth ficou parado à sombra da parede de treliça de onde estivera espiando e viu Osíris sair, as mãos grandes demais do irmão segurando com firmeza os desenhos para seu mais recente projeto. Parando agora para pensar, tudo em Osíris era grande. O corpo. Os músculos exageradamente desenvolvidos. O ego. Seu sorriso insípido e cheio de dentes. Na verdade, a única coisa pequena em Osíris era o intelecto. Bom, isso e talvez a ambição. Seth bufou. Sim, o tolo não aspirava a nada na vida além de ajudar os mortais. Que absoluta perda de tempo!

Se o irmão mais velho de Seth possuísse um grama de astúcia, teria reparado como Ísis estava, em todos os sentidos, atirando-se em cima dele. Idiota. Ele não era capaz de enxergar uma coisa boa que praticamente derrubava sua porta e se jogava em seus braços. Ainda assim, a incapacidade de Osíris de ver o que estava bem na frente do nariz dele funcionaria a favor de Seth. A quase rejeição dele a Ísis a deixaria bem mais vulnerável. Sim. Estava na hora de Seth tomar a iniciativa em relação à estonteante deusa.

Seth ergueu as mãos e comparou-as – longas e esguias, quase delicadas – às de Osíris enquanto refletia sobre seu poder recém-descoberto. Fazia semanas que ele estava treinando, mas não tinha compartilhado seu dom com ninguém. Queria exhibir a habilidade ao conselho segundo seus termos. Deliciava-se em imaginar os elogios que receberia de Amon-Rá e a adoração de todos os imortais, principalmente das mulheres.

Mas havia uma em particular com quem estava ansioso para compartilhar seus poderes. Ele tinha certeza de que, quando Ísis visse o que ele era capaz de fazer, ela não mediria esforços para tentar chamar sua atenção. Ia querer passar todos os momentos livres com ele, não com os mortais bobos por quem ela se derretia. Ísis então daria espaço para seus avanços românticos. O sorriso sem jeito e contido que ela havia lhe dirigido antes, seguido por um rápido desaparecimento, assim como a maneira de os olhos dela sempre passarem dele para qualquer outra pessoa, seriam coisa do passado.

As narinas de Seth se dilataram quando se lembrou da maneira como ela havia corrido para Osíris havia pouco. Ele a estava seguindo. Observando. Esperando o momento perfeito para se revelar, assim como para revelar seu poder e suas intenções de tomá-la como sua amada. Infelizmente, parecia que Osíris agora era outro obstáculo que ele teria de superar. Mas o deus da

agricultura não era páreo para ele, desdenhou. Com um simples pensamento, Seth era capaz de desfazer, anular qualquer invenção idiota que Osíris tivesse criado com seu cérebro do tamanho de um amendoim. Quem sabe um dia ele até se arriscasse a desfazer o próprio amendoim.

Seth nem tinha certeza se algo assim era possível. No entanto, a ideia de desfazer um deus o intrigava. O choque elétrico, a infusão de elementos cósmicos que o energizavam cada vez que ele desfazia um ser não era algo que ele tivesse deixado passar despercebido. Quanto mais poderosa a criatura, mais energia ele era capaz de extrair para si próprio. Seth logo se viciou na sensação estonteante que acompanhava o desfazer. Ainda não ousara experimentar o novo poder em alguém cuja falta fosse ser sentida, muito menos em um imortal, mas seus dedos coçavam com o desejo de tentar. E não conseguia pensar em ninguém melhor para praticar do que Osíris.

Nesse momento, Ísis deixou a sala e Seth foi atrás dela, sempre escondido nas sombras. Se ela tivesse usado suas habilidades, poderia tê-lo descoberto ali com facilidade, mas os deuses eram complacentes. Não acreditavam que alguém fosse capaz de pensar mal deles, muito menos de lhes fazer mal. Ísis não desconfiava de nada, como um passarinho recém-saído do ovo, protegido no ninho, totalmente alheio à cobra que o observava, contemplando sua refeição.

Ela foi traçando seu caminho pelo palácio reluzente que Amon-Rá tinha criado até finalmente sair e se sentar em um banco de mármore com vista para um parque. Imortais jovens e de menos importância brincavam na fonte, soltando gritinhos ao correr entre os jorros de água multicolorida. Ele franziu o nariz, desgostoso.

Seth considerava o riso das crianças uma coisa horrorosa. Fazia com que ele se lembrasse de sua infância, quando os outros riam dele e de suas tentativas patéticas de invocar algo, qualquer coisa. Estar próximo de crianças deixava seu pescoço tenso. Cerrando o maxilar, por um momento ele entregou-se à fantasia de cometer uma violência, mas então refreou o desejo muito forte de desfazer todas as criaturas nas proximidades. Quando recuperou o controle, aproximou-se de Ísis e conseguiu ignorar o lampejo de desconforto que viu em seu rosto.

– Ah, aqui está você – disse ele com displicência, como se tivesse topado com ela por acaso e não a estivesse seguindo desde a chegada.

– Olá, Seth. Como vai? – perguntou ela, distraída.

Sob as dobras da túnica, ele cerrou os punhos. Um dia ele ensinaria a ela que nada neste mundo ou em qualquer outro era mais importante do que ele. Por fora, ele era só charme e deferência.

– Muito bem – respondeu ele e então copiou a atitude de Osíris: – Tive uma ideia e queria saber o que você acha. Isto é, se tiver um momento livre.

Os dentes de Seth quase doeram com o sorriso sugestivo que lançou a ela. Não era uma expressão natural para ele.

– Claro que tenho. O que é? – indagou ela.

– Eu... – Seth forçou a mente para pensar em alguma coisa, uma nova invenção que fosse atrair e impressionar Ísis.

Como ele não respondeu de imediato, ela voltou os olhos de nuvens tempestuosas para ele. Seth não estava acostumado a ser encarado daquele jeito. A maior parte das pessoas não se sentia à vontade e desviava o olhar quando ficava de frente para ele mais do que alguns segundos.

Seth sabia que não havia muita coisa para admirar nele. Não quando comparado aos outros deuses. Ele sempre fora alto, mas seus braços e suas pernas eram finos, desajeitados. Apenas recentemente, quando descobrira seu poder, havia notado que seu corpo começava a se fortalecer. Achava o azul de seus olhos muito aguado. O cabelo, sem graça demais e ainda por cima amaldiçoado não com um, mas com dois redemoinhos que o faziam ficar em pé, por mais que o ajeitasse com as mãos.

Diferentemente dos outros deuses, cuja pele reluzia de luz e energia, a dele era manchada e irregular. Quase tão ruim quanto a de um mortal. E era provavelmente o que lembrava a todos. Um mortal. Até sua mãe, aquela que deveria amá-lo incondicionalmente, chorava quase todas as vezes que conversavam. As lágrimas dela choviam sobre a Terra até ele se encontrar no meio da lama do pesar dela, que, ele tinha certeza, indicava sua decepção por ter um homem-criança daqueles, sem poderes, como filho.

Isso sem falar no fato de que as roupas nunca lhe caíam bem. Até os animais saíam correndo quando o avistavam, ou pior, urinavam no caminho dele ou rosnavam enquanto o espiavam com olhos brilhantes na escuridão.

Claro que isso não acontecia mais. Estranhamente, os animais pareciam ter um sexto sentido. Eles o evitavam ou se esgueiravam para longe da forma mais silenciosa e veloz possível. Ele gostava do respeito que demonstravam por ele agora. Em sua opinião, isso os tornava espécies superiores na Terra.

Com os olhos de Ísis nele, Seth não conseguia pensar e, por um momento, ficou tão sem palavras quanto acontecia quando era criança. Ela sempre fora mais rápida. Com a língua mais afiada. Sempre competitiva, e sempre o superava em tudo. Uma ideia de repente lhe surgiu.

– Inventei um jogo novo e queria saber se você poderia jogar comigo hoje à noite.

– Um jogo? – perguntou ela, o deleite evidente em seu rosto. Como era de se prever, os olhos dela se iluminaram diante da ideia de uma competição. – Qual o nome? Como se joga?

– O nome... o nome é *senet* – disse ele, deixando a palavra inventada escorrer suavemente de sua língua.

– É um jogo de força, de corrida ou de arco e flecha?

– Nenhum desses – respondeu Seth.

Claro que a mente dela iria se voltar para o físico (seria bem mais fácil superá-lo nesse quesito). Ou isso, ou ela estava em busca de uma maneira de admirar Osíris flexionando os músculos. Com esse pensamento, Seth precisou se esforçar para controlar o tremor de fúria que tomou conta dele.

– *Senet* é um jogo de astúcia com um toque de sorte.

Ísis ficou radiante e, para Seth, sua expressão quase pareceu genuína. Isso ajudou a acalmar o orgulho ferido dele.

– Parece a distração perfeita. Quando podemos jogar?

– Que tal depois que a reunião do conselho terminar?

– Ah... – Ísis suspirou. Era óbvio que ela estava pensando em outra coisa ou talvez em outra pessoa que poderia encontrar depois do conselho.

– Ah, vejo que já tem planos. Claro, deve estar muito ocupada.

Seth se levantou e ajeitou a túnica, puxando o pano com firmeza sobre os ombros estreitos.

– Não – disse Ísis, erguendo a mão para detê-lo. – Depois da reunião do conselho me parece perfeito.

Seth fez uma pequena medida para ela e então se retirou, fugindo bem rápido. Não havia muito tempo até o banquete começar. Ele teria de usar todos os momentos livres para criar o jogo de que tinha se gabado.

O problema era que ele não era criativo o bastante para inventar sozinho algo capaz de impressionar Ísis. Ele sabia que criatividade não era seu forte, mas desperdiçou algumas horas tentando, mesmo assim.

Por fim, quando chegou à cabana do homem que fazia brinquedos, suava muito e, apesar de sua posição de deus, sentia o início de uma dor de cabeça. Passou a mão pelo rosto e fez uma careta ao tocar as moitas desalinhadas da barba. Ele teria que se barbear se quisesse parecer apresentável a Ísis. Então piscou e tentou desfazer os irritantes pelos eriçados no queixo e embaixo do nariz. Em um segundo, todos haviam desaparecido. Seth sorriu e chamou o homem que fazia brinquedos.

Esperou demais. Quando o velho apareceu na loja arrastando os pés, Seth saltou na direção dele. Não havia tempo para ser educado. Seth retorceu os lábios, pegou o homem pelo pescoço e fez suas exigências da maneira mais sucinta e clara possível, acautelando-o de que haveria sérias consequências caso chegasse atrasado ao banquete.

Então Seth encontrou um canto na cabana quente e ficou observando o progresso do artesão, que continuava vagaroso demais. Quando meia hora se passou, Seth desfez o gato do homem. Depois de mais trinta minutos, desfez um monte de maçãs, não sem antes pegar uma para si e começar a comê-la. Então fez uma ferramenta desaparecer, depois outra. Não havia muito na loja para ele desfazer. Mas Seth pensou melhor e achou que não seria bom fazer as ferramentas do homem desaparecerem. Isso não ia ajudar em nada sua causa.

Depois disso, a dor de cabeça veio com tudo e Seth desfez a bolsa de moedas do homem, além de seu guarda-roupas, só porque estava com dor. Quando ouviu o sopro da trombeta anunciando que estava na hora da reunião, o homem felizmente só tinha mais uma peça para terminar. Seth esperou, impaciente, enquanto as mãos trêmulas do artesão aplicavam a última camada de tinta.

As peças do jogo foram colocadas dentro de uma caixa de madeira e Seth a tomou com um gesto rude, enfiou-a embaixo do braço e se preparou para sair.

Mas, antes de partir, o homem falou, um erro que ele não teria o privilégio de cometer outra vez.

– Mande lembranças minhas à deusa Ísis. Ela ajudou minha esposa a aprender a tecer.

Seth se virou e mostrou os dentes em uma careta perigosa.

– Ah, claro, vou mandar suas... lembranças a Ísis. E, como talvez você tenha motivos para cruzar o caminho dela, é melhor eu garantir que não vá distraí-la com suas *lembranças*.

Com isso, desfez a língua e as mãos do homem que fabricava brinquedos. Foi uma pena, porque o homem obviamente tinha talento, mas não podia existir o risco de ele falar com Ísis antes que Seth estivesse pronto. Com uma saudação debochada, Seth saiu da casa do homem que fazia brinquedos e seguiu para o banquete com seu prêmio.



Florescimento

– Baniti, por que não me chamou antes? – censurou Ísis ao pegar o bebê no colo. O pobrezinho estava tão doente que parecia prestes a chorar, mas não conseguia reunir energia para tanto.

– A senhora estava fora – respondeu a serva preferida de Ísis. – Achei que pudesse esperar até a sua volta, mas ele piorou muito rápido.

Ísis assentiu.

– Já vi este tipo de doença. É rápida. E mortal – acrescentou. – Temos que nos apressar se quisermos salvá-lo.

Aconchegando o bebê junto ao seu corpo, Ísis instruiu Baniti a alimentar o fogo enquanto ela cantava baixinho para acalmar a criança. Suas asas abanaram o ar na casinha e o calor se irradiou ao redor delas. O suor brotou no rosto de Baniti. O dia já estava muito quente. Estar em casa com o fogo aceso, ainda mais quente por causa do poder da deusa, era horrível. O calor estava desconfortável até para a própria Ísis. Mas Baniti confiava em sua deusa. Ela a tinha visto usar sua magia antes, e com muita eficiência. Se Ísis pudesse salvar o seu netinho, então Baniti toleraria de bom grado um pouco de desconforto.

Quando as brasas do fogo ficaram brancas, Ísis começou a tecer seu feitiço. Baniti fechou os olhos e começou a sussurrar, repetindo o feitiço apesar de não possuir nenhuma magia própria. Baniti estava tão convencida do poder da deusa que nem piscou quando Ísis deitou seu neto precioso diretamente sobre as brasas brancas de tão quentes.

O bebê berrou, seus gritos perfurando o ar. E, apesar de Baniti se encolher, a expressão de Ísis era de calma e determinação. A pele dos bracinhos e das perninhas do menino adquiriu um tom vermelho vivo enquanto ele chutava e se agitava, mas Ísis permaneceu firme e continuou a entoar as palavras do feitiço. O corpinho exalava vapor e, quando Baniti piscou, os fiapos de fumaça pareciam quase negros ao se retorcerem no ar. Pareciam demônios vivos deixando o corpo do bebê. Talvez fossem. Baniti fechou os olhos e renovou o fervor com que cantava.

Finalmente o bebê começou a se aquietar. A pele incandescente foi clareando até voltar à cor normal. O suor escorria das têmporas de Baniti até suas bochechas e ela o enxugou, distraída, com a barra da manga. Seus dedos coçavam para tirar o bebê do fogo, mas Ísis ergueu a mão para impedi-la, como se tivesse lido seus pensamentos.

– Deixe que eu faça isso – disse a deusa. – As chamas vão machucá-la. E ele ainda está quente demais por causa do feitiço.

Estendendo as mãos por entre o fogo que crepitava, Isis pegou o bebê e limpou com ternura as cinzas de seu corpo. Baniti trouxe outras roupas, porque as do bebê tinham sido consumidas pelas chamas. Quando ele estava vestido, depois de a própria Ísis trocá-lo, ela se sentou com ele no colo e sorriu quando a criança levou o polegar à boca.

– Ele está inteiro novamente – disse Ísis. – A doença foi purgada de seu corpo. Minha magia vai protegê-lo de seu efeito pelo resto da vida.

Com lágrimas nos olhos, Baniti se ajoelhou aos pés da deusa e colocou a palma da mão na testa do neto.

– Obrigada – disse ela.

Ísis segurou o bebê com um braço apenas e acariciou o rosto da mulher de idade.

– Sou eu quem deve agradecer. Você foi um grande conforto para mim ao longo de todos esses anos. Fico feliz por eu também ter sido capaz de confortá-la um pouco.

Ísis sussurrou uma palavra para apagar o fogo, então ergueu as asas e fez o ar se agitar ao redor da criança, esfriando-a com gentileza. As duas mulheres passaram um momento em silêncio enquanto escutavam o bebê chupar o dedo.

– A senhora tem jeito com ele – disse Baniti, erguendo-se com um gemido.
– Se ao menos...

– Não é para ser – Ísis apressou-se em interrompê-la, pois já sabia o que Baniti diria. Ela franziu a testa ao ver a dificuldade de Baniti para se levantar. Ver tão enfraquecida uma pessoa a quem amava a entristecia. – Já tivemos essa conversa – concluiu Ísis, distraída.

– Mas, com certeza, Amon-Rá pode...

– Mesmo que pudesse, ele não o faria. – Ísis acariciava a cabeça do bebê. – Além do mais, para que uma criança fosse ao menos uma possibilidade, primeiro seria necessário haver um homem na minha vida. E aquele em quem estou interessada está mais preocupado com obrigações do que com amor.

– Então *existe* alguém. Tenho de admitir que venho me perguntando sobre isso. Vai me dizer quem é?

Ísis suspirou.

– Não faz diferença. Não é recíproco.

– Então ele é um tolo.

– Seja como for, Amon-Rá sempre nos disse para nos contentarmos com o que somos e que o estado em que nascemos é o único a que devemos aspirar. Mesmo que aquele que eu quero correspondesse ao meu desejo, é firme o respeito que ele tem pelas leis. Parece que devo me conformar em viver sozinha.

– Tsc... – reagiu Baniti com um gesto de desprezo e saiu pela casinha arrumando as coisas do bebê enquanto esperava a mãe dele voltar da plantação. – Ninguém merece ficar sozinha. Principalmente alguém como a senhora. Não acredito que Amon-Rá esteja certo.

– Não?

– Absolutamente não. Se nós, mortais, não tivéssemos nada a que aspirar, desistiríamos e ficaríamos deitados na cama. Não há razão para não ir atrás de sonhos. Todo mundo tem o direito de sonhar com algo mais.

– Talvez você tenha razão. – Ísis beijou a bochechinha do bebê adormecido e o entregou a Baniti, que o acomodou em seu cesto e ajeitou o cobertor em volta dele. – Preciso retornar ao conselho.

Baniti pegou a mão de Ísis entre as suas. Muito poucos mortais ousavam tocar a deusa, mas Baniti tinha pertencido a ela desde que Ísis a encontrara

abandonada quando criança. A deusa era como uma mãe para ela, apesar de agora Baniti parecer sua bisavó.

– Ísis, se um amor só seu e um filho desse homem forem o desejo secreto do seu coração, então você vai fazer isso acontecer. Acredite em si mesma e no seu poder. Eu sempre acreditei.

Ísis abraçou a mulher de idade e ficou chocada ao perceber como seu corpo estava magro e frágil. Baniti estremeceu e tossiu, aparentemente incapaz de recuperar o fôlego. Um bom tempo se passou até que Baniti voltasse a respirar normalmente. Ísis, que ficara segurando seus ombros durante o acesso, perguntou:

– É a mesma doença da criança?

Baniti sacudiu a cabeça e tossiu mais uma vez antes de responder:

– Não, deusa. A irritação nos meus pulmões é diferente.

– Por que não me disse?

Ela deu de ombros.

– Estou velha. Acha que vou viver tanto quanto a senhora?

– Você não é velha. – Ísis a sacudiu de leve e então parou ao se lembrar de como a mulher agora estava frágil. – Ainda é jovem – disse, negando o óbvio.

– Não faz muito tempo que corríamos e brincávamos juntas.

– Isso foi há décadas.

Ísis deu um beijo na testa enrugada de Baniti e a repreendeu:

– Shhh. Fique quieta.

Ísis se colocou atrás de sua querida serva e apertou as mãos contra as costas da mulher. Sentiu o fluido encher seus pulmões, dificultando-lhe a respiração. A deusa tentou usar um feitiço para curá-la, mas o corpo envelhecido de Baniti rejeitou sua magia. A vida é assim. Cada ser no universo recebe o seu quinhão de tempo, um período para permanecer no mundo. Quando esse tempo terminava, não havia nada que ninguém, nem mesmo os deuses, pudesse fazer para impedir o seu fim. Ela sabia disso, mas era cedo demais. Ísis recuou, cambaleando, os olhos cheios de lágrimas.

– Não – sussurrou ela. – Não estou pronta para deixar que você se vá.

– Talvez a senhora não esteja pronta, mas eu estou. Este corpo já não tem mais força. Quando estou desperta, tudo dói. Quando me deito, tudo dói. Não há descanso para mim.

– Eu conserto – prometeu Ísis. – Você não vai morrer antes da próxima lua. Isso eu posso afirmar. Mas essa doença vai enfraquecê-la. Vai levá-la até a porta da morte se eu não encontrar um jeito de fazer alguma coisa em relação a isso.

– Então talvez esteja na hora de me apresentar àquele bonitão do Anúbis. Não consigo imaginar maneira melhor de partir do que acompanhada à vida após a morte pelo braço de alguém como ele.

– Acho que não. Vou mantê-la bem longe de Anúbis.

– Que pena – disse Baniti e, quando viu que Ísis ainda hesitava, agitou os braços. – Está bem, está bem. Agora vá. Volte lá para a sua reunião. Estarei aqui quando terminar.

– Sim, estará – disse Ísis com determinação.

Acariciando o braço de Baniti em despedida, Ísis saltou no ar, as asas se abrindo para levá-la de volta à barreira entre o domínio dos mortais e Heliópolis.



– Não – disse Amon-Rá depois de Ísis perguntar mais uma vez, implorando com toda a sinceridade de sua alma e até oferecendo uma parte de si mesma. – Você sabe que isso não é permitido, simplesmente não há energia de vida suficiente nas Águas do Caos. Além do mais, os mortais são o que os criamos para ser. Infelizmente, a própria definição de *mortal* é que a morte é inevitável.

– Mas você não percebe? Não precisa ser. Essas regras são criadas por nós mesmos. Certamente pode haver exceções.

– Então quando paramos, Ísis? De que deus você vai tirar energia para fazer com que Baniti seja imortal? Nut? Geb? Porque é isso que teria de acontecer. E, se eu permitisse que você usasse uma parte de seu poder, logo não ia sobrar nada de você. Seu problema é amar muito seus mortais. Não posso arriscar algo assim. Você certamente compreende as consequências. Todo o cosmos poderia implodir!

– Mas não sabemos se isso é verdade, não é mesmo?

Ele suspirou e se recostou na poltrona.

– É melhor ser precavido, sabe, Ísis. Precisamos manter nossas criações em segurança, assim como nossa família. Quando brincamos com questões perigosas, garantimos nossa destruição.

– Mas e se houver outra maneira?

Ela não tinha pensado nisso antes, mas a ideia lhe ocorreu quando viu pela janela um pássaro voando lá no alto.

– E que maneira seria essa? – indagou ele.

– E se eu tirasse a energia vital de outra criação? Não de um deus, mas talvez de uma árvore antiga ou de um animal... – sugeriu ela.

Enquanto falava, as palavras de um feitiço muito poderoso encheram sua mente. Ela era capaz de fazer isso. Sabia que era.

Amon-Rá interrompeu seus pensamentos:

– E por que o animal ou a árvore merece abrir mão de sua existência para prolongar a vida de outro ser?

– Podíamos pedir voluntários.

– Não – retorquiu ele, fechando os lábios em torno da palavra de tal modo que ela percebeu que ele não aceitaria mais nenhum argumento.

Ísis jogou as mãos para o alto e se irritou.

– Sua mente é fechada demais.

– E eu diria que a *sua* é aberta *demaix*. O que você está sugerindo é um abuso dos nossos poderes.

– Amon-Rá tem razão, Ísis – uma voz familiar os interrompeu.

Ísis se retesou e deu as costas para o homem que tinha entrado na câmara.

– Esta é uma conversa particular, Osíris.

– Sinto muito se cheguei em momento inoportuno, mas ouvi o que você disse e achei que deveria avisar que os outros vão chegar em breve. Não seria melhor ter esta conversa em outro lugar? Um lugar que não seja de fácil acesso para o Ennead?

Ísis cruzou os braços, franziu a testa e finalmente olhou para Osíris. Ver no rosto dele a expressão de pena tolerante típica de irmão mais velho, do tipo “Eu sou muito mais sábio do que você”, foi a gota d’água. Ela estava prestes a atacá-lo quando Amon-Rá ergueu a mão.

– Obrigado pela interrupção em boa hora, Osíris. Você tem razão. Precisamos voltar nossa atenção para outras coisas no momento. Receio que

esta seja minha decisão final, Ísis. Estou avisando que não adianta implorar nem se rebaixar que eu não vou mudar de ideia. Sinto muito. Agora, por favor, me dê licença porque devo verificar se o banquete está pronto.

Quando Amon-Rá saiu da sala, todo o espírito de luta a abandonou, deixando Ísis e seu coração partido ali sozinhos com Osíris.

– Acho que não ajuda, mas eu lamento – disse ele.

Ela fungou.

– Você nem sabe por que está lamentando.

– Eu lamento muitas coisas em relação a você, na verdade. Apesar disso, ele tem razão. Temos leis por alguma razão.

– Não gosto do jeito como você fala sobre as leis.

– Bom, azar o seu.

Ísis ficou surpresa com o tom dele. Osíris sempre tinha sido educado e paciente com ela. Ele passou a mão pelos cabelos escuros.

– Olhe, eu entendo o que é ter um vínculo, mesmo um que seja... profundo, mas há algo a se dizer sobre o autocontrole. É preciso haver moderação. Aderir aos estatutos que Amon-Rá determinou não é uma coisa ruim.

– Mas e se houver algo além disso? – ela desafiou.

– O quê? Como assim?

– Se os limites são as nossas leis, então talvez, ao desrespeitá-las, passemos a ser ilimitados – respondeu Ísis.

– O que você diz não faz o menor sentido.

– O que eu quero dizer é que justamente as coisas que nos enfraquecem, que nos fazem sentir... vulneráveis – Osíris ergueu uma sobrancelha –, na verdade, talvez possam nos deixar mais poderosos do que jamais poderíamos imaginar – concluiu ela.

Ele suspirou.

– Ísis... – começou a dizer, mas ela o interrompeu com um gesto da mão.

Olhando-o bem nos olhos, desafiou:

– E se houvesse uma maneira de realizarmos nossos sonhos? De termos o que desejamos simplesmente abraçando as coisas que por fora aparentam ser inadequadas?

Ela deu um passo à frente e os galhos das árvores do átrio lançaram suas sombras azul-acinzentadas sobre seu rosto. Osíris recuou, nervoso. Ísis

continuou tentando explicar:

– Por que deveríamos nos satisfazer com uma simples colheita, uma produção aceitável, quando temos a capacidade de produzir mais?

Osíris sabia muito bem que Ísis já não estava mais falando de salvar sua mortal. Pelo menos, não era essa a única coisa a que ela aludia. O fato de suas palavras ecoarem a voz em sua mente, aquela que ele estava tentando ignorar, não ajudava em nada. Ele não podia, não iria levar em consideração o que ela pedia. Aquilo destruiria tudo. Um medo frio se espalhou por suas veias.

Ficou olhando fixo para ela como se Ísis tivesse perdido a cabeça. Irritada, ela prosseguiu:

– Se você tivesse a possibilidade de conquistar, alcançar algo pelo qual anseia acima de tudo, não daria qualquer coisa para ter essa oportunidade? Por que temos todo esse poder, Osíris, se não o usamos?

Palmas ecoaram na sala.

– Ora, ora. Concordo completamente com você, Ísis.

Osíris franziu a testa para o recém-chegado.

– Seth, estamos no meio de uma conversa particular.

– Que ironia você dizer isso, Osíris – disse Ísis, sua irritação se transformando em ira. – Seja como for, não tem importância. Estou vendo que sua mente está fixada no caminho que você escolheu. Esta discussão está terminada.

Ísis passou por Osíris, que ficou parado no mesmo lugar, suas costas se retesando ao ouvir Seth perguntando se podia acompanhá-la ao banquete. Ele mesmo tivera a intenção de acompanhá-la, como uma espécie de tentativa de acordo de paz entre os dois. Com isso, ele esperava compensar o tratamento descortês que lhe dispensara antes. Na verdade, Osíris não tinha conseguido pensar em outra coisa além dela durante o tempo que passara fora. Usou qualquer desculpa para voltar para casa. Ele queria consertar o que estava errado entre eles e agora Seth o estava atrapalhando.

Quando Ísis aceitou sentar-se ao lado de Seth no banquete, Osíris cerrou os punhos e os seguiu, sem nunca tirar os olhos das asas reluzentes de Ísis a não ser para fuzilar com o olhar a mão de Seth enlaçando a cintura dela.

Seu humor não melhorou durante o jantar. Seth havia se posicionado perto da cabeceira da mesa, no lugar geralmente reservado a Osíris. E, de algum

modo, conseguiu ter Ísis sentada de um lado e Néftis do outro. Também pegou Seth lançando olhares furtivos para Ísis sempre que a atenção dela estava voltada para alguma outra coisa. Seria possível que Seth estivesse interessado nela de um jeito romântico?

Osíris não descartaria a hipótese. Seth nunca tinha sido de levar as regras muito a sério. Ísis estava se sentindo solitária. Ela queria alguém que a amasse, que lhe oferecesse mais do que apenas amizade. Depois, havia o fato inegável de que Ísis era a criatura mais adorável que Osíris já tinha visto. Claro que ele não era o único homem que tinha reparado nela.

Nenhum deles, nem mesmo Ísis, jamais havia levado Seth a sério. Ele sempre os seguia, tentando acompanhar os outros deuses. Osíris coçou o queixo enquanto observava Seth. O menino tinha ganhado um pouco de corpo, mas ainda não estava plenamente desenvolvido. Seth fora sempre rebelde, irritado. Tratava mal os mortais, exigia sua adoração. Osíris não queria aquilo para Ísis. Ela merecia algo muito melhor.

Quando Seth ofereceu uma fruta pequena e succulenta a Ísis e ele mesmo a colocou entre os lábios dela, Osíris não conseguiu controlar seus tremores. Tentou falar sobre outro assunto qualquer para se distrair da cena que se desdobrava diante de seus olhos. Mas seus relatos sobre vegetação, plantações e as maravilhas da natureza não foram suficientes para tirar sua atenção do flerte óbvio de Seth. Como era possível que ninguém estivesse reparando no comportamento de Seth? Será que agora ele sempre agia assim?

Seth começou a jogar charme até para Néftis. O sujeito não tinha vergonha. Durante o jantar, enquanto se gabava de seus feitos mais recentes – cada conquista assombrosa no mínimo questionável –, todos prestavam muita atenção. Como podiam acreditar que Seth salvara um vilarejo inteiro de um incêndio? Ele nunca tinha erguido um só dedo para ajudar ninguém, principalmente mortais. Nem Osíris conseguiu deixar de escutar boquiaberto ante a audácia do sujeito enquanto discorria sobre devolver crianças roubadas aos pais, incentivar jovens mal encaminhados e até salvar um ninho cheio de filhotes de passarinhos da boca de uma víbora faminta.

Seth deu um beijo na mão de Néftis em um gesto exageradamente amigável e prometeu que ela poderia jogar contra o vencedor do desafio dele a Ísis no novo jogo que ele tinha inventado. Um jogo. Osíris bufou de desgosto.

Certamente havia jeito melhor de aproveitar o tempo de um deus do que ficar inventando jogos.

Querendo se distrair da repugnante exibição que Seth orquestrava, Osíris tentou tirar a expressão sombria de seu rosto. Então limpou a garganta e disse:

– Tenho uma história interessante para compartilhar.

Apesar de todos os olhares se voltarem para ele, Ísis ergueu sua taça e fez questão de olhar para outro lado, ignorando-o. Seth reparou e curvou os lábios em um sorriso zombeteiro.

– Conte, então – disse Seth. – Porque eu, pessoalmente, considero ferramentas de cultivo e os méritos dos diversos tipos de esterco muitíssimo interessantes.

E arrematou a fala com um gesto abrangente do braço.

Osíris tentou ignorá-lo e disse:

– Um agricultor me contou que um inimigo foi ao seu campo e semeou joio no meio da plantação de trigo. No entanto, não tinha como saber o que havia acontecido até que o grão começou a crescer e a presença do joio tornou-se óbvia.

– Fascinante – comentou Seth com os lábios contraídos. Então entrelaçou os dedos e descansou o queixo sobre eles. – Conte mais.

– Ele me perguntou se devia remover o joio imediatamente, mas eu o alertei para que não fizesse isso, porque, se o removesse cedo demais, poderia prejudicar o trigo. E o instruí a esperar até estar tudo crescido, colher o trigo e queimar o joio. – Osíris se inclinou para a frente, pressionando as mãos contra a mesa. – O engraçado do joio é que suas mudas jovens são iguaizinhas às do trigo. Mas não têm nada a ver com a planta que imitam.

Osíris correu os olhos pela sala.

– O joio não tem razão de ser. Também não tem valor. Ele ocupa um espaço precioso em um campo fértil e produtivo. Não tem serventia para a humanidade. Na verdade – voltou os olhos para Seth e os estreitou –, não passa de uma praga que deve ser arrancada do solo e queimada.

Seth recostou-se bruscamente na cadeira, uma expressão incerta no rosto.

– Então talvez o melhor a fazer fosse queimar todo o campo – disse, com desprezo.

– Seria um desperdício, não acha? – rebateu Osíris, cruzando os braços sobre o peito largo.

– Bom, acho que essa é a diferença entre mim e você – replicou Seth. – Eu não perderia tempo tentando salvar alguns talos finos de trigo quando poderia simplesmente acabar com a plantação e começar de novo.

– Talvez você tenha razão – concedeu Osíris. – Seria mais fácil. Mas o caminho mais fácil nem sempre é o melhor. A luta costuma fortalecer.

– Este com certeza é um debate interessante – disse Amon-Rá, lançando um rápido olhar para Néftis. – Mas, no momento, estou mais interessado em música. – O líder diplomático e firmemente neutro dos deuses prosseguiu, insistindo para que mudassem de assunto a seu modo: – Osíris, que músicos trouxe para nós desta vez?

Com relutância, Osíris desviou os olhos de Seth.

– Ah, sim, quase esqueci. Na minha última jornada, deparei com dois homens que criaram um instrumento que chamaram de sistro.

A mesa foi tirada enquanto os músicos se preparavam. Osíris não pôde deixar de se sentir satisfeito quando viu Seth tentar levar Ísis para o jogo prometido e ela fazer um gesto com a mão, sinalizando que iria ao seu encontro depois que os músicos tivessem terminado. Então sua segurança em ascensão sofreu um baque quando ela completou dizendo que a música era o que ela mais gostava nas visitas de Osíris. Quando Seth lamuriou-se, tentando manipulá-la para fazer o que ele queria, Néftis se ofereceu para jogar com ele primeiro.

Foi evidente a indecisão de Seth. Então, para ajudá-lo a ir em frente, Osíris se aproximou e fez uma pequena mesura para Ísis.

– Eu estava aqui pensando se conseguiria convencer minha... minha querida *amiga* a dançar.

Ísis fuzilou Osíris com o olhar, obviamente ainda aborrecida por ele ter ficado do lado de Amon-Rá. Ela respondeu com um pouco de frieza:

– Como vou saber? Por acaso você *tem* alguma amiga aqui?

Seth deu uma risadinha de deleite.

– Venha, Néftis, minha querida. Voltaremos para chamar Ísis mais tarde. – Em um gesto ousado, ele acariciou a asa sedosa de Ísis. – Não demore muito. Estou ansioso para ganhar de você nesse jogo.

Osíris cerrou os punhos e franziu a testa.

– Eu me ofereceria para jogar com você – disse Seth a Osíris –, mas acho que talvez seja um pouco de mais para sua cabeça – provocou, fazendo um gesto com os dedos polegar e indicador bem próximos, tentando indicar o tamanho do intelecto de Osíris.

A vontade de Osíris era de bater a cabeça de Seth contra a parede, mas conseguiu se conter.

– Ande logo e vá brincar com seus joguinhos, Seth. Alguns de nós têm coisas mais importantes a fazer.

Os olhos calculistas de Seth tornaram-se aguçados, perigosos, mas Néftis se apressou em sussurrar algo em seu ouvido. Deve ter sido uma distração eficiente, porque os dois logo se retiraram. Como Ísis o estava ignorando, Osíris voltou sua atenção para os músicos e a melodia foi crescendo, preenchendo os corredores de Heliópolis.

Quando terminaram uma série de canções animadas, um dos músicos ergueu a sobancelha na direção de Osíris. Ele assentiu, reconhecendo o pedido, e, quando a música começou, sua voz se ergueu para acompanhar.

Ísis fechou os olhos e balançou o corpo de leve, as asas tremendo e todos os nervos do corpo parecendo vibrar em resposta à canção. A voz dela era poderosa quando o assunto era tecer feitiços, mas ninguém superava Osíris ao tecer canções. Ele cantou sobre montanhas cobertas de neve e vales de solo negro recém-arado, pronto para ser semeado. Sobre colinas cobertas por um doce capim e cachoeiras que mergulhavam tão fundo que a água se dissipava em nuvens no trajeto até o solo.

Ísis viu-se arrebatada pela melodia e a letra, e percebeu que poderia deslizar para sempre na corrente da música dele. Permitiu que a voz de Osíris a elevasse até o fim, quando ele pousou os pés dela no chão com delicadeza, antes de arrebatá-la com a canção seguinte. A música dele a enchia de paz e, ao mesmo tempo, de inquietude. De uma satisfação profunda e de um anseio terrível. O desejo nunca era tão forte como quando ele cantava.

Quando ele a puxou para seus braços, isso lhe pareceu natural. Tinham dançado juntos mil vezes, mas agora era diferente. Era novo. Ela sentiu a música fluir através dele para ela. As palavras que ele cantava agora eram tranquilas e gentis, mas profundas. Ele cantou sobre desejos não ditos e

corações partidos. Sobre lugares que ainda não tinha visto e coisas imaginadas, tão lindas que ele não era capaz de descrevê-las em palavras, pois, de algum modo, isso reduziria o valor do sonho.

Ísis manteve os olhos fechados enquanto os dois se moviam juntos e foi só no fim da música que ela percebeu como suas pernas tremiam; Osíris estava sustentando a maior parte do seu peso. Mas ele não parecia se incomodar e, quando uma música nova começou, dessa vez sem o acompanhamento vocal dele, a puxou para mais perto.

– Quer dar um passeio no jardim comigo? – perguntou ele baixinho.

Em silêncio, ela assentiu e ele colocou a mão dela na dobra de seu braço. Caminharam em silêncio e Ísis de repente adquiriu uma consciência aguda de tudo: o farfalhar de suas asas; o contato com o braço dele; a mão de Osíris segurando a dela de modo quase possessivo, como se estivesse tentando impedir que ela fugisse; a expressão preocupada, quase determinada no rosto dele; e depois, quando se aproximaram, o cheiro das flores que emanava do jardim dele.

Osíris tinha um orgulho enorme de seu jardim encantado. Mesmo quando estava fora, plantas de todos os tipos eram trazidas por mensageiros com instruções explícitas sobre seus cuidados. Ele empregava uma equipe completa de jardineiros que cultivavam e rotulavam cada espécie, colocando-as no lugar adequado para que se desenvolvessem bem. Por causa disso, a ampla área tinha sido dividida em várias zonas.

Uma, quase desértica, abrigava as várias plantas que cresciam devagar e que ele chamava de suculentas. Outra era dedicada unicamente a ervas, verduras e legumes, a maior parte dos quais era compartilhada com os cidadãos de Heliópolis. Havia um pomar onde cresciam centenas de variedades de frutas. Áreas extensas eram reservadas aos vinhedos.

Arbustos da altura de casas produziam frutinhas vermelhas de todos os tipos. Uma seção era dedicada a plantas que cresciam em climas frios, e Amon-Rá generosamente havia fornecido meios para manter a área fresca durante séculos. As plantas tropicais eram mantidas do lado oposto do jardim. Havia estufas de vidro, estufas sombreadas e um arboreto gigantesco com todo tipo de árvore que crescia na Terra e nos outros mundos que eles tinham semeado.

Ísis adorava o jardim e com frequência o visitava quando Osíris estava fora. Ela se sentia próxima a ele quando estava ali, mas, como ele, também se sentia atraída pelos mortais. Havia muita gente para cuidar das necessidades das plantas, mas poucos eram capazes de viajar ao domínio dos mortais e cuidar das pessoas de lá.

Ela ficou surpresa e feliz quando ele a levou até um bosque de nogueiras. No meio dele, escondia-se um gazebo aconchegante que ele havia construído para ela ainda na infância. Osíris fez um gesto para que ela se sentasse e se assegurou de que estivesse confortável antes de se afastar. Ela ficou olhando fixo para as costas dele e imaginou o que o estaria incomodando. Que ele estava aborrecido era óbvio; no entanto, da perspectiva dela, era ela quem devia estar irritada com ele, não o contrário.

– O que foi, Osíris?

Ele entrelaçou as mãos às costas e virou a cabeça, de modo que ela via seu rosto bonito de perfil. O sol já tinha se posto e agora a lua se erguia, enquadrando-o em sua silhueta redonda e fazendo com que as pontas de seu cabelo refletissem um brilho prateado. Finalmente ele se moveu e se apoiou em um poste. Cruzando os braços sobre o peito, examinou-a das sombras. Ele moveu o maxilar como se fosse começar a falar, mas então se deteve, como se não confiasse na própria voz.

– Está bravo comigo? – perguntou ela.

– Bravo? – ecoou Osíris. A palavra o deixou confuso. Parecia espessa e tinha o gosto errado em sua língua. – Não. Não estou bravo com você.

O que ele sentia por Ísis não tinha nada a ver com raiva, apesar de o calor daquela emoção queimar dentro dele. Ao olhar para ela, estonteante ao luar, ele a examinou como fazia quando deparava com uma flor das mais raras e belas.

O deleite que experimentava ao encontrar algo assim era quase inebriante e o enchia de euforia. Ele pegava o botão com cuidado entre as mãos e inalava seu perfume delicado. Então examinava a flor e seu ambiente. Cuidadosa e meticulosamente, ele a observava durante um ciclo completo e fazia extensas anotações, e então, quando finalmente estava pronto para se apoderar dela, levava-a para casa, para o local ideal, e dedicava sua atenção até que ela mostrasse todo o seu potencial sob seus cuidados.

Era isso que ele ansiava fazer quando olhava para Ísis. Queria tomar o seu rosto lindíssimo entre as mãos e descobrir do que ela precisava, como poderia fazer com que *ela* florescesse. Claro que Osíris não podia dizer isso a ela. Não sem consequências. Ele a conhecia bem o suficiente para saber que ela não receberia uma confissão assim e simplesmente a deixaria passar. Não. Ela ia querer tomar uma atitude, e ele não podia deixar que isso acontecesse.

Enquanto ele se afligia com essas coisas, Ísis se ergueu de onde estava sentada e se aproximou dele. Nos olhos dela, ele enxergava a eternidade do cosmos, o nascimento das estrelas, o movimento das nebulosas. Eles o transfixavam, lançavam um feitiço sobre ele, e ele se sentiu embriagado pelo luar refletido neles. Mas isso não importava. Ele precisava dizer a ela o que tinha a intenção de dizer.

– Seth... está passando dos limites – ele finalmente falou.

– Seth? – ela questionou com expressão confusa. – Por que está falando de Seth?

– Ele quer algo de você.

Ela ergueu um ombro, como se não desse importância à questão.

– Seth sempre buscou a nossa aprovação.

– Não. Nesse caso é diferente. Ele... deseja você.

Ísis franziu a testa.

– Acho que está enganado.

– Não estou. Acha que eu não sei discernir quando um homem deseja uma mulher?

– Não pensei que você se desse ao trabalho de notar tais coisas.

– No seu caso, eu noto.

Inclinando a cabeça de lado, Ísis refletiu sobre as palavras dele.

– Entendo. – Então ela assentiu com a cabeça. – Obrigada por me informar.

Ela fez menção de se retirar, mas Osíris segurou seu braço para puxá-la de volta.

– Eu... eu preciso saber. O que você pretende fazer a respeito disso?

– De Seth?

Osíris inclinou a cabeça e prendeu a respiração, esperando a resposta dela.

Foram três batidas do coração até ela falar.

– Acho que vou precisar conversar com ele a respeito disso.

– Ah... – Osíris soltou o braço dela e sugou o ar. – Mas... mas o que você planeja dizer a ele?

Ela mudou de posição, pouco à vontade.

– Não sei. Vou primeiro refletir sobre as palavras dele e depois decidir. Não há muito que eu possa fazer, a menos que ele declare suas intenções.

– Certo.

Dessa vez ela de fato se virou para ir embora. Osíris rapidamente bloqueou o caminho antes que ela se retirasse e segurou-a pelos ombros.

– Não – disse ele. – Simplesmente... não.

– Não o quê? Ir embora? Falar com Seth? Voltar para casa a pé? O que você *não* quer que eu faça?

– Não leve Seth em consideração.

– E por que não?

– Você sabe por que não.

– As suas razões não são as mesmas que as minhas.

– Deveriam ser.

– Mas não são – ela rebateu com o queixo erguido, desafiadora. – Você não pode tomar as minhas decisões.

– Talvez não, mas eu *sou* afetado por elas.

– Como assim?

– Se você escolhê-lo, eu vou... sofrer.

– Ainda assim *você* me recusa, não é mesmo?

– Correto.

– Então você quer que *eu* sofra.

– Não. Não é... – Ele suspirou. – Eu não quero que você sofra, Ísis. É só que... Seth não é o homem certo para você.

– Então, quem é?

Osíris preferiu não responder. Em vez disso, deu um passo à frente, aproximando-se dela, pousou a mão em seu rosto e acariciou a pele macia com o polegar. Com um tom reconfortante, murmurou:

– Você é tão delicada e adorável quanto um raio de luar. – Ele levou a outra mão ao rosto dela e traçou o contorno de seu maxilar. Entregando-se à tentação, Osíris a puxou para mais perto, deliciando-se com a sensação da

palma das mãos dela em seu peito. Então inclinou-se e sussurrou em seu ouvido: – Eu não permitiria que Seth maculasse a sua luz.

Ísis deslizou as mãos para cima e enlaçou seu pescoço antes de dizer:

– Então me dê outra opção.

Antes que ele pudesse falar algo, Ísis ergueu a boca até a dele e todos os pensamentos a respeito do que ia dizer fugiram da mente de Osíris. Quando ela inclinou a cabeça e se apertou ainda mais contra ele, Osíris gemeu e a abraçou tão forte pela cintura que chegou a erguê-la do chão. As asas dela se agitaram, e uma parte dele tomou consciência de que já não estava sustentando o peso dela. Então Ísis recolheu as asas e se deixou cair de encontro ao corpo dele mais uma vez, fazendo-o pensar que nada em sua vida tinha sido tão bom, tão certo, quanto tê-la em seus braços.

Ísis era a estrela mais brilhante do cosmos. E seria sua se ele quisesse. Ele estava preso em sua órbita e iria se consumir em sua presença. Mas não se importava. Ele *queria* aquilo. Ele *a* queria. Mais do que já tinha desejado qualquer coisa na vida. E, no entanto, sabia que não podia tê-la.

Com suavidade, ele a colocou no chão e deu um passo para trás. A distância cruel que separava os dois era como uma coisa viva que o aticava logo depois de terem sido arrancados um do outro. Os olhos dela eram meigos, brilhantes. Carregados de promessas.

Os lábios que ele tinha acabado de beijar eram cheios, voluptuosos e tentadores e seria fácil demais baixar a cabeça e voltar a saboreá-los. O sorriso lento que foi se abrindo quando ela ergueu a mão para acariciar o cabelo dele foi de partir o coração, e ele sabia que o rubor no rosto dela era algo que iria guardar com carinho pelo resto de seus dias.

Ele pegou a mão dela, levou-a aos lábios e depositou um beijo cheio de ternura em sua palma.

– Sinto muito – disse ele.

Era um eco patético do que tinha acontecido entre eles antes. Mas naquela ocasião ele estava fugindo das consequências do que ela havia proposto. Dessa vez, estava fugindo dos próprios sentimentos. E agora não tinha mais como negá-los. Os sentimentos que tinha por Ísis eram muito reais. A questão era o que faria a respeito deles.

– O que foi? – perguntou ela, piscando, confusa.

– Eu disse que sinto muito, mas preciso ir embora.

– Ir embora?

– É. Preciso pensar.

Ele desceu os degraus do gazebo com rapidez e passou para a grama iluminada pelo luar.

– Pensar?! – gritou ela, obviamente aborrecida. – Faça isso, então: fuja e *pense*, Osíris! Mas esteja avisado de que eu também planejo *pensar* muito!

Com isso, Ísis saltou do gazebo, abriu as asas com um estalo e desapareceu na noite estrelada.

Seth observava das sombras de uma árvore, seus olhos brilhando enquanto Ísis ganhava os céus e Osíris saía pisando duro. As coisas não estavam progredindo como planejado, mas Seth achou que ainda podia fazê-las virar a seu favor.



Enxerto

O jeito mais fácil de frustrar a relação que brotava entre eles seria falar com Amon-Rá. Seth esfregou o queixo. Não. Delatar as atividades deles só serviria para prejudicar os próprios planos. Se ele quisesse se unir a Ísis, precisava manter Amon-Rá na maior ignorância possível a respeito dos sentimentos atuais de Ísis, que desejava ter mais do que lhe era concedido.

Na verdade, isso era algo que Seth admirava nela. De certo modo, era um alívio saber que ela estava tão descontente quanto ele com o que a vida tinha a lhe oferecer. Espioná-la era útil em mais de um aspecto. Ele poderia usar isso em vantagem própria. Seth passou a noite toda ensaiando o que iria fazer e dizer a Ísis. Para fazer com que ela o visse como uma escolha mais viável do que Osíris. Então, quando o sol se ergueu acima da montanha, lançando seu brilho dourado sobre toda Heliópolis, ele chamou pela mãe e perguntou se ela podia lhe emprestar seu cometa para mandar uma mensagem.

O céu trovejou em resposta e o sussurro do vento fez cócegas em sua bochecha.

– Eu emprestaria, mas Osíris acabou de pedir o mesmo – disse Nut ao filho. – Quando o cometa voltar, ficarei feliz em mandar a sua mensagem.

Seth cerrou os punhos e retesou o maxilar.

– Não vai ser necessário, mãe – retrucou, ríspido. Então logo se desculpou, explicou que estava exausto e acrescentou: – Você por acaso escutou a mensagem dele?

– Você sabe muito bem que não fico bisbilhotando meus filhos.

– Então não sabe o que ele disse a ela? – insistiu Seth.

O vento parou de soprar e então se agitou a seus pés com tanta sutileza que ele nem teria notado se não fosse um deus.

– Não era para você, filho – ele ouviu quando ela afirmou baixinho.

O corpo de Seth estremeceu de frustração.

– Será que, pelo menos desta vez, você não poderia... – ele começou a dizer, esforçando-se para demonstrar à mãe o respeito que a posição dela merecia. Nut o interrompeu com um movimento repentino das nuvens lá no alto. Elas rolaram e se agitaram, mas, com a mesma rapidez com que tinha se juntado, a massa espessa se desfez. E então estendeu dedos finos que foram se dissipando com o calor da manhã até desaparecerem por completo.

– Eu não costumo fazer isto – disse ela, por fim. – Mas sei que você anda tendo dificuldades ultimamente, e os outros deuses não têm sido tão pacientes com você como eu gostaria que fossem. – Ela suspirou. O sopro dela no rosto dele era tão frio quanto o espaço no qual ela havia feito sua casa. – Osíris pediu a Ísis que o encontrasse no estábulo de Amon-Rá. Não sei se ela tem a intenção de ir, só que a mensagem foi entregue.

Seth inclinou a cabeça.

– Obrigado, mãe.

A caminho do estábulo, Seth foi parado duas vezes. Primeiro por Anúbis.

– Seth – disse Anúbis. – Era você mesmo, garoto, que eu estava procurando.

Seth desvencilhou o braço da mão de Anúbis e fuzilou o deus com um olhar de desprezo escancarado.

– Não estou vendo nenhum *garoto* aqui. É melhor continuar procurando. – Ele se virou para ir embora, mas o cão negro de Anúbis saltou em seu caminho e rosnou. Seth quase, *quase* desfez o cachorro ali mesmo, naquele momento. Desfazer uma criatura tão antiga quanto o primeiro cão daria a ele uma enorme dose de poder, mas ele não podia se arriscar a algo assim. Não por enquanto. Sem se virar para Anúbis, Seth perguntou: – O que você quer?

– Parece que houve algumas mortes estranhas ultimamente: animais, árvores, mortais e até alguns imortais de menor importância. Eu tive de acompanhar várias pessoas à vida após a morte, várias pessoas *jovens* – enfatizou. – Jovens que não estavam nem perto da morte. E as histórias que contam, bom... – Anúbis tinha se reposicionado ao lado do cão e encarava Seth

com acusações nada sutis no semblante. – Vamos dizer que não foram inteiramente... *naturais*.

– Isso deve ser bem fascinante para você. Agora, se me der licença, tenho negócios urgentes a tratar.

Anúbis ergueu uma sobrancelha.

– Negócios? É mesmo? Que negócios você poderia ter?

Seth ergueu o queixo e semicerrou os olhos.

– Devo informá-lo de que Amon-Rá me enviou em uma missão de grande importância.

Anúbis cruzou os braços sobre o peito.

– Entendo. Bom, sorte dele ter um *homem* tão dedicado para fazer o serviço.

– É.

– Então é melhor ir andando, Seth. – O deus da vida após a morte sorriu com desdém. – Eu vou lá falar com Amon-Rá sobre minhas preocupações relativas ao repentino aumento do fluxo de almas para a vida após a morte e sobre as minhas *suspeitas* da causa desse fenômeno.

– Faça isso – disse Seth, cheio de confiança, apesar do turbilhão interior provocado pelo temor de que seu segredo tivesse sido descoberto.

Então ele se acalmou. Mesmo que Anúbis desconfiasse que era ele o responsável pelas mortes, Amon-Rá não iria necessariamente atribuí-las ao sobrenatural. Ele já tinha sido a causa do óbito de mortais antes; de muitos, na verdade.

Anúbis podia acreditar que essas mortes eram diferentes, mas não tinha como saber por quê. A transição entre vida e morte era uma coisa terrível, capaz de fazer a mente encapsular a dor. A maior parte das almas nem se lembrava de como tinha morrido. Era como lembrar-se da dor de um joelho ralado quando criancinha. Mesmo que conseguissem, essa não seria uma preocupação imediata. Seth tinha tomado cuidado para garantir que os mortais em quem tinha testado seu poder não vissem seu rosto. Além do mais, estavam mais preocupados com a próxima fase de sua existência e com o julgamento iminente. No máximo, a mente estaria anuviada, confusa com a experiência da morte, e era por isso que Anúbis era enviado como guia.

Seu segredo estava seguro por enquanto. Ninguém ia acreditar que o único deus sem poderes, aquele que ninguém, nem mesmo os pais, achava que seria alguma coisa, poderia possuir uma habilidade tão importante. Ele ainda tinha tempo. Tempo para revelar sua novidade à sua maneira e para aqueles que ele escolhesse. Mas, primeiro, precisava falar com Ísis.

Anúbis se inclinou para a frente, quase encostando o nariz no de Seth.

– Ah, vou fazer mesmo – disse antes de passar por Seth, esbarrando em seu ombro com tanta força que o deus mais baixo quase caiu. A fúria que tomou conta de Seth foi rápida e escaldante. Sua ira devia-se mais à maneira como Anúbis tinha falado com ele, mas também estava aborrecido com a própria reação ao deus. Durante a conversa, Seth tinha se sentido... intimidado, assustado, diminuído.

Detestava o fato de os antigos desajustes de sua juventude ainda atormentarem sua mente, apesar de ele agora ter alcançado a plenitude. Como desejava sua justa vingança! Ele ia mostrar a eles. Ia mostrar a todos eles exatamente o que ele era. O que poderia ser. Era mais poderoso do que todos. Nunca mais ousariam falar assim com ele depois que vissem o que era capaz de fazer.

Seth saiu pisando duro, mais uma vez a caminho do estábulo, até que deparou com Néftis, que claramente também desejava sua atenção. De início, ele pensou em ignorá-la, mas os olhos suaves e o sorriso recatado dela o encantavam. Apesar de Néftis ter sempre ficado do lado dos outros, deixando-o de fora, nunca tinha sido maldosa com ele. Reprimindo sua impaciência, ele fingiu que estava interessado no que quer que fosse que ela quisesse lhe falar.

– Em que posso ajudar, minha querida?

Ela retorceu as mãos.

– Eu... eu andei falando com as estrelas.

– E...? – Os outros achavam Néftis um tanto louca quando falava de suas visões, mas Seth sempre levava a sério o que ela dizia. Ele sabia como era ser mal compreendido e, pensando bem, os dois tinham muito em comum. As habilidades dela assustavam os outros. Quando ele revelasse as dele, ficariam igualmente preocupados, se não ainda mais. – O que as estrelas lhe disseram? – perguntou ele.

– Eu preciso prevenir você.

– Me prevenir de quê?

– De que o caminho que você está tomando é perigoso.

Seth riu.

– Meu caminho até o estábulo?

– Não. Seu caminho na vida.

– Entendo. E qual seria o caminho correto?

A princípio, sua intenção era de que a pergunta tivesse tom jocoso, mas o tom da voz dela combinado à expressão em seu rosto desviou seu propósito; agora ele queria mesmo saber.

Néftis tirou uma pedra transparente do bolso e esfregou os dedos nela. Então segurou a pedra na concha formada por suas mãos e a levou até o ouvido.

– Há vários caminhos que você poderia tomar – disse ela. – O seu caminho tem muitas reviravoltas. Muitas possibilidades. E logo você terá que fazer uma escolha importante.

– O que é isso? – perguntou ele, apontando a pedra.

O canto da boca de Néftis moveu-se para cima.

– Se eu dissesse, você não acreditaria.

Seth inclinou-se, aproximando-se dela, segurou seu ombro e o apertou de leve, tentando criar um clima de confiança entre os dois. Piscando para ela, disse:

– Experimente.

Néftis umedeceu os lábios e respondeu:

– Eu o chamo de Olho da Profecia. Quando as mensagens das estrelas não são claras, eu mando a pedra vagar por aí. Ela acaba de voltar, e as coisas que me mostrou são ao mesmo tempo maravilhosas e assustadoras.

– Será que ela fala comigo? – perguntou Seth, abrindo a mão.

Como se Néftis hesitasse, ele tirou a pedra dos dedos dela e a levou até seu ouvido. O fato de ela parecer não se incomodar que ele pegasse sua pedra o encheu de uma sensação inebriante de poder. Foi exatamente o oposto do que ele tinha sentido durante seu encontro com Anúbis.

Seth não sabia se ela estava encantada por ele, se tinha medo dele ou se só estava sendo educada. Na verdade, não importava qual era a motivação. O fato de Néftis saber qual era seu lugar fazia com que ele a apreciasse ainda mais.

Por um breve momento, ficou imaginando quanto ela permitiria que ele a pressionasse.

– Não. – Néftis sacudiu a cabeça com tristeza. – Bem que eu queria que falasse. Tem muita coisa para contar a você. Muita coisa que você precisa saber. Mas... este não é o momento.

– Que conveniente! – disse Seth, e permitiu que um vislumbre de sua crueldade se revelasse. Ao ver a expressão arrasada no rosto dela, ficou com raiva. Não gostava quando as pessoas se decepcionavam com ele. – Não me incomode com essas coisas se não tiver nada concreto a dizer.

– Mas eu tenho algo concreto a dizer, sim.

– Então diga, Néftis – exigiu ele, impaciente.

– É sobre o seu caminho. – Ela baixou os olhos. – Quer dizer, o *nosso* caminho. – Ela engoliu em seco e olhou para ele através dos cílios.

– Nosso caminho? – perguntou Seth, sobressaltado. – Está querendo me dizer que nós...?

Néftis assentiu de leve.

– É uma das possibilidades. Uma das mais felizes. – Ela franziu a testa. – Mas também uma das mais terríveis.

Seth ficou ali, paralisado, as mãos agora apertando os ombros dela com força. Ele nunca tinha pensado em tomar nenhuma outra mulher que não fosse Ísis como sua companheira, mas estar ali parado, com Néftis olhando para ele com uma mistura de confiança e medo, de algum modo parecia correto. Não havia dúvida na cabeça dele de que o poder de Néftis era real. Ela sabia coisas demais.

De certa forma, ela o fazia lembrar-se da mãe. Mas, diferentemente de Nut, Néftis pelo menos confiava nele o suficiente para lhe contar as coisas que tinha visto. Néftis não lhe escondia coisas. Mesmo se o que ela tinha a dizer fosse recebido com raiva. Ele parou um instante para refletir sobre o que ela tinha dito. O fato de ele ter potencial para muitos caminhos era algo bom. Significava que tinha escolhas. Que o destino não havia decidido quem ou o que ele seria. Ele gostava disso.

Talvez as visões dela até significassem que ele poderia ficar com as duas mulheres – uma para lançar seus feitiços e outra para ver o futuro. Um homem podia ter um destino bem pior. E os outros deuses não ficariam com ciúme ao

vê-lo brincar com os afetos das duas deusas enquanto eles continuavam absolutamente sozinhos? Velhos solteirões, fadados a uma vida de inveja... Ele imaginou o belo Osíris ajoelhado diante de seu trono, olhando enciumado para ele com suas duas poderosas rainhas, uma sentada de cada lado, competindo por sua atenção. Era um sonho tão vívido que Seth quase conseguia encostar nele.

Se ia escolher Néftis agora ou mais tarde não fazia a menor diferença para ele. Não podia fazer mal deixar a deusa em compasso de espera durante alguns séculos. No mínimo, ele queria manter aberto o canal de comunicação entre os dois. Finalmente, ele disse:

– Ainda bem que você me falou disso.

– Sério? – perguntou ela, acanhada. – Os deuses não gostam quando eu falo demais. Eles ficam nervosos.

– Esse nunca vai ser o caso em relação a mim, minha querida. Quero que me conte tudo.

– Tudo?

– Absolutamente tudo. Mas, primeiro, tenho um assunto a tratar. Pode se encontrar comigo mais tarde?

– Posso.

– Ótimo! Vou procurá-la hoje à tarde. Até lá, será que isso pode ficar só entre nós?

Néftis assentiu.

– Pode, claro.

Seth olhou radiante para ela, e em seu sorriso Néftis enxergou um vislumbre do que poderiam ser juntos. Ela sabia que o momento era errado, mas também sabia como ele estava infeliz. Ao contar-lhe o que tinha descoberto, quis oferecer-lhe algo por que esperar e em que se concentrar. Se desse certo, talvez fosse possível desviá-lo para o caminho que ela esperava que ele tomasse.

Enquanto Néftis se afastava, as estrelas sussurraram que ela não tinha controle sobre as escolhas de Seth e que ele faria o que quisesse, de qualquer modo. Ela só podia torcer para que ele não agisse errado. Se ele ao menos pudesse enxergar as coisas que ela enxergava... Mas nenhum deles podia. Nem mesmo Ísis, sua amada irmã.

Néftis saiu cantarolando pelos corredores que levavam a Amon-Rá, que era tão cabeça-dura quanto Seth. Era um desafio fazer com que ele tratasse de qualquer outra coisa além de obrigações. Os sonhos dele estavam tão bem trancados que nem ela era capaz de trazê-los à superfície, por mais que falasse docemente e fosse perspicaz. Mas isso não a impedia de tentar. Ele se sentia muito solitário em suas responsabilidades e ela sabia que sua presença lhe trazia paz e uma distração agradável.

Ela fez um sinal para que um servo lhe trouxesse chá e se acomodou na poltrona onde se reuniam todas as manhãs. Amon-Rá a cumprimentou com um aceno de cabeça quando entrou e ela sorriu com os lábios escondidos atrás da xícara de chá fumegante enquanto ele se acomodava ao lado dela. As estrelas sussurraram mais uma vez, mas ela sabia que não havia como manipular Amon-Rá. Diferentemente de Seth, não tinha como influenciá-lo a tomar um ou outro caminho. Ele precisaria tomar a decisão sozinho, e no momento que lhe parecesse certo. Néftis suspirou. A espera seria longa e cansativa, mas valeria a pena. Ela precisava acreditar nisso.

Enquanto Néftis e Amon-Rá conversavam sobre coisas divinas, tomando chá acomodados sob os feixes de luz do sol que entravam pelas janelas de treliça do palácio, Ísis se encontrava no estábulo escuro espiando o curioso animal que mastigava aveia preguiçosamente enquanto a observava. Ísis tinha certeza de que a estranha criatura era a razão por que Osíris a tinha chamado ao estábulo e soltou um suspiro de irritação.

Não ia dar certo. Ele provavelmente estava tentando distraí-la mais uma vez. Fizera isso várias vezes ao longo dos séculos. Quando ela se irritava com ele por causa de qualquer coisa, ele lhe trazia uma flor que ela nunca tinha visto, um coelho fofinho ou um gatinho. Logo ela esquecia todas as razões por que estava irritada e o enchia de perguntas a respeito de suas aventuras.

Ela não fazia ideia de como chamar aquele animal nem de onde ele o teria encontrado, mas tinha de reconhecer que era interessante. Sua cabeça se parecia com a de um cachorro ou um chacal, mas com orelhas compridas, peludas e com pontas quadradas que ficavam eriçadas. As patas também eram longas e esguias como as de uma gazela, mas aquela criatura não era um cachorro.

Pelo comportamento, mais parecia um cavalo. Era mansa e engolia aveia com mais rapidez do que qualquer animal que ela já tivesse visto.

– Acho que você está com fome – disse ela rindo quando estendeu a mão.

Ísis tocou o pescoço comprido da criatura, que se aproximou, contente com o carinho. Quando a deusa começou a fazer um cafuné, a criatura soltou um gemidinho e ajeitou a cabeça para que ela pudesse alcançar os melhores pontos.

Olhos castanhos com cílios compridos piscaram quando o animal se virou, abanando o rabo peludo para voltar a enfiar a cabeça no balde de aveia e mastigar mais um bocado. Ao mesmo tempo, ajeitou o corpo de modo que Ísis pudesse continuar o cafuné. Ela fez a vontade do animal com tapinhas carinhosos.

– Você é uma doçura, não é mesmo?

– Gosto de pensar que sou, sim – disse uma voz atrás dela.

Ísis se virou.

– Seth? O que está fazendo aqui? – perguntou ela.

– Estou procurando você – disse ele com um sorriso que pareceu um pouco intenso demais.

– Estou esperando Osíris, mas pode ficar até ele chegar.

O sorriso se esvaiu do rosto de Seth.

– Como quiser. – Ele inclinou a cabeça e, ao fazer isso, acenou com os dedos e desfez uma parte importante do jardim de Osíris, uma de que o deus das ervas daninhas sentiria muita falta. Talvez aquilo distraísse Osíris tempo suficiente para lhe dar uma chance de conversar com Ísis.

Dando um passo à frente, ele se debruçou na baia onde ela observava o animal e franziu o nariz por causa do cheiro. Ele preferiria levá-la para outro lugar, mas sabia que Ísis não sairia dali, não quando o Sr. Bonitão-Demais-Para-o-Próprio-Bem estava a caminho. Mas talvez, se ele revelasse seu segredo, ela ficasse chocada o bastante para concordar em ver uma demonstração em outro lugar depois que ele se declarasse.

– Ele não é lindo? – perguntou Ísis, apontando para o animal.

Seth não viu nada de mais na criatura. Na verdade, até onde ele conseguia perceber, o bicho não servia para nada. Era pequeno demais para ser montado. Não parecia inteligente o bastante para ser um animal de estimação. Comia

grãos, o que significava que precisava ser alimentado. E, sendo herbívoro, era essencialmente inútil para manter a população de roedores sob controle.

– Adorável – disse ele em tom seco, sem olhar para a criatura. – Ísis? – começou ele.

– O que foi?

– Eu queria conversar com você.

A boca de Seth de repente ficou seca e, por mais que se esforçasse, não conseguia se lembrar de nenhuma das frases que tinha ensaiado. Não com os olhos tempestuosos da deusa pousados nele.

– Pode falar – ela o incentivou, levantando-se.

O corpo dela se retesou, como se estivesse se preparando para o que viria a seguir.

Seth também se levantou, irritado por precisar erguer a cabeça ao olhar para ela. Ele não era baixo, pelo menos não quando comparado a mortais, mas Ísis era vários centímetros mais alta que ele. Quando a tomasse como noiva, ele se certificaria de que o trono dela fosse mais baixo que o seu. Não daria certo ter uma esposa que chamasse mais atenção do que ele.

– Eu... eu queria contar para você que o meu poder se manifestou.

Não fora sua intenção fazer a afirmação assim de modo tão direto e com a insegurança transparecendo na voz, mas era o melhor que ele parecia ser capaz de fazer. Tranquilizou-se um pouco quando o rosto de Ísis iluminou-se com entusiasmo.

– É mesmo? Isso é maravilhoso!

– É mesmo. – Ele deu um sorriso um pouco acanhado. – Eu queria que você fosse a primeira a saber.

– Fico honrada. E então? – Ísis pegou a mão dele. – O que é?

– É... bom... – Seth olhou ao redor do estábulo em busca de algo sem importância. Encontrou uma banqueta de ordenha e a colocou entre eles. – Observe. É melhor eu demonstrar.

Seth ergueu a mão e a banqueta tremeluziu, desaparecendo em seguida. Na verdade, era fácil demais desfazer um objeto inanimado. Mas ele não colhia nenhum poder adicional com algo assim, então considerava um desperdício de energia. Qualquer que fosse a força vital que a banqueta pudesse ter tido algum

dia, essa já havia desaparecido fazia muito tempo. Mesmo assim, Ísis ficou impressionada e bateu palmas.

– Que coisa maravilhosa! – Ela se virou para trás. – Para onde foi a banqueta? Você é capaz de mover qualquer coisa? – perguntou ela. – Gente também?

– Eu não movi a banqueta – disse Seth, um pouco apreensivo. – Eu... a desfiz.

– Desfiz? O que isso significa?

– Significa que ela agora deixou de existir.

– Então você a destruiu?

Seth negou com a cabeça.

– Destruir é quebrar algo. Nesse caso, a matéria continua existindo. Eu apaguei a coisa do cosmos. E a resposta para a sua pergunta anterior é, sim, eu posso fazer isso com qualquer coisa.

– Mas o que acontece quando...

Ele ergueu a mão em um floreio.

– Como eu disse, a coisa deixa de existir. Se for uma coisa viva, como uma árvore ou um animal, parte de sua essência vital é transferida para mim e o resto retorna às Águas do Caos.

– Às Águas do... Tem certeza?

– Muita certeza. Eu fui até lá pessoalmente e testei.

– Mas isso significa que você matou...

Seth a interrompeu com o dedo em riste:

– Desfiz.

Ísis agitou as asas e uma ruga reveladora em sua testa mostrou que ela não estava nada satisfeita com ele.

– Matar, desfazer, qual é a diferença? – questionou ela.

Seth franziu a testa. A conversa não estava indo na direção que ele queria.

– Acho que você não está enxergando o panorama mais amplo.

– E que panorama é esse?

– As Águas do Caos estão sendo reabastecidas. – Ele pôs as mãos nos ombros dela e cerrou os dentes quando ela recuou. – *Reabastecidas*, Ísis. Você sabe o que isso quer dizer?

Ele fez uma pausa e foi recompensado quando os olhos dela se arregalaram.

– Significa que mais seres podem ser criados – respondeu ela, séria.

– Isso mesmo! – Ele meneou a cabeça com entusiasmo exagerado.

As possibilidades atravessaram a mente de Ísis. Com as Águas do Caos reabastecidas, ela poderia ter um filho. Talvez até mais do que um. Ela poderia ser mãe.

– É possível abastecer as Águas desfazendo coisas sem vida? – perguntou ela. – Coisas como a banqueta?

– Não. As Águas só são reabastecidas quando desfaço seres vivos. Quanto mais poderosa a vida, mais as águas sobem.

– Mas destruir os vivos é errado – afirmou ela.

Ele suspirou, impaciente.

– Não é destruir. É desfazer. Será que não percebe a diferença? Você pode me ajudar.

– Ajudar você? Como?

– Pode me ajudar a escolher o que desfazer. Com você ao meu lado, vamos obter o equilíbrio perfeito. Opostos mas iguais, o meu caos e a sua criação. Sua sabedoria e sua bondade vão me manter sob controle. Eu vou ser o deus flamejante da vingança, enquanto você será minha contraparte de gelo, a deusa que contém as chamas e oferece alívio e cura.

Como ela se limitou a ficar olhando fixo para ele, os olhos cheios de dúvidas, ele insistiu:

– Ísis, eu sei que as regras desagradam você tanto quanto a mim. Pense no que nós poderíamos fazer. Juntos. Eu posso lhe dar aquilo por que você anseia. Vou deixar passar os mortais e as criações que você decidir salvar. Aqueles que você ama podem viver por toda a eternidade. Certamente isso vale o preço de algumas árvores e flores.

Ele a enganou deliberadamente. Seria necessário muito mais do que árvores e flores para tornar alguém imortal, principalmente porque ele absorvia parte da energia vital dos seres que eram desfeitos. Mas Ísis não estava pronta para saber disso. Não ainda.

Ela respirou fundo quando uma ideia lhe ocorreu. Poderia salvar Baniti. Isso era possível. Se ficasse do lado de Seth, ele permitiria que ela fizesse isso.

– O que exatamente você quer de mim? – perguntou ela.

Seth inclinou a cabeça e dirigiu-lhe uma risadinha zombeteira. Ela estava começando a entender o jeito dele de ver as coisas, ele sabia. Observá-la tinha valido a pena. Ele a tinha ganhado. Nem mesmo a grande Ísis seria capaz de negar o poder dele.

– Eu quero *você* – afirmou ele simplesmente.

– Eu?

– Sim. Isso é assim tão chocante? Você é uma mulher linda. Não só isso: você tem o poder dos feitiços e da cura. O meu desejo é nos unirmos, criarmos uma ligação entre nós.

– Mas ligações entre os deuses são proibidas. Além do mais, mesmo que não fossem, eu não amo você.

Seth deu de ombros, como se isso não fizesse a menor diferença para ele. Mas, na verdade, a ideia de que ela nutria sentimentos por outra pessoa o deixava furioso.

– Nós vamos mudar as regras. E... o amor virá com o tempo – disse ele.

– E se não vier?

Ele deu as costas para Ísis, para que ela não visse como suas palavras o irritavam.

– Se não vier, vamos lidar com a questão juntos, só nós dois – disse ele em voz alta enquanto, por dentro, se perguntava se seria possível desfazer os sentimentos de uma pessoa.

Será que isso prejudicaria a mente ou o coração dela? Seria arriscado experimentar algo assim em sua noiva. Ele testaria em outros antes de usar seus poderes nela. Precisava que a mente dela se mantivesse intacta para que pudesse criar feitiços.

Assim que Seth se afastou dela, Ísis segurou com força a mureta da baia e olhou fixamente para o animal, que se aproximou e esfregou a cabeça na mão dela. A aveia tinha acabado e era provável que estivesse pedindo mais. Sem prestar atenção, ela ficou acariciando o animal enquanto pensava na proposta de Seth. A possibilidade de salvar Baniti e de ter filhos era o desejo mais profundo de seu coração. Mas será que ela poderia sacrificar outras criações para que eles pudessem viver? Isso levava à resposta que Amon-Rá tinha dado

antes. Quem ou o que abriria mão da própria vida para salvar aqueles que *ela* amava?

Além disso, havia o fato de que Seth a desejava da maneira que um homem deseja uma mulher. Osíris estava certo a respeito disso. *Osíris*. Ísis não podia negar que tinha pensado muito em se conectar a outro deus, apesar do édito que proibia isso, mas nunca tinha pensado que seria Seth.

Seria ela capaz de abandonar seus sentimentos por Osíris e se dedicar a Seth? Ela não sentia nenhum amor por ele. Não tinha nenhuma vontade de estar perto dele. Ela nunca sentia falta dele quando ele se ausentava. Na verdade, mal pensava nele quando não estava em sua presença.

Mas, quando Osíris não estava ao seu lado, ela se afligia por ele. Queria que a abraçasse. Ansiava ser beijada por ele novamente do jeito que a tinha beijado na noite anterior. Ísis não era capaz de imaginar a eternidade sem ele.

Um pensamento frio entrou em seu coração: se Seth descobrisse, ele iria desfazer Osíris para que o amor dela não tivesse outro objeto? Ela não podia permitir que uma coisa assim acontecesse. Por mais que quisesse um filho, por mais importante que fosse salvar Baniti, ela sabia que o que Seth propunha era errado.

Ísis se virou para Seth e lhe dirigiu um sorriso fraterno cheio de pena.

O corpo todo dele se retesou. Seth já sabia qual ia ser a resposta dela antes mesmo que ela falasse.

– Seth, quero que você saiba que pensei a sério na sua proposta – ela começou –, mas...

Seth agarrou o braço dela com força. Qualquer suavidade que houvesse no rosto dele tinha sido substituída por frieza. *Como ela ousa sentir pena dele?*

– *Nem* pense em me rejeitar, Ísis – sibilou ele. – Eu sei que isto vai surpreender você, mas vou lhe dar um tempo para pensar na minha proposta. E esteja avisada: o meu desejo é que você pertença a mim, de corpo e alma. Não vou aceitar nada menos do que isso. Eu não mereço menos do que isso! – disse ele com fúria. – E só para você entender a natureza do meu poder...

Virando-a na direção da mureta de madeira, Seth forçou-a a assistir enquanto ele desfazia a criatura pela qual ela havia acabado de se encantar.

– Não! Por favor! – exclamou ela, estendendo a mão no momento em que o animal desaparecia.

Quando ela desabou aos pés dele, soluçando, uma onda de prazer o percorreu. Seth se agachou ao lado dela e levou a ponta do indicador à sua face molhada. Esfregou uma lágrima entre os dedos e o canto de sua boca se ergueu. Ele se deleitou ao ver a deusa gloriosa reduzida a uma mulher suplicante e chorosa.

– Talvez você só precise de mais uns poucos argumentos – disse ele.

Então fechou os olhos e estendeu seu poder, mais do que já tinha feito em qualquer ocasião, testando os limites de sua habilidade, e desfez cada uma das estranhas criaturinhas de que Ísis tanto gostara. Elas desapareceram de todos os cantos escuros do cosmos.

Então algo interessante aconteceu. A energia vital de centenas de milhares de criaturas penetrou em seu ser de uma só vez. A sensação foi tão esmagadora, tão absolutamente chocante, que ele não pôde absorvê-la de imediato. Em sua mente, os berros de incontáveis criaturas inocentes desabavam sobre ele à medida que ele lhes roubava a essência vital. Sua cabeça latejava como nunca.

O desfazer que ele tinha executado no passado havia sido perturbador, mas o sofrimento costumava ser tão breve que era fácil ignorar a pontada de culpa que o acompanhava. Dessa vez, porém, ele teve que olhar para o que estava fazendo com um olho onisciente, e o que viu o fez estremecer. Ele agarrou os próprios cabelos e os puxou.

Então, apesar de ter parecido uma eternidade, as pontadas da morte passaram por ele. A dor diminuiu e ele percebeu que os efeitos só tinham durado alguns segundos. Quando tudo passou, o poder de todas as vidas que ele tinha arrancado o encheu, efetivamente extinguindo as ondas de culpa que ameaçavam fazer com que caísse de joelhos. Aquele poder bruto era diferente de qualquer coisa que ele já tivesse sentido.

Seth estava mais forte. Maior. Sua visão tinha melhorado cem vezes. E ele estava com fome. Seu corpo se sacudia com uma nova energia, e então ele começou a se transformar. Em um momento era ele mesmo e, no seguinte, seu corpo tinha assumido a forma de uma das criaturas que ele apagara da existência.

O efeito foi desconcertante, mas também muito, muito interessante. Depois de um momento apavorante em que ficou preso no corpo de uma das criaturas

que tinha desfeito, imaginando se aquele era um castigo cósmico por causa de suas ações, ele retornou a seu estado normal. Tinha acontecido tão rápido que Ísis nem percebera.

As asas dela tinham se enrolado ao redor do próprio corpo, protegendo-a da visão dele. Seth flexionou os dedos e passou a mão pelas próprias orelhas. Na mente, ainda enxergava as orelhas compridas da criatura e sentiu o ar roçando os pelos sensíveis no interior delas. Imaginou que o fedor da criatura ainda estava impregnado nele e ficou com vontade de mergulhar o corpo em uma banheira quente e esfregar até a memória abandonar sua pele.

Mas quase imediatamente se perguntou se seria capaz de se transformar na criatura outra vez. Se ele retivesse essa habilidade por ter extinguido aquela espécie, será que não poderia fazer de novo, com outra? Impaciente para treinar seu poder recém-descoberto e fazer uma lista de animais em potencial para testes, Seth se levantou.

– O que você fez? – sussurrou Ísis da sombra de suas asas, ainda fixada naquele animal quando tantas outras coisas tinham acontecido em um período tão curto.

Na pausa que Seth fez antes de responder, Ísis ergueu o rosto manchado de lágrimas para ele, rezando para que não tivesse feito algo horrível com Osíris ou com a irmã dela.

– Ah, isso. – Seth já deixara esse assunto para trás e estava pronto para acabar com aquela conversa exaustiva. – Eu desfiz cada uma dessas criaturas. Nunca mais você vai topar com uma delas. Agora estão extintas.

Ísis ficou boquiaberta, em meio a um choque silencioso. O corpo dela estremeceu. Suas asas se agitaram e Seth ergueu uma sobancelha, se perguntando se aquele era o momento em que ela revidaria. Mas então o queixo da deusa tremeu e ela voltou a enfiar a cabeça sob as asas. Que delícia era esmagar as emoções da grande Ísis!

Cheio de ousadia, Seth agarrou uma das asas macias dela e puxou, expondo seu rosto com brutalidade.

– Vou deixar você sozinha agora para refletir sobre suas escolhas, Ísis. Assegure-se de tomar a decisão correta. Espero que acabe chegando a ela.

Deixando o estábulo, Seth atravessou a barreira do domínio mortal e saiu à procura da próxima espécie em que poderia experimentar seus poderes.

Talvez, da próxima vez que visse Ísis, fosse capaz de se transformar em um felino, um urso ou até um dragão. Imaginar a infinidade de maneiras como poderia torturar Osíris e dobrar Ísis à sua vontade trouxe um sorriso zombeteiro a seu rosto.

Osíris encontrou a deusa chorando pouco depois.

– Ísis? – Ele se ajoelhou ao lado dela. – Você está bem? O que aconteceu?

– É Seth.

Ísis estendeu a mão e segurou o braço de Osíris enquanto contava a ele o que tinha acontecido.

Uma fúria nada característica tomou conta do gentil deus da natureza. Quando ela contou a Osíris que Seth tinha destruído não apenas a doce criatura, mas todas as outras iguais que existiam no cosmos, as mãos de Osíris tremeram. Para fazer com que parassem, ele ergueu Ísis e a abraçou.

– Era um tifão – murmurou Osíris enquanto acariciava o cabelo dela.

– E agora não existe mais – disse Ísis. – Você tinha razão – ela reconheceu enquanto tentava conter as lágrimas. – Ele me deseja. Seth acha que pode arrancar meu coração do peito e ficar com ele, do mesmo jeito que se arrancou do útero da mãe.

Osíris segurou o rosto dela entre as mãos.

– Ele não pode levar embora aquilo que você não oferecer.

– O poder dele é enorme e terrível – contou Ísis. – Você não viu. E temo que ele...

– O que foi? – Osíris perguntou quando ela se afastou dele.

Querendo reconfortá-la, mas sem saber como, ele simplesmente se aproximou dela, que mudou a asa de posição atrás de si, abraçando-o pela cintura e pousando a cabeça em seu ombro.

– Estou com medo de que ele tente desfazer você.

Osíris retesou o corpo e perguntou:

– Você acha que ele seria capaz de fazer algo assim? Desfazer um deus?

– Não sei. Só sei que a possibilidade existe e que ele tem a intenção de fazer com que eu seja dele. Se ele ameaçar prejudicar quem eu amo, não vou ter escolha senão aceitar os seus termos.

– Vai, sim! – afirmou Osíris de modo abrupto, e, quando os olhos de Ísis dispararam para os seus, ele tentou se acalmar. – Vai, sim – repetiu com mais

gentileza. – Não vou permitir que ele a force a um arranjo desses. Vamos falar com Amon-Rá.

– Não. – Ela sacudiu a cabeça e escapou do abraço dele. – Você conhece Amon-Rá. Ele vai sugerir uma estratégia de “esperar para ver”. Ou isso, ou só vai adicionar mais regras à sua longa lista. Mesmo que Amon-Rá queira fazer algo a respeito de Seth, talvez não seja capaz. Nesse ínterim, vamos ficar aqui repousando em nossos louros enquanto Seth prejudica criaturas vivas: plantas, animais, até mortais. Você quer que ele destrua as suas grandiosas florestas tropicais? As suas plantações e os seus pomares?

Osíris controlou-se.

– Deve ter sido isso que aconteceu com as noqueiras.

– Está falando do lugar em que estivemos juntos ontem à noite?

Um calafrio lançou gelo em suas veias. *Será que Seth andara espionando os dois?*

Osíris assentiu.

– Desapareceu de repente. Nada mais brota em toda aquela área. Não há um só mato, uma noz ou uma minhoca à vista no lugar todo. E mais: agora o solo está infértil. Árido. Nada mais vai brotar ali. Um poder desses... é... é inimaginável. Precisamos encontrar uma maneira de detê-lo.

– Sim – concordou Ísis. – Não vou permitir que ele apague da existência as pessoas que eu amo. – A deusa mordeu o lábio, respirou fundo e se voltou para Osíris. – Por que você me chamou?

– Como assim?

– Por que você me chamou aqui? Foi para mostrar o animal, o tífão?

– Foi – respondeu Osíris automaticamente. Então, ao ver a expressão desolada dela, ele levou a mão à nuca e esfregou. – Não.

Os olhos dela se ergueram.

– Então, por quê? Diga, Osíris.

– Eu... eu queria, sim, mostrar o animal para você, mas era só uma desculpa para podermos conversar. – Ele fitou o rosto dela, mas não conseguiu decifrar os pensamentos por trás de seus olhos tempestuosos.

– Sobre o que você queria conversar? – perguntou ela, direta.

– Sobre nós. – Ele suspirou.

– Sobre nós?

Osíris pousou as mãos nos ombros dela. A faísca de uma lágrima esquecida se demorou nos cílios negros dela. Ele torceu para que o próprio nunca fosse a causa de suas lágrimas. Nunca mais. Osíris então se encheu de coragem e disse:

– Você revelou seus sentimentos para mim e eu não fui tão sincero. Mas agora vejo que seria errado se eu negasse a você a chance de conhecer os meus.

Ela respirou fundo.

– Então me diga, Osíris. Quais são os seus sentimentos?

A maneira como ela olhava para ele era inebriante. Ela era a mistura perfeita de poder e vulnerabilidade. Ele percebeu que não conseguia resistir ao desejo de tocá-la e tomou seu rosto nas mãos, roçando o polegar sobre a trilha ainda brilhante de lágrimas.

– Eu disse a você que precisava pensar, e pensei. A noite toda. Quando você me falou sobre os seus sentimentos antes, fiquei abalado. Nunca tinha imaginado algo assim. Mas, apesar de eu ter tentado colocar os pensamentos sobre você de lado, percebi que não conseguia. O seu rosto não saía da minha cabeça. E, ontem à noite, quando nos beijamos...

Ísis se aproximou, Osíris pegou as mãos dela e as levou ao peito.

– Fale – incentivou ela.

– Ontem à noite eu percebi que, ao negar os meus sentimentos por você, eu estava negando a felicidade a mim mesmo.

– Então você está dizendo...?

Ele apertou as mãos dela contra o próprio peito.

– Estou dizendo que amo você, Ísis. Que o meu coração não bate por ninguém além de você.

Por um momento, Ísis achou difícil respirar. Osíris estava ali diante dela se declarando e ela não conseguia pensar em nada para dizer.

Ele apertou as mãos dela.

– Ísis? Você escutou?

– Escutei – sussurrou ela.

– Então... é isso? Você não tem nada a dizer? – perguntou Osíris, um pouco nervoso.

Ela sorriu. O fato de ela ser capaz de fazer o belo deus ficar tão apreensivo lhe trouxe um pequeno rompante de alegria. Ísis passou os braços pelo pescoço dele e lhe deu um beijo leve, deliciando-se com o pequeno tremor que percorreu o corpo dele.

– Eu também amo você – murmurou ela junto aos lábios dele.

Ísis sentiu o sorriso dele e logo se perdeu em seu abraço apaixonado. Cada toque era uma descoberta nova; ela guardava cada beijo na memória. Quando as mãos dele acariciaram as penas sensíveis da parte interna de suas asas, o corpo dela tremeu de prazer. Ela tinha desejado muito estar nos braços daquele homem. Agora que finalmente estava, Ísis admitia que sua imaginação tinha sido profundamente limitada.

Ser capaz de expressar seu amor por Osíris e sentir o amor dele em resposta a cada toque, cada beijo, e a ternura com que ele a olhava eram, por si sós, pura magia. Era isso que ela sempre tinha desejado: alguém que venerasse seu coração da mesma forma que ela venerava o dele. Essa coisa frágil, nova e gloriosa que estavam descobrindo juntos era tão preciosa para ela, tão perfeita, que só havia um elemento que poderia estragá-la: Seth.

Pressionando levemente o corpo contra o peito dele, Ísis interrompeu o beijo.

– Então, você promete amar a mim e a mais ninguém? – perguntou ela.

A expressão dela estava intensa, as cores em seus olhos se agitavam. Doía em Osíris o fato de ela ainda duvidar dele.

– Prometo – respondeu baixinho. – Sejam lá quais forem as consequências, e enquanto o cosmos permitir que o nosso amor exista, eu sou seu, Ísis, do mesmo jeito que você é minha.

Ísis tomou o rosto dele em suas mãos.

– Então, Osíris, façamos um voto que não possa ser rompido.



Lavoura

– Um voto que não possa ser rompido? – repetiu ele.

– Sim. Pensei muito nessa ideia. – Pegando-o pela mão, Ísis puxou Osíris mais para o fundo do estábulo e lançou um feitiço para ter certeza de que estavam completamente sozinhos. Quando ficou satisfeita, explicou: – Você sabe que Amon-Rá mandou Shu para separar Geb e Nut?

Osíris assentiu com a cabeça.

– Eles tinham se casado em segredo, mas as estrelas expuseram a relação e Amon-Rá usou o deus do vento para mantê-los separados.

– Não vou permitir que algo assim aconteça conosco.

– Como podemos impedir? – perguntou ele. – As estrelas estão em toda parte.

– Não é bem assim. Existe uma fenda no céu quando a noite sucumbe ao dia. Se você se posiciona no lugar certo, as estrelas ficam cegas.

– Onde? E por que eu nunca ouvi falar disso?

– Fica no topo do monte Babel. Foi minha irmã quem me contou. Néftis me disse que lá é o único lugar onde ela encontra paz, fugindo de suas visões.

– Mas Babel é um lugar proibido. Os deuses não devem ir até lá. Fica em uma área muito conturbada. A harmonia do cosmos é fragmentada naquele lugar. Como ela consegue permanecer sã?

Ísis franziu a testa.

– Talvez não tenha permanecido. Pelo menos, não completamente. Néftis foi afetada por aquele lugar, acho, mas ela sofre com as visões mais do que demonstra, e eu não tiraria dela algo que lhe traz conforto. Eu com toda a

certeza não vou traí-la e contar a Amon-Rá. Além do mais, consigo curar a mente dela quando ela volta. Quase completamente. – Ísis parou de pensar na irmã e voltou a se concentrar em seu problema. – Babel tem seus perigos, com certeza, mas é exatamente por isso que serve ao nosso propósito.

Osíris tocou no rosto dela.

– Eu não vou perder você para a loucura da montanha – disse ele baixinho.

– Não vai. Mesmo que nós nos percamos, vamos encontrar um ao outro.

– Como você pode ter tanta certeza?

Ísis fez um gesto com a mão e dois vasos pequenos apareceram. Um era de faiança azul esmaltada com tampa prateada no formato da cabeça de um felino, o outro era de alabastro entalhado com uma naja dourada como tampa. Com cuidado, Ísis removeu a tampa dos vasos e fez um círculo com os braços acima deles enquanto murmurava um feitiço.

– Cada um de nós vai ficar com um pedaço do coração do outro. Eles vão guiar nossos passos até nos encontrarmos.

Ela pousou a mão sobre o próprio coração e fechou os olhos. Quando a retirou, um escaravelho do coração, feito de ametista, estava na palma de sua mão, com asas de ouro tão finas que eram quase transparentes. Ela o entregou a Osíris, que o pegou. Maravilhado com a pedra luminosa, ele passou os dedos de leve sobre as facetas.

Ao fazer isso, sentiu o coração dela batendo. Sentiu-se reconfortado e ao mesmo tempo temeroso. A ideia de que poderia perdê-la – e mais: perder a si mesmo – assustava-o até as profundezas de seu ser. Mais do que tudo, porém, ele queria provar que era digno do amor e da confiança dela. O mínimo que podia fazer era confiar nela em troca.

Com muito cuidado, Osíris colocou o escaravelho do coração dela no vaso de alabastro e fechou a tampa. Então murmurou um feitiço próprio para selá-lo com a seiva de uma árvore, tão grudenta que ele nunca tinha encontrado nada na natureza capaz de dissolvê-la. Quando ficou satisfeito, evocou o próprio escaravelho do coração: um diamante dourado e reluzente, emoldurado por ramos de trigo maduro da cor do brilho do sol no lugar de asas.

– Ficou lindo – disse Ísis quando ele o entregou a ela.

Era uma sensação muito estranha ter o coração de outra pessoa confiscado. *Sitiado* seria uma palavra melhor, porque Ísis o tinha cercado. Ela o tinha capturado, corpo e alma. Ali, sob a sombra de suas asas, ele percebeu que era seu prisioneiro voluntário, tinha oferecido seus pulsos para serem algemados e, no entanto, sabia que não havia nenhum outro lugar no cosmos que pudesse lhe oferecer tanta felicidade.

Aquilo que estavam fazendo era algo louco, impulsivo. Mas por acaso o amor não era uma forma de loucura? Durante uma fração de segundo, ele se perguntou se o amor que sentia não seria um feitiço que ela lançara sobre ele e que fazia com que se atirasse em situações em que normalmente seria cauteloso. Então deixou a ideia de lado. Ainda era dono dos próprios desejos. Além do mais, mesmo que Ísis o tivesse enfeitiçado, já não fazia mais diferença para ele.

Ele tinha visto a doença do amor em outras pessoas, mas não a compreendera, não plenamente. Agora reconhecia a condição em si mesmo. Ísis era uma flor intoxicante e ele era uma abelha indefesa, hipnotizada por ela. Agora que ele a tinha experimentado, estava marcado. Cheio do pólen doce dela. Se o peso daquilo o arrastasse para baixo até que ele se afogasse nos braços dela, então consideraria sua vida bem vivida.

Ísis era sua razão de ser.

Ísis era tudo para ele.

A vida toda ele passara à procura dela, sem nem se dar conta.

Osíris observou Ísis colocar o escaravelho do coração dele no vaso azul dela e selá-lo antes de se voltar para ele.

– Vamos precisar tomar cuidado com Seth – disse ela, tirando-o de seus pensamentos. Ísis se afastou alguns passos e então se virou para ele mais uma vez. – Está chegando a hora da cheia do Nilo. Estou certa?

– Sim. Eu controlo o volume das águas para que as plantações possam crescer. Ainda é um pouco cedo, mas o momento está chegando.

– Então eis o que você vai fazer: vá até lá hoje e faça as águas do Nilo subirem, mesmo que ainda seja um pouco cedo. A água desfaz e depois refaz. Serei capaz de canalizar esse poder para o meu feitiço. Além do mais, vai ser um bom presságio.

Quando Osíris concordou em fazer isso, ela prosseguiu:

– Quando o sol baixar além do horizonte, siga para o monte Babel. Mantenha meu coração com você o tempo todo. Vou usar as próximas horas para atravessar os céus, varrer os nossos feitos para cantos escondidos e preparar o meu feitiço. Depois que o sol se puser, eu vou para Babel procurar você. Quando nos encontrarmos na montanha, vamos nos esconder nas sombras escuras até o espaço entre a noite e o amanhecer, e depois disso nada será capaz de nos separar.

Ísis sabia que estava pedindo muito dele, mas não havia outro jeito de os dois ficarem juntos. Na verdade, ela não tinha certeza se seria capaz de canalizar o poder de que precisava para conseguir lançar um feitiço tão potente. Se Osíris vacilasse de alguma maneira, não ia funcionar e ela o perderia em mais de um aspecto.

– Tem certeza de que é isso que você quer, Osíris? Depois que tivermos nos unido, nada poderá se interpor entre nós. Nem a morte. Estou lhe pedindo algo gigantesco. Se tiver alguma dúvida...

Osíris deslizou a mão até a nuca dela e se abaixou para beijar seus lábios carnudos, interrompendo-a no meio da frase e torcendo para que estivesse transmitindo a profundidade de sua emoção naquele beijo. Ele a puxou contra seu corpo e, quando ela relaxou junto a ele, a tensão finalmente deixando seus ombros, ele murmurou:

– Vou deixá-la agora, como combinamos, mas, até que eu volte a vê-la, saiba que este beijo é o meu juramento secreto. Deixe que Seth aja contra nós. Deixe que as estrelas tentem nos impedir. Deixe que Amon-Rá nos proíba. Nós vamos nos unir pela força da nossa determinação e pela força do nosso desejo, e vamos saciar nossas almas solitárias na luz do amor que sentimos um pelo outro.

– E se eu falhar? – perguntou ela baixinho.

– Não vai fazer diferença – respondeu Osíris enquanto acariciava o cabelo dela. – Esta noite meu coração será atravessado ou por uma alegria terrível, ou por uma dor maravilhosa. De todo modo, ele pertence a você.

Com isso, Osíris a beijou, os lábios selando sua fervorosa promessa.

Ísis ergueu as asas e envolveu os dois. Eles se abraçaram com desespero, ambos cientes do risco que corriam. E então, depois de um último e ardente

beijo, separaram-se com relutância. Osíris observou Ísis se afastar primeiro, levando embaixo do braço o vaso azul com o escaravelho do coração dele.

– Tome cuidado, minha amada – sussurrou ele enquanto seus olhos acompanhavam o trajeto dela pelo céu.

Quando ela desapareceu, ele pegou o vaso de alabastro e o colocou na bolsa a tiracolo que sempre levava em suas viagens. Então Osíris ergueu os braços e afundou no solo, atravessando a divisa escura entre o domínio dos deuses e a Terra.

As longas horas do dia passaram devagar para Osíris e seus pensamentos o tempo todo se voltavam para Ísis e para o feitiço que ela teceria. Ambos tinham muito em jogo. Talvez Amon-Rá lhes tirasse as habilidades depois que descobrisse o que tinham feito. Talvez ele os banisse para a Terra e os transformasse em mortais. A ideia não o incomodava tanto quanto deveria.

Com o conhecimento que ele tinha sobre agricultura e com o dela sobre curas, poderiam levar uma vida muito boa juntos, mesmo que fosse apenas no período da vida de um mortal. Ele coçou o queixo e ajeitou a bolsa enquanto avançava pela cidade na direção do campo e das plantas verdes que cresciam às margens do Nilo.

Ísis poderia se ressentir da perda das asas caso se tornasse mortal. Se fosse honesto consigo mesmo, ele também. As asas dela eram uma visão gloriosa e tocá-las era uma experiência sensorial que ele não conseguia nem começar a descrever. Mas as asas, embora fossem uma parte dela, não eram ela toda.

Ele ainda teria a mulher, mesmo se ela não fosse mais uma deusa. E uma mulher como Ísis era tudo que um homem poderia querer. Mesmo como mortais, eles seriam felizes. Osíris parou de súbito ao perceber que, com a mortalidade, havia a possibilidade de mais do que apenas ficar com a mulher que ele amava.

Osíris nunca tinha pensado em ter filhos. Mas agora a ideia se enraizara na mente dele. Um filho? Uma filha? Uma casa cheia de crianças? Ele pensou em todas as coisas que tinha aprendido como deus. Todas as coisas que poderia compartilhar com seus filhos e ensinar a eles. Seu coração disparou quando percebeu como era enorme seu desejo de ter uma família.

Da mesma maneira que ele não tinha reconhecido seu desejo por Ísis até ela propor a ideia de um relacionamento, ele nunca tinha se permitido

considerar a ideia de ser pai. Ísis tinha razão. A vulnerabilidade, nesse caso ser destituído de seus poderes e se tornar mortal, era libertadora.

Todos os instintos dentro dele lhe diziam que havia mais. Que ele podia fazer mais, ser mais do que era. Será que era errado tentar realizar esse desejo? Talvez. Mas ele tentaria do mesmo modo. Não estava preocupado com as consequências. Se o pior que podia lhe acontecer era ficar com Ísis como mortal, Osíris achava que poderia viver com isso.

Quando chegou ao Nilo, ele ergueu os braços e recitou o feitiço que faria o rio encher e transbordar de seu leito. Não pôde conter o sorriso ao olhar para o sol. Quando a água lamacenta chegou aos seus pés e bateu em seus tornozelos, riu e pensou, feliz, que ele também estava indo além de seus limites. Se o caminho que percorreria com Ísis ia lançá-lo aos domínios celestiais ou levá-lo a labutar no lodo da mortalidade, não fazia diferença, desde que estivessem juntos.

A água do Nilo beijou o solo ressecado. Quando desaparecesse, o húmus rico que deixava para trás nutriria as plantações que cresciam às margens do rio. Milhares seriam alimentados. A cheia do Nilo não era algo pequeno. As coisas em decomposição que o rio carregava iriam trazer vida nova. Era um processo completamente natural. Ele poderia ter que tirar uma parte de si mesmo para ficar com Ísis, mas, ao fazer isso, alimentaria o sentimento novo que se desenvolvia entre eles.

Amon-Rá sempre lhes fizera sermões a respeito de sacrifícios, Osíris pensou enquanto avançava pela água em seu caminho de volta às plantações. Ele tinha ensinado que às vezes uma coisa precisava ser perdida antes que outras pudessem ser conquistadas. Talvez, se explicasse suas crenças a Amon-Rá, o grande deus compreendesse. Mas talvez não.

Depois de sacudir a lama dos pés calçados com sandálias, ele atravessou as plantações a passos de mortal. Os grãos estavam densos e dourados e o ar carregava o cheiro doce do feno aquecido pelo sol da manhã. O dia estava lindo e ele passou horas pensando em seu amor e nas provações que estavam por vir e que eles teriam de enfrentar para que pudessem se tornar um só.



As horas passaram rápido para Ísis. Ela escreveu seu feitiço repetidamente, murmurando-o para si mesma e então eliminando palavras, testando a força de cada termo. Quando ficou satisfeita, comeu com apetite, ciente de que precisaria de toda a sua energia para pôr em prática o feitiço. Então voou na direção do sol poente e permitiu que a luz enchesse seu corpo. Ela reuniu sua força nas asas e, à medida que o sol iluminava cada pena, sentiu o calor restaurador invadir suas veias.

Nem os deuses sabiam que seu poder de cura estava nas penas. Se uma pena se perdia, uma ocorrência muito rara que em geral só acontecia quando estava dormindo, ela a procurava no quarto até encontrar. Mesmo soltas de seu corpo, suas penas carregavam enorme poder e, algumas vezes, ela dera uma para um mortal que precisava desesperadamente.

Baniti nunca soube que, quando Ísis a encontrou em sua infância, ela estava morrendo. Ísis então lhe dera de presente uma pena que foi absorvida pelas costas da mortal. Mas, mesmo assim, Ísis só tinha sido capaz de manter a doença a distância durante sua vida mortal. Ela havia tentado canalizar todo o poder que possuía através de cada pena quando tentou curá-la, mas a magia permaneceu com ela, e Ísis não conseguiu erradicar a doença do corpo frágil e idoso de Baniti.

Agora ela pairava no céu absorvendo o máximo possível de luz do sol a fim de pôr em prática o feitiço mais difícil que já tinha criado. Ísis queria poder contar para a irmã, mas as estrelas saberiam de qualquer coisa que Néftis soubesse. Ela não podia arriscar. Não até que tudo tivesse sido feito.

Quando a noite caiu, ela voou para a montanha escura que marcava os limites do Duat. Voar até o topo seria o caminho mais fácil, mas também o mais perigoso. A proximidade do monte Babel distorcia as percepções. Ela poderia facilmente se chocar contra a montanha ou se desviar e acabar caindo no mar. Algo assim talvez não a matasse, mas faria soar um alarme em Heliópolis, e ela não podia permitir que isso acontecesse. A melhor maneira de chegar ao topo era escalar, e a escalada demoraria horas.

Ísis pousou na base da montanha, agarrada ao vaso que continha o escaravelho do coração de Osíris, e procurou uma trilha. No começo, a subida foi fácil, até prazerosa. O cheiro de seiva permeava o ar e o crepitar das folhas

de pinheiro sob seus pés a manteve equilibrada mesmo quando os sussurros começaram.

Néftis tinha explicado várias vezes sobre os sussurros, de modo que Ísis compreendia, pelo menos em teoria, como aquilo funcionava. As estrelas observavam tudo, sabiam tudo, mas só compartilhavam o que era importante. Isso não significava que o que elas compartilhavam era importante para *algum indivíduo*, mas que era importante da perspectiva *delas*.

Néftis lhe dissera que os sussurros faziam mais sentido durante os sonhos, mas ver as coisas que iam acontecer no futuro era enlouquecedor por si só. Ísis não invejava o dom da irmã. Nem um pouco. E estar na montanha era ainda pior, porque as estrelas ficavam confusas. Até chegar ao topo, que funcionava como uma pedra ovo de serpente gigantesca, estaria à sua mercê.

Ela não podia confiar em nada que ouvisse ou visse na montanha. A única coisa de que podia ter certeza era do coração que trazia nas mãos. Através dele, podia ver que Osíris também estava na montanha, apesar de ela não saber onde. Não por enquanto. O coração bateria mais rápido quando ele estivesse mais próximo. Independentemente de qualquer coisa, o feitiço não poderia ser concretizado até que estivessem juntos no topo da montanha, e só no momento certo.

À medida que ela ia subindo, seguindo a trilha íngreme e tortuosa de cervos, os sussurros se tornavam mais insistentes. Uma vez, fizeram com que fosse até o tronco oco de uma árvore e lhe dissessem que se escondesse. A mente dela insistia que estava em perigo, então ela fez o que as estrelas lhe ordenaram. Ficou lá tremendo dentro do tronco da árvore com a mente em erupção por causa das visões que as estrelas ficaram enviando.

Em seus sonhos agitados, Ísis se viu sentada e desconsolada em um túmulo que cheirava a mofo e a incenso, com lágrimas pesadas escorrendo-lhe pelo rosto. Ela berrou ao som de um machado que dilacerava alguma coisa, apesar de não saber o que era. Sua irmã estava por perto, mas algo estava muito errado com ela. O inimaginável tinha acontecido.

Em outra visão, Ísis se viu casada com Seth e o observou destruir todos os deuses. Como as Águas do Caos agora estavam abastecidas com a essência vital de sua família, ela pôde dar à luz gêmeos: um menino e uma menina, que Seth chamou de Aurora e Crepúsculo. Ele exibia as crianças com orgulho à

comitiva de asseclas que o serviam com total devoção. Todos eles se curvavam, bajulavam e se jogavam a seus pés enquanto Seth proferia maravilhas sobre seus descendentes e sobre como atraíam os olhares de todos que estivessem na presença deles.

Mas, quando Ísis olhou para os filhos, não havia nada atrás dos olhos deles, porque ela só enxergava aqueles que tinham sido destruídos para que seus filhos pudessem viver. Por mais que ela ansiasse ser mãe, não conseguia superar sua tristeza, pois cada nascer e pôr do sol era manchado de sangue. Ela não encontrava nenhuma beleza neles.

Forçando-se a sair do tronco da árvore, Ísis tentou esquecer a terrível visão e se obrigou a seguir em frente. Enquanto avançava aos tropeções, a voz de Amon-Rá a castigava por suas escolhas erradas e insistia para que abandonasse suas ideias de salvar Baniti. Isso era algo que já tinha acontecido. Pelo menos, ela achava que sim. Agora já não tinha certeza.

Depois de horas vagando, o coração no vaso deu um salto, e isso significava que Osíris estava ainda mais perto. Ísis acelerou o passo. Ela sabia que tinha perdido tempo demais na árvore e torcia para que já não fosse tarde demais. Se eles se encontrassem, poderiam navegar pela insanidade da montanha com mais facilidade.

Osíris estava bem mais alto do que Ísis na montanha. Ele tinha sido capaz de usar seu poder de fazer as coisas crescerem para estabilizar a mente, mas agora havia muitas estrelas rodopiantes e nem as maiores árvores da floresta conseguiam ajudar. Enquanto subia, Osíris escutava a voz de uma mulher lhe dizendo que o afeto de Ísis por ele iria arrefecer e que a chama de seu amor iria se apagar e morrer. Ele não acreditou. Não podia acreditar. As estrelas deviam estar espalhando falsidades.

Apoiando o braço no galho grosso de uma árvore, ele arfou, com a cabeça cheia. Em uma visão, reconheceu Ísis com a pele tão radiante quanto as águas reluzentes do Nilo ao entardecer, e precisou erguer a mão para proteger os olhos quando ela olhou para ele. A beleza de seu rosto não era nada se comparada à beleza que irradiava de dentro dela. Era como olhar diretamente para o sol.

Osíris estava tonto e cego por ela. Ísis era um ser tão poderoso, tão resplandecente, que ele arquejou em assombro e ficou maravilhado com a

ideia de que uma criatura assim pudesse desejar alguém como ele. Então seus olhos se arregalaram quando ele viu que ela se ajoelhava ao lado de um corpo sem vida e erguia suas asas em volta dele. Ela estava tentando ressuscitar a pessoa, e ele sabia que fazer isso iria matá-la.

– Não! – exclamou ele, sua voz ecoando pela montanha. – Não, Ísis, eu a proíbo!

As estrelas levaram a visão embora e mostraram a ele um homem – não, um deus. Tinha o corpo ereto, era alto e parecia familiar, embora Osíris soubesse que nunca o tinha visto. O deus tinha sido banido para o deserto, onde era atormentado com todo tipo de dificuldade. Foi picado por escorpiões e serpentes venenosas, e atacado por animais selvagens. Osíris queria ajudar, mas algo o deteve e, quando ele deu um passo adiante, tropeçou e suas pernas tremeram, como se fosse um potro recém-nascido.

A mente dele girava de um jeito aterrador e, quando parou, ele se encontrava em outro lugar, um local que reconhecia. Era a Terra. Pirâmides nuas se erguiam da areia. Três rapazes estavam no topo delas. Dali eles extraíam poderes, tantos que ele sabia que seus corpos não aguentariam. Conforme a energia vinha até eles de todas as partes do cosmos, as pirâmides agiam como condutores, engolindo a luz em sua base e canalizando-a até os homens que estavam no topo.

Então os homens fizeram algo que ele nunca tinha visto. Convocaram a luz para dentro de si mesmos e ela explodiu de seus braços abertos, criando um triângulo inacreditável no céu noturno. Por que fizeram isso, ele não sabia. A identidade deles era um mistério para ele. Ele não conhecia aqueles deuses, mas não podia negar que tinham o poder do cosmos nas mãos. Apesar dessa habilidade, os três cambalearam e caíram mortos, e ele observou Anúbis guiá-los para a vida após a morte.

Um dos desencarnados olhou para Osíris como se ele também pudesse enxergá-lo na visão. Aquilo deixou Osíris sobressaltado, mas ele não percebeu nenhuma malícia no observador. O rapaz o cumprimentou com a cabeça e então se virou para seguir os outros. Estendeu a mão para tocar o ombro do homem mais alto, mas, nesse momento, Osíris sentiu o toque no próprio ombro. Aquilo o despertou de sua visão e ele se virou para trás.

– Ísis – disse ele, soltando um suspiro de alívio. – Eu estava...

– Perdido em um sonho?

– Sim.

– Não pense nisso agora – murmurou ela. – Vamos conversar sobre o assunto amanhã.

– Amanhã – repetiu ele e assentiu com a cabeça.

Haveria um amanhã para eles. Tinha que haver. Ele pegou a mão dela e juntos conseguiram terminar a escalada sem se perder. Estar ao lado um do outro os ajudou a se manterem equilibrados, como as árvores tinham feito com ele mais abaixo.

– Por que não pudemos subir a montanha juntos?

– As estrelas não podiam nos ver juntos. Não até estarmos alto o bastante para que a loucura nos acobertasse da vista delas.

– Mas elas não vão desconfiar do que estamos fazendo aqui? Nós estamos escalando o monte Babel na mesma noite!

Ísis sacudiu a cabeça.

– Néftis me explicou que as estrelas não veem as coisas de maneira linear. Elas só sabem que eu escalei a montanha e que você escalou a montanha. Para elas, essas duas coisas poderiam ter acontecido com séculos de intervalo. E, agora que estamos próximos do ovo da serpente, nossa forma ficará obscurecida. Além do mais, as estrelas agem por reação. Elas não vão se mover contra nós até termos selado nossa união. Quando for um fato, elas vão reagir.

Ísis e Osíris avançaram com esforço, juntos, até se aproximarem do topo e se agacharem embaixo dos galhos de uma árvore que, Osíris percebeu, tinha mais de mil anos de idade. Ele se sentou na base de seu tronco e puxou Ísis para seu colo, abraçando-a e murmurando palavras de conforto enquanto as visões a atormentavam.

Então ela retribuiu o favor, acariciando a testa dele e beijando sua têmpora para ajudá-lo a discernir o que era verdade e o que não era. Com Ísis em seus braços, as visões idílicas que ele enxergava na mente e o que era real de vez em quando se confundiam de maneira agradável; no entanto, geralmente a experiência era um tormento profundo e ele desejava poder fugir dela.

Em uma ocasião, ele acreditou ter visto um rapaz, um sonhador, observando-o. Quando se virou para olhar, não havia ninguém ali, apesar de

ele continuar sentindo os olhos do sonhador fixos em sua nuca. Quando Ísis disse que estava na hora, ele soltou um suspiro de alívio. Os dois se levantaram e deram os passos finais até o topo.

No momento em que os dois atravessaram os limites da floresta e passaram para o cume de pedra no topo do monte Babel, a mente de ambos se aquietou. Foi um contraste enorme com o ruído mental que os vinha atormentando havia horas. Ísis ao mesmo tempo riu e soluçou de alívio, e então desabou em cima dele. A paisagem era sobrenatural, as pedras pareciam quase polidas e enormes monólitos se projetavam em direção ao céu. Era como se estivessem em cima de uma coroa na cabeça de um gigante.

O céu negro era escuro e fino, como o espaço, mas nem uma única estrela brilhava. Era como estar no... nada. Era como se ele não tivesse mais forma nem substância, e a gravidade tirasse seus pés do lugar. Osíris vacilou meio tonto e arfou, ficando sem ar.

Então ele tomou consciência da mulher que tremia em seus braços e, quando olhou para ela, sentiu-se centrado e inteiro mais uma vez. Ele a sacudiu.

– Ísis... Ísis... olhe para mim. – Ela ergueu o rosto com trilhas de lágrimas para ele, que as enxugou com o polegar. – Estamos aqui, minha amada. Concentre-se apenas em mim.

Ísis respirou fundo algumas vezes, vacilante, e assentiu.

– Eu sabia que este lugar seria diferente, mas nunca imaginei... – Sua voz foi enfraquecendo ao pensar na irmã e em como a vida dela devia ser insuportável. Osíris apertou suas mãos e ela olhou para o rosto sério dele. – Está pronto? – perguntou ela.

– Estou.

O coração dela comoveu-se com a confiança e o amor que ela viu.

– Feche os olhos – disse Ísis, e, quando ele obedeceu, ela lançou um pequeno feitiço.

Era para limpeza e preparação para o que estava por vir. O calor escoava da raiz dos cabelos dela por seu corpo, até a ponta dos dedos das mãos e dos pés. Quando terminou, ela pediu a ele que abrisse os olhos.

Ao abri-los, Osíris viu que os dois estavam renovados, como se tivessem se banhado em uma cachoeira de ouro. Ísis estava de tirar o fôlego, com um

vestido rendado de estrelas e luar. Suas asas estavam recolhidas nas costas e os cabelos cascadeavam em ondas espessas que terminavam na cintura.

– Você está linda – disse ele, de forma calorosa.

– Você também.

Ele não tinha reparado nas próprias roupas. Olhou para baixo e viu que vestia túnica e calça de um branco reluzente. Ambos estavam descalços, e ele percebeu, sobressaltado, que a pedra sagrada gigantesca sobre a qual se encontravam reverberava com uma energia que ele sentia nas solas dos pés.

– E agora? – perguntou.

– Precisamos ser rápidos – disse Ísis. – O tempo entre a noite e o dia é curto. Tome o meu coração nas mãos do mesmo jeito que eu tomo o seu. – Osíris quebrou o vaso que guardava o coração de Ísis e descartou os cacos de cerâmica, ficando com o escaravelho do coração de ametista. Quando os dois estavam prontos, ela disse: – Isto aqui é uma debilidade. O que há de melhor dentro de nós vai se erguer, se entremear e se transformar em algo novo. Algo que não poderá ser desenredado.

Ela fitou os olhos dele como se estivesse perguntando mais uma vez se era isso que ele desejava de verdade. Osíris assentiu, muito certo de si, oferecendo um sorriso de incentivo a ela, e Ísis começou a entoar um cântico. Era um feitiço complexo, que falava de desejos secretos, uniões e corações compartilhados. Então ela invocou o poder de uma verdadeira sizígia. Ele nunca tinha ouvido falar de tal coisa ser usada em um feitiço antes.

Uma sizígia era uma ocorrência celestial bastante comum. Acontecia quando três corpos celestes no mesmo sistema gravitacional, como a Terra, a Lua e o Sol, se alinhavam. Mas Ísis estava falando de uma *verdadeira* sizígia. Isso nunca tinha acontecido antes. Pelo menos, não no decorrer de sua vida.

Uma verdadeira sizígia também envolvia três corpos celestes, mas o alinhamento era de natureza permanente. Uma vez que o alinhamento ocorresse, os três elementos seriam fixados juntos para nunca mais se separar. Se Ísis pudesse invocar o poder de uma verdadeira sizígia, então seus feitiços poderiam de fato rivalizar com as habilidades de Seth. Agora a visão que ele havia tido de Ísis fazia mais sentido. O corpo inteiro dela estava cheio de luz.

Ao concluir seu feitiço, Ísis sorriu e Osíris pensou que ela nunca lhe parecera tão adorável nem tão radiante.

– Então, está feito? – perguntou ele.

– Quase. Só falta mais uma peça e então estaremos unidos eternamente, ligados de tal maneira que nem mesmo as estrelas serão capazes de nos separar.

– O que devo fazer? – Osíris perguntou baixinho.

– Precisa aceitar o meu coração no seu e então eu vou revelar o meu nome secreto.

– Você vai fazer a mesma coisa? – perguntou ele.

Ísis assentiu com os olhos brilhando. O que ela estava pedindo a Osíris invocava a magia mais primordial. Conhecer o nome verdadeiro de alguém era ter poder completo sobre essa pessoa. Exigia um nível inabalável de confiança no outro e era diferente de qualquer outro compromisso nos céus ou abaixo deles. Qualquer abandono da honra, qualquer rompimento na lealdade, até um momento minúsculo de vacilação na coragem ou de egoísmo causaria enorme sofrimento aos dois. Depois de executado o feitiço, os dois seriam capazes de enxergar o coração um do outro e de entender um ao outro completamente, tanto o lado bom quanto o ruim.

Osíris não hesitou. Aninhou o coração dela na mão e a colocou sobre o próprio peito. A luz explodiu da ametista quando ela se afundou em sua pele e desapareceu, suas asas se agitando de leve na medida em que ia se enterrando nele e se alojando em seu coração. Ísis repetiu o processo com o escaravelho de ouro. Enquanto ia se acomodando em sua nova posição, Ísis sentia os ricos perfumes da floresta e das distantes plantações de cereais.

Ela estendeu as mãos e Osíris as tomou nas suas, puxando-a para perto. No momento em que o céu escuro começava a clarear, eles sussurraram seu nome secreto um para o outro e o mundo se inclinou em seu eixo.

Os dois eram um só.

Eram inseparáveis.

Estavam unidos em um laço que duraria toda a eternidade.

Ficaram ali, no círculo dos braços um do outro, durante minutos, horas ou milênios. Não sabiam quanto tempo tinham permanecido parados, olhos nos olhos. Não fazia diferença, porque à sombra das asas de Ísis tudo era imóvel e silencioso.

Então Osíris a beijou e o mundo em torno deles explodiu.



Debulha

De repente, a grande estrela do céu, o sol que tudo vê, lançou sua luz sobre a montanha, e o impacto do que eles tinham feito foi sentido de imediato. O topo da montanha se sacudiu quando Geb tremeu de medo, causando um terremoto que quase partiu ao meio os monólitos que avultavam sobre a imensa pedra sagrada na qual se encontravam.

O sussurro das estrelas se transformou em gritos. E a deusa Nut recolheu as saias de suas nuvens e as levou ao rosto, encobrendo-se enquanto suas lágrimas gigantescas caíam sobre todo o Duat. Árvores enormes agitaram os galhos e se esconderam nas sombras umas das outras, como se tivessem vergonha de terem sido pegas acobertando o casal.

De onde estavam, agarrados um ao outro e olhando para os céus, Ísis e Osíris podiam ver a alteração que tinham causado na lei celestial escrita entre as estrelas. Os globos brilhantes lá em cima, ocultos pela luz do sol de todos menos dos próprios deuses, moveram-se e se reorganizaram, formando novas constelações e novos agrupamentos para dar espaço ao feitiço que Ísis tinha lançado.

Os dois ouviram as convocações que soaram por todo o céu como o grito de uma ave de rapina. Estava na hora de arcar com as consequências, porque Amon-Rá agora sabia o que tinha acontecido. Osíris apertou a mão de sua esposa.

– Precisamos ir.

Segurando os dedos dela, ele se virou para ir, mas se deteve quando ela recolheu a mão e não o seguiu.

– Elas estão perturbadas – disse, referindo-se às estrelas.

– Sabíamos que seria assim.

Os dois ergueram os olhos quando as estrelas se realinharam. Algumas se extinguíram, enquanto outras se acenderam, explodindo em uma existência gloriosa, sua luz ardendo, reluzente, como se anunciassem o que Ísis e Osíris tinham feito a qualquer um que olhasse para o céu.

Ísis voltou o olhar para o marido e ficou perturbada ao ver a expressão preocupada no rosto dele.

– Está arrependido? – perguntou, levemente temerosa da resposta dele.

Osíris encostou sua testa na dela.

– Não, Pequenina. Só estou triste porque agora precisamos encarar os outros deuses em vez de comemorar os votos que trocamos esta noite.

Ísis concordou com a cabeça, aliviada com o que ouvira, e todo o amor que sentia por ele se revelou na suavidade de seu sorriso.

Quando Osíris começou a descer a montanha, Ísis pegou a mão dele.

– Agora somos um só. Venha. Voe comigo.

Ísis estendeu as asas e colocou a mão no coração dele.

– Sinta a força das minhas asas no escaravelho do coração que você carrega – disse ela.

Então, com um impulso forte, Ísis se ergueu no ar.

Osíris fechou os olhos e tentou sentir o segundo coração que batia dentro dele, a pequena ametista que pertencia àquela que ele tinha tomado para si, e abraçou o arroubo de poder que encontrou ali. As asas douradas se agitavam em seu peito. Quando ele abriu os olhos, para seu deleite, estava no ar, flutuando muito acima da montanha onde Ísis estava à sua espera.

– Apenas pense em mim – gritou ela na enormidade do céu –, e o seu coração vai chegar até o meu.

A conexão entre eles era surpreendente, diferente de qualquer coisa que Osíris já tinha sentido na vida. Agora ele não só compartilhava o poder dela como também podia ler seus pensamentos. Ísis temia confrontar Amon-Rá, mas não estava com vergonha da união. Na verdade, estava orgulhosa de pertencer a ele. O fato de ela ter sido capaz de realizar um feitiço de tamanha magnitude era assustador, mas também a deixava satisfeita. Uma parte de Ísis

ansiava por lançar outros feitiços que ela teria tentado executar no passado, mas se sentiu apreensiva demais para tanto.

Ao explorar os pensamentos dela mais a fundo, percebeu como uma união como a deles tinha sido perigosa. Ela não havia compartilhado tudo com ele. Se não tivesse dado certo, ambos teriam sido destruídos. Se ele soubesse que ela corria esse risco, provavelmente teria, no mínimo, parado para analisar as consequências. Osíris não se importava com os riscos para si mesmo e se deu conta de que não tinha nenhum ressentimento por ela ter ficado em silêncio. No final, ele teria feito tudo do mesmo jeito.

Ísis o censurou em pensamento: *Meu amor, você está pensando demais. Tente aproveitar o voo.*

Maravilhado com a nova habilidade de poder falar com ela sem usar a voz, Osíris lhe enviou uma enxurrada de pensamentos: sua leve censura por ela ter mantido o perigo do feitiço escondido dele, a maravilha de sentir as emoções dela, o anseio de tomá-la em seus braços e levá-la embora para um jardim secreto que nunca tinha dividido com ninguém e, por fim, sua gratidão por ela ter tido paciência para esperar até que ele viesse a ela.

Ele se aproximou dela e olhou para cima no instante em que ela olhava para baixo. O sorriso que ela lhe dirigiu estava cheio de promessas e segredos que apenas os dois compartilhariam. *Eu não fui assim tão paciente*, disse ela, e ele percebeu que seus pensamentos a tinham agradado. Isso era bom. Iria ajudar a distraí-la dos aborrecimentos que os aguardavam em Heliópolis.

Infelizmente, os aborrecimentos se revelaram rapidamente quando Seth irrompeu na sala do conselho menos de um minuto depois da chegada dos dois. Amon-Rá, cujos lábios apertados estavam parecendo uma linha fina quando eles entraram, ainda nem tinha falado. Apenas os olhava fixamente. Néftis estava a seu lado, e Ísis reparou no chá servido para dois que tinha sido deixado na mesinha lateral. Ela ergueu a sobrancelha e ficou imaginando por que a irmã estaria tomando chá com Amon-Rá.

As primeiras palavras que saíram da boca de Amon-Rá foram direcionadas a Seth:

– Você não foi convocado.

– Vai tentar minimizar e perdoar o que eles fizeram? – contra-atacou Seth imediatamente. – Nós todos vimos as estrelas. Elas mudaram. Um novo padrão

surgiu, e isso é inconcebível. Inaceitável. Vai contra todos os estatutos que você decretou! – gritou ele. – Os dois precisam ser castigados!

– Vou examinar os atos de ambos – disse Amon-Rá com gravidade. – Se serão castigados ou não, não é da sua conta.

– É da conta de todos nós! – Seth berrou em resposta.

Uma voz dócil soou na câmara.

– Talvez Seth precise testemunhar isto – disse Néftis, e Ísis se virou para avaliar a irmã.

Néftis sabia de algo. Algo que estava ocultando.

Amon-Rá também ergueu o olhar para Néftis e a examinou em silêncio. Depois de um momento, ele assentiu.

– Muito bem. Pode ficar – disse ele a Seth. Em seguida, mudou de posição no trono e voltou toda a atenção aos dois que se encontravam diante dele, as mãos unidas diante do corpo. Amon-Rá franziu a testa. – Quem vai falar primeiro?

Ísis estava prestes a falar quando Osíris deu um passo à frente.

– Eu amo Ísis – declarou ele com coragem, e o coração de Ísis se enterneceu com as palavras, sentindo a verdade delas ecoar por seu corpo. – Nós fizemos um feitiço para ficarmos juntos.

Amon-Rá se inclinou para a frente.

– E foi um feitiço muito poderoso. – Ele inclinou a cabeça de lado. – De onde veio esse feitiço?

– Eu o criei – disse Ísis.

– Pode ser desmanchado?

Um calafrio percorreu o corpo de Ísis, que abriu a boca, mas descobriu que não conseguia falar. A simples ideia de dissolver a conexão entre ela e Osíris lhe parecia tão repulsiva quanto a de decepar o próprio braço.

Néftis ofereceu a resposta.

– Não pode. O padrão das estrelas foi reescrito, as leis foram alteradas.

Ísis engoliu em seco e lançou um olhar de gratidão à irmã, mas então Néftis completou:

– Não há como... desfazer o que foi feito.

Engolindo em seco, assustada, Ísis olhou furtivamente para Seth, e seu maxilar se retesou quando ela viu o sorrisinho dele e a maneira ousada como a

examinava. *Ele que tente*, pensou ela.

– Entendo – disse Amon-Rá, recostando-se no trono e coçando o queixo enquanto analisava suas opções.

Fez-se uma longa pausa em que todos os olhos se voltaram para o deus grandioso. Finalmente, ele suspirou.

– Vocês prometem não ter filhos? – indagou.

– Para... para que continuemos sendo deuses? – perguntou Osíris, incrédulo.

– O que você achou que eu ia fazer? – perguntou Amon-Rá.

– Nos transformar em mortais – respondeu Osíris.

Amon-Rá deu uma risada de leve.

– Nem sei se eu seria capaz de fazer isso, mesmo que quisesse. Além do mais, ainda precisamos de suas várias habilidades – disse ele com um aceno da mão, indicando os dois. – Não responderam à minha pergunta. Vocês têm a intenção de ter filhos?

Osíris estava prestes a responder quando Ísis o interrompeu com um aperto no braço.

– Nós prometemos que não traremos nova vida a este mundo sem o seu conhecimento.

Amon-Rá refletiu sobre as palavras de Ísis e então assentiu com a cabeça em um gesto final.

– Então parece que temos um banquete de casamento a planejar.

A alegria que Ísis e Osíris sentiram com o anúncio foi refreada pela explosão de Seth.

– O quê?! – esbravejou ele. – Agora é este o protocolo? Os deuses podem se casar entre si como bem entenderem desde que prometam não procriar?

Amon-Rá resmungou.

– A lei foi reescrita. O que eles fizeram se aplica a todos nós – disse, com um olhar gélido.

Néftis deu um passo adiante e perguntou baixinho:

– Será que você não pode tentar entender o que há de bom nisto, Seth?

Seth fez uma pausa e sua raiva começou a passar quando notou a expressão de súplica no rosto dela. Ele pareceu chegar a algum tipo de decisão, porque

colocou as mãos nas costas, assentiu brevemente para Néftis, cuspiu um “Parabéns” sarcástico para o casal e se retirou.

– Pronto – disse Amon-Rá. – Agora que já resolvemos a parte desagradável, vou anunciar à cidade que haverá uma festa de casamento hoje à noite. Néftis?

– Pois não?

– Pode cuidar dos detalhes?

– Claro que sim – respondeu ela com um aceno recatado da cabeça.

– Espere – pediu Ísis quando Amon-Rá se levantou para sair. – Preciso falar com você a respeito de Seth.

Néftis agarrou o braço de Ísis bem forte.

– Este não é o momento de incomodar Amon-Rá com notícias banais. É o seu casamento!

– Mas ele precisa saber...

– Pode acreditar quando eu digo que, independentemente do que você queira contar, Amon-Rá já sabe. Além do mais, isso pode esperar até amanhã, não pode?

Ísis mordeu o lábio.

– Será que pode, irmã?

Néftis sabia que Ísis na verdade estava pedindo a ela que usasse sua segunda visão. Tentando parecer segura, Néftis respondeu:

– Tenho certeza de que sim. As estrelas se reacenderam. Elas queimam de uma maneira nova agora, diferente de antes, mas continuam sussurrando para mim, e a mensagem delas é que tudo vai ficar bem.

Néftis sabia que talvez a irmã nunca a perdoasse por ter escondido o que ia acontecer, mas também sabia que os fatos deviam tomar seu curso. Tudo dependia disso. Néftis não estava ciente de todos os detalhes do que aconteceria, não exatamente, mas sabia do enorme pesar que cairia sobre os ombros da irmã aquela noite.

Mesmo assim, ela faria com que tudo fosse o mais lindo possível para Ísis. Néftis não queria que a irmã perdesse nem um momento da felicidade que buscava. Por essa razão, recomendou que Ísis e Osíris fossem descansar enquanto ela preparava tudo não só para o banquete de casamento, mas para o que mais estivesse à espera deles.

Servos chegaram, inclusive Baniti, que foi levada a Heliópolis especificamente para distrair Ísis. Osíris insistiu que sua linda esposa precisava passar o dia todo se recuperando do feitiço e, exausta como estava, Ísis não protestou. Ela deixou que Baniti a levasse e a ajudasse a entrar em uma banheira perfumada com óleo egípcio. Ísis se consolava com o fato de saber exatamente o que seu noivo estava fazendo e onde estava o tempo todo. Mesmo quando dormia, seus pensamentos se entrelaçavam com os de Osíris e os dois se sentiam reconfortados, apesar da separação física.



Nesse ínterim, Seth tinha viajado até o mundo mortal e se postara à margem de uma floresta antiga e extensa: a maior e mais densa entre todas no planeta. Era uma de que Osíris se orgulhava especialmente e que visitava com frequência para pegar amostras de plantas, além de várias criaturas para criar. Flexionando os dedos, Seth fervilhava e andava de um lado para outro.

Como isso pode ter acontecido sem o meu conhecimento?, ele se perguntava, irado. Seus pensamentos furiosos se revertiam em uma chuva de granizo martelando a Terra, uma ideia de vingança ricocheteando com força na outra. O ar tinha cheiro de coisas vivas – seiva de árvore, abeto e pinho –, e uma névoa branca e fina cobria o solo, dando à floresta um ar misterioso. Aves e pequenos animais saltavam de um galho coberto de musgo a outro, enchendo o ar com sua música alegre que celebrava a união.

Seth detestava tudo naquela floresta. As altas árvores zombavam dele, erguendo-se ali com seus troncos grossos. Orgulhosas e impassíveis. Exatamente como Osíris. Enquanto olhava fixo para a sombra das árvores, Seth sentiu algo escuro serpentear dentro dele. A coisa envolveu seu coração e o apertou, escancarando as mandíbulas para engoli-lo. Cada batida de seu coração o sobressaltava, como se ele estivesse em uma sala cheia de portas e cada uma delas se fechasse com estrondo e definitivamente, impedindo sua saída. Seth cerrou os punhos, enquanto o pretume frio ia se espalhando por suas veias, desafiando-o a lutar contra ele.

No entanto, em vez de resistir ao leviatã que tinha tomado conta de sua mente e de seu coração, ele ficou paralisado e permitiu que se enraizasse. À

medida que ia dando voltas e se espalhando em seu corpo, ele permaneceu imóvel. Ficou lá parado, feito um espantalho, oco e com os braços e pernas rígidos, o sol privando-o de qualquer vestígio de solidariedade ou bondade.

Quando a escuridão finalmente se acomodou nele feito um dragão adormecido, Seth se moveu. Seu coração agora era uma pedra de moinho fria e negra: inflexível, inabalável e insensível. Se ele não ia ser honrado, então seria temido. A determinação queimava em seu corpo, derretendo qualquer dúvida que restasse como se fosse sebo.

Ele ergueu as mãos e canalizou seu vasto poder, expandindo-se como nunca antes. Não tinha orgulho do ato de desfazer, tampouco tinha medo das consequências, só uma sensação de vingança. Raízes grossas de árvores emergiram do solo, criando uma densa confusão de madeira que se partia e forçava até as árvores caírem e em seguida desaparecerem, afundando nos buracos gigantescos que estavam lhes servindo de leito.

Logo sobraram apenas as feridas abertas onde os grandes soldados da floresta antes se erguiam. A vegetação restante deslizava para os bolsões vazios, meio desenraizada e mole feito os lábios de um velho banguela.

Seth continuou avançando com seu trabalho. As samambaias se enrolaram sobre si mesmas até se transformarem em pó e se espalharem ao vento. Os aglomerados de delicados líquenes e musgos se ressecaram como se tivessem pegado fogo. Enegreceram e desapareceram até que não restasse sequer o cheiro de fungo, seiva ou madeira. Quando deu cabo de toda a flora, Seth voltou sua atenção para a fauna.

Os animais maiores berravam, cambaleando sem rumo pelo terreno agora irreconhecível, completamente alheios a predadores ou presas em sua busca pelo lar perdido. Ele fechou os olhos e desfez todos eles. Alguns, rápido. Outros, devagar. As criaturas menores que tinham se escondido nos restos das plantas corriam de qualquer jeito para os buracos e se ocultavam na terra. Bandos de pássaros disparavam para lá e para cá em formações caóticas, muitas vezes esbarrando uns nos outros, como se estivessem confusos.

O grande número de criaturas deixou Seth atordoado, no entanto ele não sentia nenhum remorso por seu desaparecimento. O poder ia preenchendo seu corpo à medida que ele os erradicava, primeiro os grupos pequenos e depois manadas e enxames, até que não sobrou nem a menor das formigas. O sangue

e a carnificina que tinham manchado a terra com aqueles que ele desfizera mais lentamente agora tinham desaparecido. A gravidade já não tinha mais efeito sobre ele quando canalizou seus pensamentos e se ergueu no ar, examinando a ampla planície à sua frente, em busca de qualquer organismo que tivesse sobrado, mas não encontrou nada além de um rio desprovido de vida.

Riachos de água branca escorriam pelas pedras, espalhando-se como os cabelos de uma mulher por cima do braço de seu amado. A ideia fez com que uma certa melancolia tomasse conta de Seth. Irritado, foi para a lagoa funda que a cachoeira alimentava, sentou-se em uma pedra e ficou olhando o próprio reflexo. Ele deve ter ficado orgulhoso de sua aparência. Conquistar o próprio poder adicionara um bronzeado saudável à sua pele e enchera seus cabelos, além de tornar seu corpo mais robusto. Mas o rosto bonito que o olhava de volta parecia zombar dele. Não fazia diferença se sua imagem tinha mudado. Ele continuava detestando o que via.

Seth soltou um suspiro fundo, deixou de lado seu fracasso recente e se concentrou em como poderia alcançar seus objetivos, assim como no que devia fazer a respeito do abandono de Ísis. Sua mente foi se aquietando até os pensamentos ficarem tão serenos e imóveis quanto a superfície da água. Então, com apenas o ruído da correnteza por companhia, ele tramou seu próximo passo.

Quando ficou satisfeito com suas maquinações, levantou-se e, para seu deleite, descobriu que também era capaz de desfazer o rio. Sua mãe imediatamente começou a chorar por causa do que ele tinha feito e suas nuvens se reuniram lá em cima. Ele inclinou a cabeça ao perceber que a água tinha sido parte dela e que o que ele fizera, em essência, fora como cortar essa parte.

A ideia de que ele poderia de fato causar dano a uma deusa, mesmo uma tão poderosa quanto sua mãe, encheu-o de felicidade. Como se as gotas grossas da chuva dela o irritassem, ele agitou a mão e ficou grato ao vê-la se retirar para bem longe dele. O solo tremeu com a reação de Geb ao ferimento que ele tinha causado à mãe, mas Seth ignorou o pai.

O sol da manhã estava apenas um palmo acima do horizonte quando Seth se virou em um círculo lento para avaliar seu trabalho. A extensa floresta de Osíris era agora um deserto árido que se estendia até onde a vista alcançava.

Nem uma gota d'água existia entre seus limites e agora até a mãe dele ia pensar duas vezes antes de chover ali. Erguendo-se no ar, ele seguiu de volta a Heliópolis. Havia muito a fazer antes que ele comparecesse à recepção naquela noite; a primeira tarefa exigiria que ele mostrasse seu lado mais encantador para distrair aquela que estava organizando a festa.



Foi mais fácil do que ele pensou. Com a lua brilhando como pano de fundo, Seth entrou na casa de Amon-Rá de braços dados com Néftis, linda porém discreta – algo que ele considerou bem apropriado. Seth e Néftis se juntaram à festa e ele ficou contente por todos os olhos terem se voltado para ele, até os da deusa que ele tinha perdido para aquele que desprezava acima de todos os outros.

– Seth, fico feliz por você se juntar a nós – disse Amon-Rá com um sorriso que não alcançou os olhos.

– Vejo que o banquete começou sem a nossa presença – observou Seth.

Ísis se levantou.

– Não sabíamos se você viria. – O tom da deusa foi de cautela, mas também de confusão, principalmente ao notar que a irmã estava de braços dados com Seth. – O banquete já terminou – disse ela. – Sinto muito por você tê-lo perdido – completou, olhando para a irmã que tinha providenciado tudo.

– Eu estava... ocupada – explicou Néftis sem revelar nada.

Amon-Rá franziu a testa e deu um passo adiante para oferecer o braço a Néftis.

– Ainda assim, estamos felizes por ver vocês aqui – falou, mais para ela do que para Seth. – Quem sabe possa me ajudar a começar as danças, Néftis?

– Que ideia maravilhosa! – opinou Seth com desdém. – Já que nós perdemos o banquete, o mínimo que minha esposa e eu podemos fazer é celebrar o casamento dos deuses com uma dança. Vamos, minha querida?

Néftis mordeu o lábio quando Amon-Rá ergueu a mão e a música cessou de repente.

– O que foi que você disse? – perguntou Amon-Rá. – Receio que eu tenha escutado mal.

Seth inclinou-se para a frente.

– Não escutou mal, não. Néftis e eu acabamos de nos casar.

– Vocês o quê? – Ísis se aproximou, agarrou a irmã pelo braço e puxou-a para longe. – Ele está dizendo a verdade? – exigiu saber.

– Está, sim – Néftis respondeu. – Nós nos casamos há uma hora.

O choque deixou Ísis boquiaberta. Ela deu um passo para trás e largou Néftis, como se tivesse sido infectada pela coisa que tinha acometido a irmã.

Amon-Rá tomou o lugar dela e não hesitou em tocar em Néftis. Quase com ternura, pegou em seu ombro.

– Você foi forçada? – perguntou baixinho.

Os olhos de Néftis brilharam com lágrimas não derramadas quando ela fitou Amon-Rá.

– Não – respondeu. – Quando ele me fez o pedido, eu aceitei. – Ela se aproximou um passo e sussurrou para que apenas Amon-Rá pudesse escutar: – Minha luz dará equilíbrio a ele.

Amon-Rá examinou-a com atenção.

– Você o ama, então? – questionou ele, e todos prenderam a respiração à espera da resposta dela.

No entanto, antes que ela pudesse responder, Seth se meteu entre os dois.

– Claro que ela me ama. E, se estiver pensando em dissolver nossa união, primeiro vai ter que desfazer o que estes dois fizeram – disse ele, apontando para Ísis e Osíris. – Mas vou lembrá-lo de que, hoje de manhã mesmo, você disse que, se não houvesse... – ele acenou com a mão em um gesto distraído – ...procriação, uma união assim seria aceitável.

Amon-Rá deu um passo para trás.

– Sim... – concordou lentamente. – Eu disse mesmo.

– Então não há nenhum motivo que nos impeça de casar?

Amon-Rá cruzou os braços sobre o peito largo e respondeu:

– Se Néftis concordou com esse... arranjo por vontade e escolha próprias, então não vou discordar.

– Muito bem – falou Seth com um sorrisinho desafiador. – Então digo que devemos prosseguir com a festa. Vamos dançar, esposa?

Néftis lançou um olhar muito discreto a Amon-Rá, então assentiu e seguiu o marido até a pista de dança. Os músicos, atordoados, se apressaram em

retomar a canção interrompida. Apesar de Néftis ter planejado a comemoração com atenção máxima a cada detalhe, nenhum dos envolvidos estava agora com muita vontade de comemorar. Osíris puxou Ísis de lado e cochichou no ouvido dela enquanto Seth fazia Néftis rodopiar ao ritmo da música que agora parecia irritante e estridente a Ísis, apesar de aquele ser o grupo musical mais talentoso que Osíris conhecia. Amon-Rá logo pediu licença e se retirou com uma brasa de arrependimento nos olhos.

A festa continuou, mas o único que parecia feliz era Seth, que aceitou com alegria os parabéns nada animados dos presentes.

Quando alguns dos cidadãos de Heliópolis se desculparam exageradamente por terem trazido presentes apenas a Ísis e Osíris e não para ele e sua noiva, ele dispensou as preocupações com risadas, como se aquilo não tivesse a menor importância. Néftis assentiu com a cabeça em um gesto automático e se juntou à irmã enquanto Ísis abria os presentes, tentando compensar o fato de que tinha feito algo impensável no dia do casamento da irmã.

Em pé ao lado da irmã, ela ia lendo os cartões de quem lhe desejava tudo de bom e exclamava com cada presente como se nada fora do comum estivesse acontecendo. Seth desapareceu durante um tempo e Ísis tentou sorrir, mas os olhos dela continuamente se voltavam para a irmã. *Onde ela estava com a cabeça? Como pôde ter se casado com Seth?* Ela estava à espera de uma chance de puxar a irmã de lado e contar a ela o que sabia sobre seu marido, mas, antes que conseguisse fazer isso, Seth voltou a entrar no salão. Dessa vez, estava acompanhado por uma dúzia de servos que carregavam uma linda caixa de ouro.

– O que é isso? – Néftis perguntou a Seth quando seu noivo se aproximou.

– É o meu presente para o feliz casal. Uma lembrancinha para mostrar a eles exatamente o que significam para mim.

– Que... gentil! – disse Néftis, forjando um sorriso no rosto.

Ísis não tinha deixado passar a ruga que aparecera entre as sobrancelhas arqueadas da irmã. Ela não sabia o que estava acontecendo, mas, se havia uma pessoa no mundo em quem ela confiava tanto quanto no noivo, era sua irmã. Pelo menos, achava que ainda podia confiar nela.

– Néftis? – chamou Ísis.

A pergunta em sua mente não precisava ser dita em voz alta.

Néftis assentiu de leve, então Ísis soltou um suspiro e pegou no braço do marido.

– Obrigada por pensar em nós – ela agradeceu a Seth, rígida.

– Não há de quê – respondeu ele com um ar de crocodilo. – Eu queria dar um presente a vocês que mostrasse meu apreço absoluto.

A caixa pesada foi colocada diante de Osíris e Seth fez um gesto para indicar que ele deveria abri-la. A tampa rangeu quando Osíris a ergueu e Seth não conseguiu esconder o prazer que sentia enquanto observava a reação dos dois.

Osíris franziu a testa.

– O que é isto? – perguntou ele e se inclinou para examinar o conteúdo.

Seth praticamente gargalhou de tanto deleite.

– Você não reconhece?

– Areia? – questionou Ísis.

– Em absoluto – respondeu Seth. – Vejam bem, eu trouxe a vocês seu lugar preferido no cosmos. Além do mais, deixei bem embrulhado. – Em um falso sussurro, murmurou: – Vejam como se fosse uma lembrança do lugar em que planejavam passar a lua de mel. – Seth soltou um suspiro e sacudiu a cabeça. – Estou vendo que vocês dois precisam que eu explique com todas as letras. Isto – ele indicou deixando os grãos escoarem por entre os dedos – é a sua adorada floresta.

– O quê? – Osíris reagiu, incrédulo. – Como pode ser?

– Ísis sabe. Não é, Ísis?

O rosto da deusa empalideceu e ela engoliu em seco antes de falar:

– Você *desfez* uma floresta inteira?

– Não apenas *uma* floresta, mas *a* floresta. Aquela em que ele passa o tempo todo – disse ele, indicando Osíris com o polegar. – Obviamente vocês dois deviam ter conversado mais antes de se casarem. Considero verdadeiramente chocante que você não saiba quais são os lugares mais caros a ele.

– Você desfez a floresta? – Osíris perguntou de novo, enquanto a compreensão e o horror o preenchiam.

O amor que ele nutria por aquele lugar era semelhante ao amor de Ísis por Baniti; ela sentia a dor da perda reverberando pelo corpo dele. Quando se

virou para o marido para lhe oferecer conforto, ouviu Seth dizer:

– Essa não é a única coisa que vou desfazer.

Osíris caiu de joelhos e lentamente enfiou os dedos na caixa, pegando um punhado de areia na palma da mão e deixando os grânulos escorrerem por entre os dedos. Levou vários segundos para perceber que as pontas de seus dedos também estavam se dissolvendo. Ele ergueu os olhos para Seth.

– O que você fez? – exigiu saber.

Seth se agachou, os olhos queimando com intensidade enquanto ele canalizava a energia roubada de milhares de criaturas vivas que se agitava em seu corpo.

– Seu imortal idiota e teimoso! Talvez, se soubesse que eu viria a ter mais poder do que todos vocês juntos, tivesse me tratado melhor. Finalmente está tendo o que merece.

Inclinando-se mais para perto, para que Osíris pudesse escutá-lo, Seth sussurrou:

– Ísis vai ser minha. Eu vou levá-la até o deserto onde antes ficava a sua floresta. Lá ela vai jurar pertencer a mim e a mais ninguém. Para ela, você não vai ser nada além desses grãos de areia para serem jogados sob os pés dela.

– Não! – exclamou Ísis. – Néftis, me ajude!

– Eu não posso fazer nada! – disse Néftis enquanto lágrimas pesadas escorriam por seu rosto.

O braço de Osíris começou a se dissolver, então seu peito afundou à medida que mais grãos de areia se desprendiam de seu corpo e caíam na caixa de ouro. Rapidamente, Osíris virou-se para a esposa.

– Ísis – implorou ele –, lembre-se: eu amo você.

– Osíris! – Ísis se ajoelhou e envolveu o marido com os braços, como se pudesse recompô-lo apenas com sua força de vontade. Ele pressionou seus lábios contra os dela em um último beijo, mas a única coisa que ela sentiu foi a aspereza da areia enquanto ele se dissolvia diante de seus olhos. Os restos de seu ser flutuaram para dentro da caixa e se assentaram.

Aos prantos, Ísis pegou a caixa e começou a entoar um feitiço, mas, por mais que ela tentasse tecer as palavras, seu poder parecia lhe escapar. Ela precisava de tempo. Pegou um punhado de areia e se levantou, cambaleando. Néftis pegou seu braço para lhe dar apoio.

– Você é um monstro – cuspiu Ísis para o homem presunçoso à sua frente. Seth deu um sorriso frio.

– Um monstro que você mesma criou, minha cara. Devia ter dito sim quando pedi a você que me escolhesse. Agora vai acabar sem nada, a menos que faça exatamente o que eu disser.

Ísis teceu um feitiço para incapacitá-lo, canalizando o máximo de poder possível, mas Seth limitou-se a rir e a puxar a camisa para mostrar a ela uma pedra vermelha reluzente pendurada em seu pescoço.

– Os seus feitiços, por mais que eu os aprecie, não me afetam quanto estou usando a pedra de sangue celestial.

– Onde você conseguiu isso? – Ísis exigiu saber.

Só havia uma pessoa viva em todo o cosmos que sabia como anular o poder de Ísis. Ela rezou para estar enganada.

– Ora, a sua adorada irmã, é claro – respondeu ele, e Ísis fechou os olhos, desejando não ter escutado a resposta dele. Seth prosseguiu: – Ela sabia que você buscaria vingança pela perda de Osíris. É justo que ela quisesse proteger o marido.

Ísis se soltou de Néftis, os olhos ardendo pela traição e a perda. *Como era possível perder o meu amado e a minha irmã em um só dia?*

Néftis tentou dizer algo, mas Ísis ergueu a mão.

– Não. Não se atreva a dizer uma só palavra.

Seth estalou a língua.

– Pobre Ísis. Parece que, apesar de sua natureza imortal, seu noivo foi visitado pela morte. Que coisa perturbadora. Que coisa... impossível. E, no entanto, aqui estou eu, recentemente revigorado pelos restos da energia vital do seu falecido noivo e, felizmente para você, ainda ansioso para tomá-la como minha esposa. Claro que agora você vai ficar relegada à posição de segunda esposa, mas prometo lhe dar a mesma atenção.

– Você é doente – Ísis sibilou entre os dentes. – Eu nunca vou aceitar você!

O sorriso de Seth desapareceu e ele deu um passo ameaçador à frente, toda a escuridão que havia dentro dele visível em sua expressão.

– E é uma tola se acha que vai me contrariar de novo. – Seth agarrou o pulso de Ísis, puxando-a com brutalidade, e sussurrou em seu ouvido: – Pense no que mais você tem a perder – ameaçou, ardiloso.

Com lágrimas escorrendo pelo rosto, Ísis olhou para a irmã e depois para Baniti, que estava no canto do salão, os olhos arregalados de pavor e as mãos cobrindo a boca. Ísis pensou, sim, no que mais tinha a perder, mas naquele momento nada era mais importante do que os grãos de areia que escorriam entre seus dedos apertados. Com os olhos brilhando de determinação, ela respirou fundo e sussurrou um feitiço. Seus feitiços podiam não ter efeito sobre Seth, mas ainda funcionavam nela.

Um raio de luar penetrou pela janela e a luz se curvou até alcançar Ísis. Ela estendeu a mão, pegou a luz e usou seu poder para se transformar até que seu corpo parecesse quase fantasmagórico e ela pudesse escapar do aperto de Seth. Assustado, ele tentou agarrá-la mais uma vez, mas as mãos dele a atravessaram como se ela já não fosse mais uma forma corpórea.

Agarrada à areia que tinha sido seu marido, Ísis saltou para o raio de luar, que a levou para muito, muito longe de Heliópolis. Mas, apesar do luar que a levou até as estrelas, o peso de sua dor a lembrava de que a distância entre ela e seu amado agora era algo que nem as estrelas poderiam atravessar.



Arrancado

Ísis não sabia quanto tempo tinha passado pranteando o amor que acabara de conquistar. Suas lágrimas corriam livremente, seu grande pesar levando as estrelas a chorar também. As gotas caíram no domínio mortal e fizeram as águas do Nilo, já altas, elevarem-se ainda mais, inundando os campos, de modo que todos que viviam às margens do rio sabiam que algo terrível devia ter acontecido para impedir que Osíris os protegesse como sempre fazia.

Ela ouviu um ruído de asas batendo e sentiu o ar roçando em sua pele. Era Néftis. O pesar de Ísis se transformou em fúria.

– Saia daqui! – ordenou. – Volte para o seu marido. Vocês dois se merecem.

– Eu não vou abandonar você – respondeu Néftis calmamente.

Boquiaberta e incrédula, Ísis ficou olhando para ela.

– Não vai me abandonar? Você já me abandonou. Você me traiu por alguém que fez o impensável! Como pôde apoiar uma coisa dessas? Diga que não foi informada disso por uma visão. Diga que estou errada. Diga que não poderia ter feito nada para impedir.

Até aquele momento, Ísis não tinha entendido a profundidade da falsidade de Néftis. Estava tudo escrito no rosto dela. Arrependimento e pena nadavam nos olhos de Néftis, confirmando suas suspeitas. A irmã tinha visto esses acontecimentos se desenrolarem em uma visão. Tinha visto e não fizera nada para impedir.

– Não suporto nem olhar para você – disse Ísis, virando-se para outro lado.

– Ísis, pare! – Néftis pôs a mão no ombro da irmã. – Sei que há muitos danos que eu preciso reparar entre nós, mas há muito a fazer e não temos

tempo para que eu explique. Apenas saiba que tudo isso, inclusive a morte do seu marido, tinha que acontecer para que o cosmos encontrasse seu equilíbrio.

Apesar de sua necessidade de se afastar, Ísis parou para fazer uma última pergunta.

– Como é que qualquer coisa pode reencontrar o equilíbrio se Osíris se foi?

– Ele não se foi, irmã.

– O quê? – Ísis se virou para ela. – Como assim?

Néftis soltou um suspiro.

– Ele ainda está aqui. Você não o sente?

– Sentir Osíris? Como?

– Foi o seu feitiço. Vocês ainda estão conectados. Mesmo agora. Se você quer trazê-lo de volta, precisamos nos apressar.

– Mas Seth...

– Esqueça Seth por enquanto. Quer seu marido de volta ou não?

Ísis piscou e o ar agitado pelas asas de Néftis secou as lágrimas que aferroavam seus olhos.

– Claro que eu o quero de volta – murmurou ela, a confusão evidente em seu rosto.

– Então venha comigo – ordenou Néftis, enigmática, sem deixar espaço para mais perguntas.

Ísis ganhou o céu, seguindo a irmã enquanto um milhão de perguntas lhe vinham à mente. *Será que é verdade? Será possível que Osíris ainda esteja ao meu alcance?* Néftis voava com rapidez e Ísis ficou surpresa quando o monte Babel surgiu no horizonte. Quando Ísis se dirigiu para a base da montanha, Néftis se redirecionou e aproximou-se da irmã. Pegando a mão dela, disse:

– As estrelas me permitem passar agora. Se você ficar comigo, o caminho estará livre.

As irmãs foram até o cume da montanha no local exato onde Ísis tinha tecido seu feitiço: o lugar que agora era sagrado para ela, onde ela tinha se unido a Osíris havia menos de um dia.

Néftis se ajoelhou na superfície da enorme pedra sagrada e fechou as asas atrás de si, indicando a Ísis que a seguisse. Com suavidade, ela abriu a mão da irmã e fez um pequeno monte com a areia entre as duas, moldando para que

tivesse quatro lados e se erguesse em um pico no meio, formando uma pirâmide.

– Você sabe o nome verdadeiro dele? – perguntou Néftis.

Ísis assentiu com a cabeça.

– Então vamos usá-lo para chamá-lo de volta das Águas do Caos. Lance um feitiço, irmã – pediu ela. – Crie um corpo para ele a partir do pó de seus restos. O poder do cosmos vai iluminar a pirâmide de dentro e, quando isso acontecer, use a sua lembrança dele para moldar sua nova forma. Então, quando estivermos prontas, vamos usar o nome verdadeiro dele para guiá-lo até aqui, e os corações compartilhados entre vocês vão voltar a se encontrar.

Ísis começou a tecer o feitiço. Ela nunca tinha feito nada assim antes e precisou tentar várias vezes, mas finalmente o cosmos respondeu. A luz brotou dentro da areia enquanto ela entoava seu cântico, e seu feitiço se transformou em uma canção. Era rica e cheia do amor que ela sentia por Osíris. A música era uma parte tão importante dele que cantar o feitiço pareceu correto.

Néftis juntou sua voz à da irmã e, para deleite de Ísis, ela ouviu o eco do coração de Osíris batendo. Era bem fraco, difícil até mesmo para ela escutar, mas lhe deu esperança. Horas se passaram enquanto as mulheres cantavam, e, em resposta, a areia foi se transformando. Esticou-se e pulsou, formando o contorno vago de um homem, e então a canção dela entalhou a superfície de seu peito, seus braços fortes e, finalmente, os ângulos de seu rosto bonito.

Quando os grãos se assentaram e a luz se dissipou, ela viu que o corpo de seu marido estava perfeito até nos mínimos detalhes, mas ele não respirava. Em vez de carne e osso, a areia tinha se enrijecido na forma de pedra polida e ela não estava sentindo o coração dele mais perto do que quando tudo tinha começado.

Ísis desabou, arfando.

– O que fiz de errado?

– Nada. Só vamos precisar de um pouco de ajuda para o próximo passo.

Ao ver Ísis se entregando à derrota, Néftis apertou as mãos da irmã, então soltou-as e se levantou.

– Descanse um pouco. Vou chamar Anúbis. Ele vai assar a pedra com os fogos da imortalidade e então o molde vai ganhar carne.

Quando Ísis estendeu a mão para a irmã, desesperada, e agarrou seu braço, Néftis compreendeu o motivo.

– Só vou trazer Anúbis, prometo.

Ísis assentiu, agora sozinha com a réplica reluzente do marido. As mãos de Osíris estavam cruzadas sobre o peito e seus olhos estavam fechados. Ela curvou seu corpo sobre o dele, tirou alguns grãos de areia que restavam em seu rosto e traçou o contorno do maxilar com as pontas dos dedos. Ela queria que ele acordasse, que a envolvesse com seus braços e lhe assegurasse que nunca mais a abandonaria.

Ísis.

Ela teve um sobressalto e percebeu que devia ter dormido por um tempo, apoiada em sua imagem. Será que ele tinha tentado entrar em contato com ela?

Ela apertou as mãos contra o rosto cor de bronze.

– Você está me escutando, marido? – perguntou com os olhos arregalados, ansiosa e desesperada. – Osíris? – chamou ela.

Não recebeu resposta.

Uma lágrima solitária caiu no peito dele e Ísis enxugou os olhos. Quando ela olhou para o lugar onde a lágrima havia caído, engoliu em seco. Os pontos molhados no peito e nos ombros nus dele tinham ficado quentes e a cor tinha mudado para o tom bronzeado de Osíris. Mas, para sua decepção, viu o ponto macio que traçou com o polegar voltar a ser pedra polida. Por mais que tentasse, não conseguia repetir o milagre.

Quando Néftis voltou, com Anúbis logo atrás de si, Ísis contou sua descoberta, cheia de animação.

– Suas lágrimas têm poder, irmã. Sua conexão com Osíris permitiu que uma lágrima se formasse das Águas do Caos. – Néftis se afastou e indicou a Anúbis que tomasse seu lugar. – Infelizmente, nem você seria capaz de produzir lágrimas suficientes para dar carne ao corpo dele. – Néftis colocou a mão no ombro de Anúbis. – Você sabe o que fazer – disse a ele.

– Nunca fiz isso – confessou ele. – Não há precedentes.

– Só porque nunca foi feito não significa que seja impossível – retrucou ela. – Permita que as estrelas o guiem.

Néftis permaneceu firme apesar de ele olhar para ela cheio de dúvidas.

Anúbis se agachou e tocou o braço de Ísis.

– Vou fazer o que for possível, deusa.

– Obrigada – Ísis sussurrou e se moveu para lhe dar espaço.

Anúbis começou a entoar um cântico. Suas palavras ressoavam com poder enquanto ele repelia a seca e a escuridão, as tempestades e o caos – todas as coisas de que Osíris era a antítese. Enquanto ele fazia isso, Ísis, inquieta, torcia as mãos, mordida os lábios e agitava as asas em padrão ritmado, como que para aplacar a angústia que sentia. Quando o fogo tomou conta da forma de Osíris, ela recuou. O calor de mil sóis queimou, assando-o, e, através das chamas, Ísis viu a pedra polida se derreter e transformar-se em carne macia.

– Deu certo – disse Anúbis, admirado.

Quando baixou as mãos, as chamas diminuíram e se apagaram, mas a carne começou a se transformar mais uma vez em pedra, do mesmo jeito que acontecera quando a lágrima de Ísis secou. Anúbis voltou a erguer os braços para reavivar as chamas. No momento em que o fogo se dissipou, seus braços tremeram. E continuou:

– Vão ter que se apressar. O poder de Seth continua a desfazê-lo.

– Só quando o sopro da vida retornar e ele estiver no comando do próprio corpo de novo é que a chama imortal poderá se apagar – Néftis explicou. Então pediu, em tom de urgência: – Chame Osíris, irmã. Agora que ele é carne, o caminho está aberto. Faça com que retorne e enxerte seu verdadeiro eu neste novo corpo.

– Osíris, meu amor! – exclamou Ísis. – Meu coração o chama. Volte para mim. Eu estou chamando. Atravesse o cosmos. Venha ao meu encontro!

Ísis se ajoelhou, ignorando o calor do corpo dele em chamas, e colocou as palmas das mãos no peito de Osíris. Ela fechou os olhos e se inclinou para a frente, sentindo o cabelo macio dele contra sua bochecha, e sussurrou seu verdadeiro nome em seu ouvido. Imediatamente sentiu um sobressalto no coração e o pedaço dele que residia em seu peito reagiu.

– Ele está vindo! – gritou Néftis.

Ísis ergueu os olhos e viu um pontinho de luz se aproximar deles. Diminuiu a velocidade quando chegou perto, hesitante, e então finalmente afundou no peito de Osíris, bem onde ficaria seu coração. O corpo brilhou como se tivesse sido iluminado por dentro com uma luz celestial, mas, diferentemente da chama de Anúbis, essa luz não carregava calor. O esqueleto

e os músculos do deus se delinearam com clareza através da pele. Plantas minúsculas brotaram ao redor do corpo, um sinal certo de que o deus das coisas que cresciam voltara.

Então, no momento em que Ísis permitia que a chama da esperança a preenchesse também, a luz dentro do corpo de Osíris diminuiu e foi apagando nos braços e nas pernas, começando pelos dedos. As plantinhas se encolheram e ressecaram, ficando marrons e morrendo diante dos olhos dela.

– Rápido! – exclamou Néftis. – Não permita que a essência vital dele escape!

Ela se ajoelhou ao lado da cabeça de Osíris e pediu a Ísis que se ajoelhasse a seus pés. Juntas elas ergueram as asas e impediram que o globo de luz que tinha se erguido do corpo fosse embora. Ele ricocheteou entre as penas macias, tentando retornar às Águas do Caos.

– Cante para fazer com que ele retorne ao corpo outra vez, Ísis!

A deusa ergueu a voz e o globo minúsculo aproximou-se, pairando perto dela antes de entrar no corpo inerte mais uma vez.

– Continue cantando e agite o ar com suas asas. Isso traz vida – instruiu Néftis, voltando-se então para o deus em pé ao seu lado. – Anúbis, preciso da sua ajuda. Temos que conectar a essência da vida ao novo corpo dele.

– O que eu preciso fazer?

– Não posso sair daqui. Use sua foice para cortar nosso cabelo.

– Quer que eu corte o cabelo de vocês? – Ele franziu a testa, confuso.

– Quero. Em seguida você precisa enrolar os fios no corpo dele. Todas as partes dele precisam estar amarradas. Vai ter que cortar tudo.

Anúbis hesitou apenas por um momento. Então ergueu a foice e cortou todo o cabelo de Ísis, depois foi para trás de Néftis e fez a mesma coisa. Usando punhados dos longos cabelos delas, ele envolveu o corpo de Osíris com os cachos macios, amarrando-os com nós. Quando todas as partes do novo corpo de Osíris estavam envolvidas pelos cabelos, Néftis instruiu:

– Agora, sussurre o nome verdadeiro dele mais uma vez, irmã.

Ísis obedeceu. A luz se espalhou e preencheu o corpo recém-formado novamente, mas dessa vez foi brilhando cada vez mais forte até que seus raios explodiram por entre os fios de cabelo e os dissolveram. Quando a luz se apagou, Néftis disse:

– Está feito. Venha, Anúbis, vamos deixar os dois sozinhos.

– Mas ele continua sem respirar! – exclamou Ísis enquanto Anúbis ajudava Néftis a se levantar.

– O resto é com você – disse Néftis em tom suave. – Quando você tocar os lábios dele com os seus, o sopro da vida vai penetrar no novo corpo.

Néftis cambaleou ao avançar, apoiada em Anúbis.

Ísis soltou um suspiro fundo, ficou olhando para a irmã e resolveu decidir o que fazer a respeito da traição dela mais tarde. Quando eles se retiraram, o corpo de Ísis se sacudiu com espasmos de exaustão profunda. Ela se sentiu esgotada como nunca antes. Ter feito dois feitiços tão poderosos no espaço de um dia poderia matar um ser inferior, mas Ísis estava determinada. Só faltava um beijo. Claro que ela conseguiria reunir energia suficiente para algo tão pequeno.

Ajoelhada ao lado do marido, ela acariciou o cabelo macio dele. Suas mãos tremiam quando as levou ao rosto dele. Inclinando a cabeça dele, pressionou delicadamente os lábios contra os dele. Sentiu o gosto salgado das próprias lágrimas e o calor residual dos fogos em que ele tinha ardido. Então uma rajada de vento soprou. O peito embaixo dela subiu e desceu.

A mão dele enlaçou a cintura dela e a puxou para mais perto quando os lábios dele se moveram de encontro aos dela, primeiro um pouco hesitantes, depois, famintos. Osíris sentou-se ereto, levando-a junto com ele. Segurou-a pelos ombros e a afastou um pouco para poder olhá-la. Enxugou suas lágrimas com os polegares e passou a mão no cabelo cortado com uma expressão pensativa e triste enquanto os fios curtos deslizavam entre seus dedos.

Ísis não conseguia deixar de tocá-lo. Ela acariciou-lhe o pescoço e os ombros fortes e tirou o cabelo que caía em seus olhos. Osíris fez a mesma coisa com ela, até que finalmente entrelaçou seus dedos nos dela e os levou aos lábios para um leve beijo.

– Estou aqui, Pequenina – disse ele. – E não vou mais abandoná-la.

– Como podemos saber? – indagou ela com um soluço. – Como vamos impedir a próxima tentativa de Seth?

– Amon-Rá vai impedi-lo. Temos de ir agora. Vamos precisar da ajuda dele se quisermos deter Seth.

Ela assentiu e ele a ajudou a se levantar. Osíris se moveu de um lado para outro, mexendo os braços e as pernas, testando seu novo corpo pela primeira vez. Quando estava pronto para partir, Ísis disse:

– Espere.

– O que foi? – perguntou ele.

Ela passou a mão pelo peito dele e uma corrente de ouro com uma pedra preciosa vermelha apareceu.

– O que é isto? – perguntou Osíris ao examinar o objeto.

– Ela contém a minha força vital. A pedra nos une. Se ele desfizer um de nós, vai desfazer os dois. – Ela pegou a mão dele. – Não vou ser separada de você novamente – disse. – Mesmo que isso signifique a minha morte.

Ele assentiu com ar grave. Então a beijou e deslizou a mão por seu pescoço. Quando ele ergueu a cabeça, ela sentiu o peso de uma corrente. Ele também tinha criado um colar para ela. Ísis o ergueu e viu que era um amuleto no formato da cruz egípcia *ankh*, mas as laterais se voltavam para baixo. Quando Ísis ergueu os olhos, ele explicou:

– É um *tyet*, um nó que une e traz vida. Estes são os seus braços e as suas asas quando me envolvem. – Isto – mostrou o centro – é o beijo que me deu fôlego. Estou ligado a você, meu amor, minha Ísis. A minha vida é sua. Independentemente do que o futuro trazer.

Ísis assentiu e seus olhos se fecharam, fazendo-a tropeçar. Osíris a segurou, beijou de leve seus lábios e disse:

– Descanse agora, Pequenina. É a minha vez de voar.

Erguendo a esposa nos braços e aninhando-a junto de si, Osíris clamou aos escaravelhos do coração que os uniam e se deliciou com a palpitação do coração dela trancado em seu peito. Ganhou os céus, ciente de que teria de confrontar o deus mais poderoso que já tinha encarado e de que isso poderia resultar na morte de ambos.



Transplantado

– Tem certeza de que precisa fazer isso? – perguntou Anúbis.

– Ele é meu marido – respondeu Néftis simplesmente, como se fosse explicação suficiente.

Quando viu a testa franzida de Anúbis e a hesitação dele em sair de seu lado, pousou a mão no braço dele.

– Vai ficar tudo bem, Anúbis. Nosso destino está escrito nas estrelas e a minha luz não será extinta hoje.

Ao perceber que, mesmo assim, ele não se dispunha a sair do lado dela, foi Néftis que se afastou. Preparando-se, ela olhou para os céus apenas por um instante, pedindo em silêncio à mãe que zelasse por ela, que zelasse por todos eles, e então entrou na câmara.

– Seth? – chamou ela.

Não obteve resposta. Ela examinou o ambiente com cuidado, ciente de que ele estava ali. Um arrepio percorreu seus braços. Por fim, ela avistou um escorpião negro embaixo de uma cadeira. Ela se agachou.

– Ah, você está aqui.

A pequena criatura se agitou e seu corpo se transformou em um crocodilo cinzento com a grande boca aberta e depois em um javali de pelo eriçado. O animal sacudiu a cabeça e urrou, quase atingindo as pernas dela com suas presas perigosas, mas Néftis não se moveu. Não ergueu uma só sobrancelha.

Quando ele retornou à sua forma natural, ela perguntou:

– Quantas outras espécies você exterminou hoje para ser capaz de assumir a forma delas com tanta facilidade?

Seth cruzou os braços sobre o peito e suas narinas se dilataram.

– Vejamos – respondeu ele com uma mistura de orgulho e deboche. – Um hipopótamo peludo, o touro do deserto e o órix de cauda branca que, aliás, eu desfiz só para passar o tempo, e a culpa foi toda sua. Uma esposa não deve abandonar o marido na noite de núpcias.

– E um marido não deve cometer assassinato nessa data.

Os olhos de Seth fixaram-se nos dela.

– Você sabia o que eu ia fazer quando concordou em me acompanhar à celebração deles, não sabia, minha pequena visionária?

Néftis ficou olhando para ele com frieza, os lábios apertados em uma linha fina. Em vez de responder, ela perguntou:

– Você sente prazer em causar tanta destruição desnecessária?

Ele deixou escapar um pequeno suspiro e desviou o olhar.

Será que estou vendo arrependimento aqui?, ela se perguntou.

Ele falou em tom suave, mas havia uma dureza subjacente em seu tom:

– Apesar do que você possa pensar, não, destruição e caos não me trazem prazer. São meios para um fim. Há um propósito no que eu fiz. Mas você sabe disso melhor do que ninguém, não é, minha esposinha? – Seth agarrou o braço dela e a puxou para tirar-lhe o cabelo curto do rosto em um gesto bruto. – Aliás, não gostei do que você fez com o seu cabelo.

Ele apertou as palmas das mãos contra as bochechas dela e pressionou. Não com força bastante para machucá-la, mas de tal jeito que ela não conseguiria escapar dele.

O olhar de Seth passou para a boca de Néftis e, antes que ela pudesse reagir, ele a beijou. Os lábios dele se moviam contra os dela de maneira faminta, poderosa e dominadora. Ele pareceu surpreso quando ela correspondeu ao beijo. O gesto dele então se tornou mais suave e Néftis estremeceu com a ciência do que os dois poderiam ser, ou seriam, se o que as estrelas lhe disseram acontecesse. Mas então ele pôs fim àquilo de modo abrupto, afastando-se dela de maneira ríspida, como se ela fosse uma tentação da qual ele quisesse se manter o mais longe possível.

Uma ruga apareceu entre as sobrancelhas dele, mas desapareceu com um sorriso sarcástico, que contorceu seu rosto bonito, transformando-o em algo feio e cruel. Seth segurou o queixo da mulher.

– Então... Você vai dividir seus segredos comigo ou vou ter que tomá-los? Garanto que vai ser prazeroso para mim, de uma maneira ou de outra.

Néftis desvencilhou o queixo da mão dele e deu um passo para trás.

– Mas como você se desfez da sua máscara de charme com rapidez!

Com olhos faiscantes, ele disse:

– Você sabia o que eu era. Sempre soube. Acho que está na hora de pararmos de fingir que somos algo que não somos.

– Talvez você tenha razão – disse ela com um aceno recatado da cabeça.

Os olhos de Seth se fixaram nela como se ele estivesse lhe ordenando contar seus segredos. Ele se afastou alguns passos e então retornou.

– Diga-me o que você viu.

– Você não está pronto para saber de tudo o que vi.

– Está pensando em me desobedecer? – Seth a agarrou pelos braços e a puxou. – Estamos casados, Néftis – murmurou. – Submeter-se a seu marido anda lado a lado com fazer os votos. Você e suas visões pertencem a mim agora. E que minha esposa tão determinada não se esqueça de que casar foi ideia dela.

– Sim – admitiu Néftis. – Eu quis me casar com você.

Seth ergueu uma sobrancelha.

– Disso eu sei. O que não compreendo são seus motivos.

Néftis ficou quieta por um momento e, quando Seth a soltou, voltou a se afastar. Achou interessante que, apesar da resistência óbvia dele a ficar perto dela, continuava sempre voltando, como se não tivesse controle sobre aquilo.

Depois de refletir por um instante, ela soltou um suspiro baixinho.

– Você tem razão quanto a não haver mais energia suficiente nas Águas do Caos. O dom que você tem é importante e não deve ser desprezado. O seu poder é necessário para trazer equilíbrio. É tão importante para cuidar do cosmos quanto o de Amon-Rá.

Ele piscou, a surpresa evidente em seu rosto.

Rapidamente, ela continuou:

– Mas o seu poder, se usado da maneira incorreta, vai destruir todos nós. – Néftis mordeu o lábio inferior e então tomou uma decisão. Estendendo a mão, ela pegou a dele. – Seth, sinto muito por todo o sofrimento que você carregou e pela solidão que sentiu. Eu sei que você é um homem de grandes habilidades.

Você é inteligente e apaixonado, mas ultimamente sua paixão se transformou em obsessão e inveja.

O rosto de Seth ficou sem expressão e Néftis estremeceu.

– Você precisa saber que Osíris está vivo – disse ela, com coragem. Como ele não se moveu, ela prosseguiu: – Você não o destruiu como era sua intenção. Ísis criou um corpo novo para ele e a conexão entre os dois permitiu que ele retornasse. Eu sei que você o odeia. A risada trovejante dele lhe parece um deboche. Ver os dois juntos o faz sofrer. Você se sente diminuído quando ele está por perto. Também sei que acha que ama Ísis, mas, se visse os dois juntos, entenderia que ela só pode ser feliz com ele. Ela nunca vai sentir a mesma coisa por você.

– Ele está vivo?

Com olhos febris, Seth exigiu a confirmação dela.

– Está, mas esta não é a questão.

– E qual é a questão, cara esposa?

– A questão é que isso é bom. Você ainda não foi tão longe a ponto de não poder mais voltar. Amon-Rá vai perdoá-lo. O que você fez foi consertado. Eu consertei para você.

O sorriso que lançou a ele saiu forçado demais para ser natural.

Um músculo repuxou no maxilar dele e ela se apressou em concluir:

– Eu imploro a você, Seth: afaste-se desse caminho. Eu sei qual é a sua motivação. Você anseia por ser aceito. Ser respeitado, valorizado e amado. Você deseja a admiração que lhe foi negada por tanto tempo e quer sentir que suas opiniões são tão importantes quanto as dos outros. Você vai ter todas essas coisas. Eu prometo. Só precisa ter paciência para esperar.

– E por que devo esperar mais se já esperei tanto? Por que devo ter fé nas suas visões? Confiar em você? Principalmente se estou vendo muito bem que você não me estima tanto quanto aos outros. Você também se acha superior a mim. Não negue.

Néftis hesitou, sem saber o que dizer. Com cuidado e suavidade, ela prosseguiu:

– Você tem razão – confessou. – Apesar de eu não amar você como uma esposa deve amar um marido, as estrelas me mostraram que vai chegar o momento em que o amarei. Um dia nós vamos ser muito felizes juntos, o

cosmos ficará em harmonia e você terá tudo que seu coração desejar. Certamente, com esse desfecho à vista, você poderá encontrar força dentro de si para ser paciente com os outros, para me dar tempo de me transformar na esposa de que precisa. Permita que Ísis e Osíris tenham a felicidade deles, marido.

Néftis ficou em silêncio diante do olhar dissimulado de Seth. Finalmente, ele falou:

– Minha noiva sincera – esticou os dedos para acariciar as penas dela –, quero agradecer por dividir seus sentimentos. Percebo que eles vêm do seu coração. Mas está errada. Suas visões a enganaram. Não a meu respeito. Todas as coisas que eu quero, claro, vão se realizar, mas isso não vai acontecer se eu ficar aqui parado, repousando sobre meus louros. Não quero mais saber de implorar por migalhas, favores e restos. A lição que o cosmos me ensinou seguidamente é que a única maneira de obter algo que eu quero é tomar essa coisa. Ninguém vai ser bondoso o bastante para me entregar nada de mão beijada. Então, sim, eu *vou* governar. O cosmos *vai* ficar em harmonia. E você *vai* se transformar na mulher de que eu preciso. Se eu tiver que moldá-la, transformá-la no que eu desejo, é o que farei.

Seth passou as pontas dos dedos de uma orelha a outra pelo maxilar dela.

– Você precisa saber que eu não a culpo, de jeito nenhum, por ter inveja dos meus sentimentos em relação a Ísis.

– Não. – Néftis sacudiu a cabeça. – Não é o que eu...

Seth se inclinou durante o protesto dela e a interrompeu:

– Mas deveria ter – murmurou no ouvido dela em tom sedutor. – Eu sempre vou desejar Ísis mais do que a você. Você vai saber o que é ser a segunda opção. A que ficou para trás. Ainda assim, você é poderosa, e a minha intenção é usar o seu poder como eu bem entender. Afinal de contas, por que eu deveria me contentar com uma esposa, uma deusa, se posso ter duas?

Lágrimas quentes fizeram os olhos de Néftis arderem enquanto ela tentava impedir que as palavras ofensivas dele se enraizassem em seu coração.

– Mas Osíris... – começou ela.

– Pode ser desfeito mais uma vez – disse ele em tom sarcástico. – Aliás, eu deveria agradecer a você. Desfazê-lo pela segunda vez vai se revelar um experimento interessante. Talvez agora eu adquira ainda mais do poder dele. –

Seth tocou na ponta do nariz dela. – Os rumores sobre o meu poder já estão se espalhando. O povo de Heliópolis está começando a ter medo de mim. Logo vai perceber que sou o deus mais poderoso de todos. Vai esquecer Amon-Rá completamente.

– Você não é mais forte do que ele.

– Talvez ainda não seja. Mas, depois que eu desfizer todos os outros deuses, vamos ver quem terá o controle.

Néftis estremeceu. Seth sentiu prazer ao saber que ela também tinha medo dele. Assim era bem melhor. Não gostava de pensar que ela sabia mais do que ele. Jamais permitiria que ela pensasse que estava no controle.

– Claro – prosseguiu ele –, você sabe que devo castigá-la de maneira apropriada por ter agido pelas minhas costas. Simplesmente não tem cabimento Heliópolis inteira saber que eu não tenho autoridade sobre a minha mulher.

Néftis endireitou o corpo, rígida, enquanto ele traçava um círculo, com passos arrogantes, em volta dela, avaliando-a de todos os ângulos. A cor se esvaiu do rosto dela e seu lábio inferior tremeu. Ela sabia exatamente o que estava por vir. Tivera a esperança de que suas palavras pudessem convencê-lo a tomar uma atitude diferente, mas, no fundo do coração, sabia que não havia como desviá-lo de seus desejos. As pálpebras dela baixaram e ela fechou as asas ao redor de si como se para se proteger do que ele ia fazer.

Seth então murmurou as palavras que iriam transformá-la para sempre, e ela arquejou com a perda enquanto o processo ainda estava no começo. O corte foi brutal e preciso, a dor, mais psicológica do que física, e, no entanto, as terminações nervosas dela formigavam como se uma faca afiada ainda estivesse enfiada na pele. Seus olhos se encheram de lágrimas e ela apertou a palma das mãos contra o rosto para aplacar os soluços que faziam todo o seu corpo tremer.

– Ora, ora – disse Seth com um olhar de pena enquanto tirava as mãos dela de seu rosto e enxugava suas lágrimas com gestos bruscos. – A culpa é toda sua, você sabe.

– Como pôde fazer isso? – perguntou Néftis, a voz falhando.

Os olhos dele faiscaram de indignação.

– Eu não queria fazer isso, Néftis. Você me forçou. É uma pena mesmo. – Inclinando-se para ela, ele murmurou: – As suas asas eram a única coisa que eu achava bonita em você.

A expressão dela embotou-se.

– Achei que alguém que sofreu tanto nas mãos dos outros teria mais compaixão.

Seth resmungou.

– Sim, bom... talvez, a partir de agora, você pense duas vezes antes de tentar me contrariar.

Virando-se, ele flexionou as mãos, sacudindo-as como se tivesse tocado em algo desagradável, e caminhou em direção à porta.

– Eu não contrariei você – retrucou Néftis baixinho enquanto ele se retirava. – Eu salvei você.

Se ele escutou o que ela disse, não demonstrou.

Néftis desmoronou no chão e foi ali que Amon-Rá a encontrou.

A expressão irada dele brilhou com a luz de mil sóis quando ele a ergueu nos braços.

– Ele vai morrer por isto – prometeu Amon-Rá.

Néftis pressionou a palma da mão no rosto dele.

– Não. Ele não pode morrer. Não por enquanto. Precisamos dele.

Com gentileza, Amon-Rá carregou seu corpo leve até um sofá. Em vez de acomodá-la ali, ele se sentou nas almofadas macias e a posicionou em seu colo. Os braços dele eram fortes e ela recostou o rosto em seu peito. Ele não falou até que ela parasse de chorar.

– Diga o que precisamos fazer – pediu.

– Ele vai atrás de Osíris – informou ela com a voz fraca. – Se nós o tirarmos das vistas de Seth, ele vai concentrar sua energia na perseguição a Ísis.

– Ele vai ameaçá-la – disse Amon-Rá. – Fará com que se curve a suas vontades.

– Você vai limitar o alcance dele. Se ele acreditar que é capaz de convencê-la apenas com seu charme, já será distração suficiente.

– E se ela ceder?

– Não vai ceder. O amor dela pelo marido é absoluto.

– Vamos torcer para que você tenha razão. Juntos, eles poderiam realizar os desejos de Seth.

– Os desejos de Seth não são os de Ísis.

Ela voltou o rosto para o dele e Amon-Rá sentiu um nó na garganta. Havia lágrimas nos cílios dela. Ele nunca a achara tão linda quanto naquele momento. Mesmo com o cabelo curto e sem as asas gloriosas, Néftis era adorável.

– E quais são os desejos dela? – perguntou Amon-Rá, a voz rouca.

– O mesmo de todas as mulheres – respondeu ela. – Um homem que a ame acima de tudo. Que se disponha a sacrificar tudo por ela.

– Você também merece um homem assim – disse ele.

Néftis ergueu a mão e traçou o arco da testa do grande deus com os dedos.

– E vou tê-lo um dia.

Amon-Rá franziu a testa. Queria que ela confiasse nele o bastante para contar o que sabia. Ela o arrancou de seus pensamentos ao dizer:

– Você precisa permitir que Ísis realize o outro desejo do coração dela.

– Que desejo é esse?

– Um filho.

– Não. – Ele sacudiu a cabeça. – Você sabe por que isso é proibido.

– Não importa. Ele precisa nascer.

– Ele?

– Sim. Quando Seth desfez Osíris, uma parte da energia dele se perdeu. O poder dele foi diminuído. Já não pode mais ser o deus que foi no passado. Se um bebê nascer, aquele pedaço de Osíris que Seth roubou vai ser dado à criança. – Virando-se nos braços de Amon-Rá, Néftis agarrou sua mão. – É correto e natural que os pais deem aos filhos algo de si.

– À medida que os poderes do bebê crescessem, os dos pais diminuiriam – retrucou Amon-Rá. – É possível que nem sobreviva ao nascimento. Mesmo com a força vital restante de Osíris, não há energia suficiente disponível para criar outro deus. Talvez, se ele fosse mortal... – a voz dele foi sumindo.

– Dois deuses não podem conceber uma criança mortal. Além disso, Ísis e Osíris vão sobreviver se você der à criança um pedacinho seu também.

Amon-Rá esfregou o queixo.

– O bebê vai servir de distração a Seth – completou Néftis. – Ele passará décadas incontáveis tentando retomar a energia que vai perder. Tentará

desfazer o filho de Ísis e Osíris de todos os meios disponíveis, mas, com a força que você vai conceder ao novo deus, Seth não terá sucesso.

– Néftis, você tem certeza disso? – perguntou Amon-Rá, seus olhos faiscando com uma emoção tácita.

Ela sabia que a pergunta dele envolvia mais do que o futuro filho de Ísis.

Ela abriu um sorriso radiante.

– Com a sua ajuda, eu posso dar conta disso.

– Continuo sem entender por que foi necessário se casar com ele. Você não o ama – afirmou ele, mas, ainda assim, ela percebeu hesitação nas palavras dele, a pergunta subliminar.

– Não. Não o amo. Mas foi um meio para um fim.

– Então prometa que, no final, quando tudo terminar, isso vai lhe trazer felicidade.

Tomando a mão dele, ela a levou até seu rosto e depositou um beijo suave na palma.

– Prometo.

Delicadamente, ele acariciou seu lábio inferior com o polegar. Ela fechou os olhos, deliciando-se com a carícia cheia de ternura, então ele relaxou e a ajudou a se levantar.

– Vou precisar cuidar disso o mais rápido possível, então. Você me acompanha? – perguntou ele. – Quer dizer... se não estiver sentindo dor – acrescentou, olhando para suas costas, onde antes ficavam as lindas asas.

– Vou me acostumar. Além do mais, vai ajudar se eu estiver presente. Ísis vai precisar de mim.

– Você ainda vai conseguir se transformar em uma pipa?

Néftis sacudiu a cabeça com tristeza.

– O pássaro Benu vai ter que voar sozinho.

O maxilar de Amon-Rá se contraiu.

– Então o pássaro Benu vai ficar no chão até chegar o momento em que você possa voltar a se unir a ele.

– Talvez demore muito tempo. Não vai sentir falta de voar? – perguntou ela.

Ele se virou para ela com os olhos cheios de pesar e com o início terno de alguma outra coisa.

– Eu sentiria mais falta de ter você ao meu lado – respondeu ele.

A boca de Néftis curvou-se em um sorriso suave.

– Precisamos ir – disse ela.

Amon-Rá pegou a mão dela e a conduziu até sua câmara iluminada pelo sol, onde ela sabia que Ísis e Osíris estavam esperando. Com um aceno da mão, ele enviou uma convocação a Seth em um chamado que não dava margem a discussão.

Néftis sabia que quanto mais pudesse postergar a busca do marido por seu caminho de destruição, melhor. As estrelas sussurraram para ela que Wasret não nasceria antes da alvorada da última grande era e que somente ela teria o poder de desfazer o desfazedor. Até lá, Néftis tinha de desempenhar uma dança complicada, mover as peças no tabuleiro e manter Seth ocupado demais para notar a rainha mortal até que ela estivesse pronta para se erguer.

EPÍLOGO

Colheita

Néftis saiu de seu lugar atrás do trono de Amon-Rá no momento em que Seth entrou na sala. Ela se posicionou ao lado do marido, fingindo sorrir. Ísis arquejou de leve, o que provavelmente significava que ela havia reparado na ausência das asas de Néftis. Ver sua esposa castigada pareceu satisfazer Seth e ele tomou sua mão, apertando-a em um gesto possessivo. Néftis reparou na testa franzida de Amon-Rá ao olhar para as mãos deles e, quando ela sacudiu a cabeça de leve, Amon-Rá voltou sua testa franzida para Ísis e Osíris.

– Contem-me tudo – ordenou Amon-Rá.

E eles contaram. Ísis e Osíris falaram sobre tudo que viram Seth fazer, encheram Amon-Rá de informações, incluindo o fato de que Seth recentemente tinha desfeito a grande floresta, transformando-a em um deserto tão extenso que nem Nut podia mandar chuva para lá. Durante a conversa, sempre que Seth tentava dizer algo, Amon-Rá simplesmente olhava com severidade para ele e isso fazia Seth reprimir a língua, embora descontasse a raiva na mão da esposa.

Apesar de sua determinação em permanecer impassível, Néftis estremeceu e Amon-Rá reparou imediatamente.

– Seth – disse ele com ar ameaçador –, afaste-se de sua mulher.

Seth obedeceu e simplesmente se largou em uma poltrona, fazendo uma careta desrespeitosa.

– Você usou seu poder para matar Osíris e desfazer as asas de Néftis? – perguntou-lhe Amon-Rá com uma expressão capaz de congelar um vulcão em

erupção. – Você fez todas as coisas de que eles o acusam? – Amon-Rá apontou para Ísis e Osíris.

– Fiz – respondeu Seth de maneira bem direta. – Foi... um acidente. Não era a minha intenção. É que, quando fico com raiva, nem sempre consigo controlar o que faço. Além do mais, a minha esposa fez o impensável. Néftis diminuiu as Águas do Caos para trazer Osíris de volta. É lamentável, mas não é correto ela sacrificar algo seu para compensar? Talvez fosse a maneira do cosmos de trazer de volta o equilíbrio.

Amon-Rá rangeu os dentes.

– Você acha que sabe muita coisa, Seth. Devia ter trazido a questão a mim em vez de querer resolver tudo sozinho.

– Não é direito de um homem dar conta da própria esposa? – perguntou Seth.

Amon-Rá desdenhou:

– Qualquer homem, mortal ou deus, sabe que não há como dar conta de uma esposa. As mulheres dão conta de si mesmas e os homens que são inteligentes saem do caminho. Mas eu não esperaria que um moleque como você soubesse disso.

A ira iluminou o rosto de Seth, mas, antes que ele conseguisse responder, Amon-Rá perguntou:

– Falando de imaturidade, por que não relatou ao Ennead seu poder recém-desenvolvido?

Seth deu de ombros.

– Eu não queria dizer nada até treinar mais.

– Eu diria que você já treinou bastante.

O olhar de raiva de Seth se transformou em um sorriso de crocodilo quando Amon-Rá voltou sua ira a Ísis e Osíris.

– Quanto a vocês dois, sinto muito, mas o que fizeram acarreta graves consequências.

– O quê? – Osíris abraçou Ísis e puxou-a para perto de si. – Como assim?

– Quero dizer que o seu poder, Osíris, foi diminuído – disse Amon-Rá com um suspiro. – Você voltou para nós como a metade do deus que já foi. Ísis desrespeitou as regras. Não uma vez, mas duas. Ela teceu feitiços que

refizeram a natureza do cosmos. Concluí que vocês dois causam confusão quando estão juntos.

– O que quer dizer com isso? – quis saber Ísis.

– Que há um preço terrível a ser pago. Infelizmente, vocês dois vão ter que ser separados. Osíris, a partir de agora você está banido para a vida após a morte, onde não terá contato com Ísis até o momento em que eu considerar que vocês dois aprenderam a lição.

Lágrimas de raiva brotaram dos olhos de Ísis.

– Não foi culpa dele. Fui *eu* quem o trouxe de volta. Castigue a mim.

– A vida após a morte não é um castigo. É um dever – disse Amon-Rá com benevolência. – E é uma obrigação que Osíris será capaz de cumprir desde que conte com a ajuda de Anúbis e Maat. Cuidar das plantações de lá dará a ele uma medida de paz, já que não será mais capaz de desempenhar as mesmas tarefas no domínio mortal.

– E quanto a Seth? – Ísis quis saber. – Qual será o castigo dele?

Seth reprimiu a satisfação que sentiu com a decisão de Amon-Rá e tentou adotar um ar de arrependimento.

– Seth fará o juramento de que não vai usar seu poder contra qualquer deus nunca mais. Vai ser supervisionado de perto por mim. Prometo a você.

– Só isso? – perguntou Osíris. – Depois de tudo que ele fez, só vai levar uma bronca que serviria melhor para uma criança travessa?

– Você não deve questionar minhas decisões – respondeu Amon-Rá. – Deve cuidar de seus deveres. – Ele se inclinou para a frente com uma expressão de simpatia ao se voltar para a deusa chorosa. – Sinto muito por isso, de verdade. Mas saiba que é para o seu próprio bem. Vou lhes dar um descanso até amanhã. Consolem-se esta noite com o amor que sentem um pelo outro. Mandarei Anúbis buscar Osíris pela manhã.

Ele voltou-se para Seth.

– Quanto a você, até demonstrar para mim de maneira satisfatória que sabe como tratar uma esposa, vai ficar longe desta aqui.

O canto da boca de Seth curvou-se para baixo e ele baixou a cabeça em uma falsa medida.

– Como quiser – respondeu com a voz fraca.

– E não vai incomodar estes dois hoje à noite. Deixe que se despeçam. Eles vão permanecer em Heliópolis, onde passarão as horas que lhes restam juntos, e você vai passar a noite na Terra, pensando nas coisas que causou. – Amon-Rá olhou bem para Seth. – Eu vou saber se você romper a fronteira dos nossos domínios.

– Claro que sim, ó poderoso! – retrucou Seth.

Ele lançou um olhar a Néftis, que sacudiu a cabeça, indicando que não iria acompanhá-lo. Na verdade, no momento ele preferia mesmo ficar sozinho. Com as mãos nas costas, seguiu para a barreira que separava os domínios.

Quando desapareceu através dela com um estalo, ele sorriu. Eles que tenham sua noite juntos. Ele teria o dia seguinte e o outro depois dele. Ísis iria esquecer Osíris antes que o ano terminasse. Depois disso, seria apenas uma questão de tempo até que ele pudesse conquistá-la. Com a habilidade dela de criar feitiços, ele poderia ter qualquer coisa que desejasse. Poderia até depor o próprio Amon-Rá. Esfregando as mãos ao sair da barreira, ergueu o nariz para o vento e ficou imaginando que criatura poderia desfazer em seguida.



Uma hora mais tarde, Néftis bateu na porta de Amon-Rá.

– Entre – pediu ele.

Quando viu que era ela, levantou-se, pegou sua mão e a acomodou na poltrona macia ao lado da dele, a mesma que ela costumava ocupar quando tomavam chá juntos.

– Como ela está? – perguntou ele.

– Como era de se esperar. Osíris a levou embora.

– Você contou a ela sobre Cherty?

Néftis assentiu.

– Dei a ela uma bolsa cheia das suas moedas cunhadas. Então lhe disse que poderia subornar Cherty para levá-la para ver o marido; se ela desse conta de suas responsabilidades, ninguém perceberia.

– Muito bem – disse ele.

– Ela perguntou sobre os nomes verdadeiros. Quer que eu diga a ela qual é o de Seth.

– O que você respondeu?

– Eu disse que só você sabia disso.

– Foi inteligente. Significa que ela virá atrás de mim. Não precisa saber que nem eu conheço o nome verdadeiro dele.

– Ela pensa que eu o amo – disse Néftis.

– Você contou a verdade a ela?

– Eu só respondi: “É melhor ter amado e perdido do que nunca ter amado.”

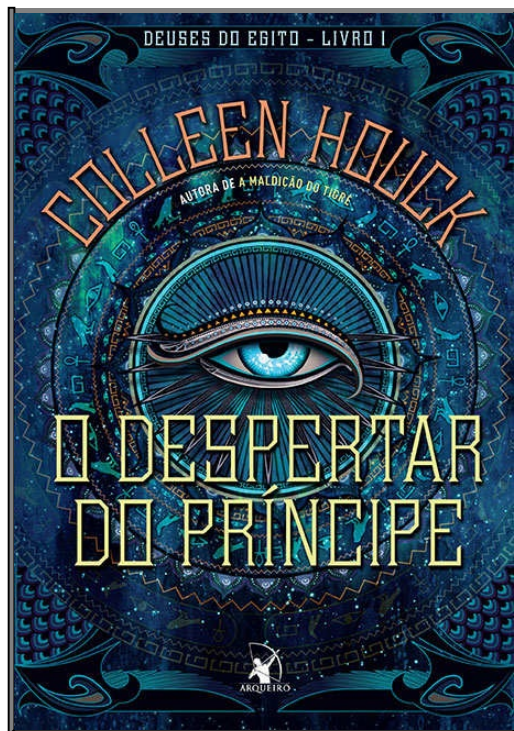
Amon-Rá correu os dedos de leve pelas costas da mão dela.

– Você acredita nisso? – perguntou ele, sentindo-se como se tudo dependesse da resposta dela.

Os olhos de Néftis brilharam quando eles se fitaram.

– Não – respondeu ela simplesmente. – O amor, depois de encontrado, nunca se perde.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA SÉRIE DEUSES DO EGITO



O DEPERTAR DO PRÍNCIPE

Deuses do Egito – Livro I

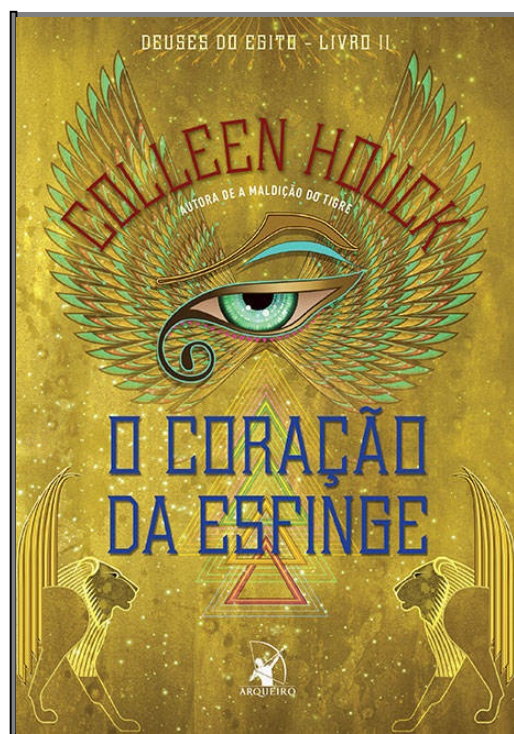
Aos 17 anos, Lilliana Young tem uma vida aparentemente invejável. Ela mora em um luxuoso hotel de Nova York com os pais ricos e bem-sucedidos, só usa roupas de grife, recebe uma generosa mesada e tem liberdade para explorar a cidade.

Mas para isso ela precisa seguir algumas regras: só tirar notas altas no colégio, apresentar-se adequadamente nas festas com os pais e fazer amizade apenas com quem eles aprovarem.

Um dia, na seção egípcia do Metropolitan Museum of Art, Lily está pensando numa maneira de convencer os pais a deixá-la escolher a própria carreira

quando uma figura espantosa cruza o seu caminho: uma múmia — na verdade, um príncipe egípcio com poderes divinos que acaba de despertar de um sono de mil anos.

A partir daí, a vida solitária e super-regrada de Lily sofre uma reviravolta. Uma força irresistível a leva a seguir o príncipe Amon até o Vale dos Reis, no Egito, em busca de seus outros dois irmãos adormecidos, numa luta contra o tempo para realizar a cerimônia que é a última esperança para salvar a humanidade do maligno deus Seth.



O CORAÇÃO DA ESFINGE

Deuses do Egito – Livro II

Lily Young achou que viajar pelo mundo com um príncipe egípcio tinha sido sua maior aventura. Mas a grande jornada de sua vida ainda está para começar.

Depois que Amon e Lily se separaram de maneira trágica, ele se transportou para o mundo dos mortos — aquilo que os mortais chamam de inferno. Atormentado pela perda de seu grande e único amor, ele prefere viver em agonia a recorrer à energia vital dela mais uma vez.

Arrasada, Lily vai se refugiar na fazenda da avó. Mesmo em outra dimensão, ela ainda consegue sentir a dor de Amon, e nunca deixa de sonhar com o sofrimento infinito de seu amado. Isso porque, antes de partir, Amon deu uma coisa muito especial a ela: um amuleto que os conecta, mesmo em mundos opostos.

Com a ajuda do deus da mumificação, Lily vai descobrir que deve usar esse objeto para libertar o príncipe egípcio e salvar seus reinos da escuridão e do caos. Resta saber se ela estará pronta para fazer o que for preciso.

SOBRE A AUTORA

COLLEEN HOUCK é uma leitora voraz que adora títulos de ação, aventura, temas paranormais, ficção científica e romance. Ela entrou para a lista de livros mais vendidos do *The New York Times* com a sua primeira série, *A maldição do tigre*, que já vendeu mais de 630 mil exemplares no Brasil. A obra teve os direitos adquiridos pela Paramount Pictures. Colleen estudou na Universidade do Arizona e trabalhou como intérprete de língua de sinais durante 17 anos. Ela mora em Salem, no Oregon, com o marido e uma imensa coleção de tigres de pelúcia.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[Epílogo](#)

[Conheça outros livros da série Deuses do Egito](#)

[O despertar do príncipe](#)

[O coração da esfinge](#)

[Sobre a autora](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)